

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES EM REDE NACIONAL  
PROF-ARTES**

**ALINE LIMA DOS SANTOS**

**JOGO TEATRAL E IDENTIDADE AFRO-INDÍGENA: valorizando a  
ancestralidade no município de Mamanguape, PB**

João Pessoa  
2023

**ALINE LIMA DOS SANTOS**

**JOGO TEATRAL E IDENTIDADE AFRO-INDÍGENA: valorizando a ancestralidade no município de Mamanguape, PB**

Dissertação apresentada para Defesa, junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes em Rede Nacional – PROF-ARTES, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de Concentração: Ensino de Arte

Linha de Pesquisa: Abordagens Teórico-metodológicas das Práticas Docentes

**Orientador:** Prof. Dr. Fernando Antonio Abath Luna Cardoso Cananéa

João Pessoa  
2023

## FICHA CATALOGRÁFICA

**S237j Santos, Aline Lima dos.**

**Jogo teatral e identidade afro-indígena :**

**Valorizando a ancestralidade no município de**

**Mamanguape, PB / Aline Lima dos Santos. – João Pessoa,  
2023.**

**131 f. : il.**

**Orientação: Fernando Antonio Abath L. C. Cananéa.**

**Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCTA.**

**Jogos teatrais – Educação. 2. Identidade**

**Cultural. 3. Ancestralidade. 4. Diálogo de saberes. I.**

**Cananéa, Fernando Antonio Abath Luna Cardoso. II.**

**Título.**

**UFPB/BC**

**CDU 792:37(043)**

**ALINE LIMA DOS SANTOS**

**JOGO TEATRAL E IDENTIDADE AFRO-INDÍGENA: valorizando a ancestralidade no município de Mamanguape, PB**

Aprovada em: João Pessoa, 19/12/ 2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Fernando Antonio Abath Luna Cardoso Cananéa  
– PROF-ARTES-CCTA/UFPB - Orientador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Liria de Araújo Moraes

Membro Examinador  
PROF-ARTES-  
CCTA/UFPB

Interno-

---

Profa. Dra. Aline Maria Batista Machado  
Membro Examinador Externo-PPGE-CE/UFPB

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus por me permitir estar nesse percurso de mestra.

A minha família: meu falecido pai Nelson Lopes dos Santos de quem herdo minha cor de pele negra e sua extroversão na vida, nas relações com as pessoas e em gostar de ler sobre temáticas diversas, pois em vida ele foi um espelho de um negro trabalhador e leitor. À minha mãe Stela Maria Lima dos Santos e meu irmão Rodrigo Lima dos Santos, sempre foram minha rede de apoio a tudo que me dispus conquistar sendo artista docente bem como mãe solo que sou do Pietro. Cuidando de tudo durante minhas vindas à João Pessoa com meu pequeno Pietro Santos de Lima, filho com seis anos de idade. Minha mãe cuidou dele diante da rotina das aulas de segunda-feira, presenciais em 2022 e mesmo hoje se eu preciso resolver algo seja da universidade quanto de questões enquanto arte-educadora.

A minha inesquecível Severina Maria Oliveira de Vasconcelos, eterna Sevy (in memoriam). A mesma foi secretária de Educação em Mamanguape no início de toda minha trajetória artística de meados de 2000 até 2021, ano de seu

falecimento coincidentemente no dia de meu aniversário, 13 de abril de 2022 (ano retrasado). Ela sempre me incentivou a partir de um convite à exercer minha Arte como Agente Cultural e em seguida funcionária pública, antes contratada e depois de seu incentivo em diversos aspectos de minha vida, funcionária efetiva que hoje sou desde 2003. Ela é ainda hoje uma inspiração em minhas conquistas acadêmicas e artísticas. Foi minha Paraninfo da Licenciatura Plena em Educação Artística – Artes Cênicas e a convidaria novamente para essa minha nova conquista na UFPB.

Aos/as meus/minhas educandos(as) da Escola Municipal Ana Cavalcante, todo meu amor pela aceitação de minha Pesquisa no Prof-Artes bem como meu trabalho diário em Artes. Todo meu respeito e amor à essa Escola Mamanguapense que sou artista docente.

E especialmente, além de todas essas menções, quero citar meu Orientador desse Mestrado: Prof. Dr. Fernando Antonio Abath Luna Cardoso Cananéa, o qual sou grata por toda aprendizagem e orientação, mas também por escolher minha pesquisa tanto quanto por me orientar, toda minha gratidão por essa jornada de saberes e aquisição de pertença à minha terra enquanto preta e mamanguapense que sou.

Ao meu Gestor Escolar Robson Silva que aceitou a pesquisa de coração aberto e apoiou-me nas documentações necessárias, em nada me impediu. Sendo assim, o agradeço.

Agradeço aos colegas da minha escola, que de alguma forma contribuíram para o sucesso dessa Pesquisa em 2022. Aqui quero citar meu querido amigo, Prof. Doutorando João Batista que leciona Geografia na escola: seus conselhos sobre a Defesa tanto quanto o seu afeto na minha luta com o Ensino de Arte em Mamanguape.

Nessa jornada acadêmica menciono o querido Prof. Dr. Arthur Marques, coordenador do Prof-Artes-UFPB em 2023, com muita gratidão, pelas suas orientações nas questões burocráticas do curso e por ter sido sua aluna nesse mestrado. E junto a ele trago o afeto por Bianca, secretária administrativa do Prof-Artes-UFPB por estar sempre disponível a auxiliar em questões administrativas, mesmo à distância, em documentações necessárias nesse trajeto.

Finalizo grata a todos os obstáculos e pessoas que finalizaram seus ciclos e me desanimaram em dado momento, pois elas me fizeram ver o quanto sou forte e sou capaz. Agradeço por cada lágrima também, as quais me tornaram mais forte. Mas sempre grata a vida aos autores que trouxemos aqui e tanto quanto ao amor que tenho e me faz não desistir pela Arte-educação em Mamanguape, PB.

## **RESUMO**

Reconhecendo a história de luta e miscigenação do colono ao indígena até chegar ao negro(a) africano trazido para o trabalho escravo em Mamanguape, PB, buscamos estudar a sua ancestralidade na Paraíba pesquisando sobre os elementos que reforçam a identidade afro-indígena, bem como a do cortador de cana-de-açúcar no que se refere aos(as) educandos(as) buscando facilitar esses conhecimentos sobre o patrimônio imaterial mamanguapense a partir de Jogos Teatrais num processo de retomada desses saberes ancestrais pertinentes à aulas de Arte que é um espaço único para o fortalecimento dessas identidades culturais. Buscamos o processo de quem somos e até aonde chegamos diante de uma terra que foi colonizada e devastada em seus saberes locais em sua trajetória singular no Estado da Paraíba e também no Brasil. Nesta pesquisa buscamos experienciar e fortalecer a cultura local por meio de jogos teatrais que utilizem os saberes ancestrais dos educandos(as), e que resultem em um reconhecimento de quem somos, docente e educandos(as), realizando experiências cênicas, nesse local tão particular e

tão coletivo, que é o de se reconhecer indígena ou negro, buscando o fortalecimento de sujeitos pesquisadores críticos . Diante dessas questões e dos responsáveis (pais, mães ou avós) desses educandos (as) ainda trabalharem para a usina açucareira local, nos instigou pesquisar e refletir sobre a relação desses educandos(as) nesse processo de ensino das Artes Cênicas. Construímos diálogos de saberes culturais com eles e elas sobre suas identidades culturais, diante de tal presença e história, que ainda hoje continua nessa classe trabalhadora miscigenada, tendo sido essas práticas com os jogos teatrais nosso fio condutor nesse estudo. Nosso Problema de Pesquisa buscou compreender 'Até que ponto os educandos do 6º ano reconhecem sua identidade de luta e saberes a partir de jogos teatrais e vivências de saberes afro-indígenas por meio das danças circulares Coco de Roda e Ciranda, ancestrais em Mamanguape?' Nessa perspectiva de investigação buscamos compreender nossa Hipótese de Pesquisa que foi indagar 'Existe reconhecimento de identidade ancestral afro-indígena entre os educandos(as) do 6º ano da Escola Ana Cavalcante? Favorecer um ensino antirracista a partir das leituras e jogos teatrais e das danças circulares sobre o colono, o indígena e o negro, ancestrais no corte da cana-de-açúcar local foi nosso objetivo geral. Buscamos também Identificar nos educandos(a) a pertença ancestral indígena ou afro-brasileira; Compreender a história étnico-racial a partir das leituras locais sobre Mamanguape e a Distinguir nos Jogos Teatrais, Coco de Roda e na Ciranda pertença ancestral étnica tanto nas vivências quanto nos diálogos ora Teatralizando ou Dançando como nossos objetivos específicos. Empregamos a Metodologia da Pesquisa Participante cuja Abordagem foi a Qualitativa e investigamos, com a utilização dos jogos teatrais, vivências orais e de performances cênicas, o cruzamento das duas etnias originárias, não só no Brasil, como no território mamanguapense, numa perspectiva de fortalecer esse saber ancestral e referenciar sobre seus povos originários e, a partir daí, produzir jogos teatrais por meio de leituras de referências locais e diálogos com esses educandos(as) relacionando-as com a história deles e, ao final das oficinas teatrais realizadas, foi encenada uma construção cênica coletiva, a partir de todo o processo elaborado por eles e elas.

**Palavras-chave:** jogos teatrais; identidade cultural; ancestralidade; diálogos de saberes.

## **RESUMEN**

Reconociendo la historia de lucha y mestizaje desde el colono al indígena y al negro africano traído a trabajar como esclavo en Mamanguape, PB, buscamos estudiar su ascendencia en Paraíba investigando los elementos que refuerzan la identidad afroindígena, así como la del cortador de caña con respecto a los alumnos, buscando facilitar este conocimiento del patrimonio inmaterial de Mamanguape a través de juegos teatrales en un proceso de recuperación de este conocimiento ancestral pertinente a las clases de arte, que es un espacio único para el fortalecimiento de estas identidades culturales. Buscamos el proceso de quiénes somos y hasta dónde hemos llegado frente a una tierra colonizada y devastada en sus saberes locales en su trayectoria única en el estado de Paraíba y también en Brasil. En esta investigación buscamos vivenciar y fortalecer la cultura local a través de juegos teatrales que utilizan los saberes ancestrales de los alumnos, y que resultan en un reconocimiento de lo que somos, profesores y alumnos, realizando experiencias escénicas, en este lugar tan particular y tan colectivo, que es reconocerse indígena o negro, buscando fortalecer sujetos críticos de la investigación. Frente a estas

cuestiones y al hecho de que los responsables (padres, madres o abuelos) de estos alumnos aún trabajan para el ingenio local, nos sentimos instigados a investigar y reflexionar sobre la relación entre estos alumnos y este proceso de enseñanza de las Artes Escénicas. Construimos con ellos diálogos de saberes culturales sobre sus identidades culturales, ante tal presencia e historia, que aún hoy continúa en esta clase obrera mestiza, y estas prácticas con juegos teatrales fueron nuestro hilo conductor en este estudio. Nuestro problema de investigación buscaba comprender "¿En qué medida los alumnos de 6º grado reconocen su identidad de lucha y conocimiento a partir de juegos teatrales y experiencias de conocimiento afroindígena por medio de las danzas circulares Coco de Roda y Ciranda, ancestros en Mamanguape?" Desde esta perspectiva, buscábamos comprender nuestra hipótesis de investigación, que era preguntarnos "¿Existe reconocimiento de la identidad ancestral afroindígena entre los alumnos de 6º grado de la Escuela Ana Cavalcante?". Nuestro objetivo general era fomentar una enseñanza antirracista basada en lecturas y juegos teatrales y danzas en círculo sobre el colono, el indígena y el negro, antepasados en el corte de la caña de azúcar local. También buscamos Identificar la pertenencia ancestral indígena o afrobrasileña en los alumnos; Comprender la historia étnico-racial a partir de lecturas locales sobre Mamanguape y Distinguir la pertenencia ancestral étnica en los juegos teatrales, Coco de Roda y Ciranda, tanto en las vivencias como en los diálogos, teatrales o de danza, como objetivos específicos. Utilizamos la Metodología de Investigación Participativa con Enfoque Cualitativo e investigamos, a través del uso de juegos teatrales, experiencias orales y representaciones escénicas, la intersección de las dos etnias originarias, no sólo en Brasil, sino también en el territorio Mamanguapense, con miras a fortalecer este conocimiento ancestral y referenciar sus pueblos originarios y, A partir de ahí, produjeron juegos teatrales a través de lecturas de referencias locales y diálogos con estos alumnos, relacionándolos con su historia. Al final de los talleres teatrales, se montó una construcción escénica colectiva, basada en todo el proceso desarrollado por ellos.

Palabras clave: juegos teatrales; identidad cultural; ancestralidad; diálogos de saberes.

## LISTA DE IMAGENS

Foto A: Meu primeiro par de Dança, eu enquanto Maria Bonita / Quadrilha Junina: Pioneiros da Alegria – Rio Tinto, PB. 1998.....	13
Foto B: Espetáculo Bonita Maria, sob a Direção do Mestre Elias de Lima/UFPB. Apresentação no Festival de Teatro, Santa Roza. 2012. ....	14
Fotos C e D: Fotos na Praça Treze em Mamanguape de Video-performance por transmissão em Live / Gravação. 2020.....	14
Foto 1: Desmembramentos dos municípios após a Emancipação Política de Mamanguape ocorrida em 25 de outubro de 1855. Mapa. ....	21
Foto 2: Patrimônios materiais “que ainda hoje existem” .....	21
Fotos 3 e 4: Jogos e Rodas de Diálogos Iniciais. Os Jogos Teatrais a partir das questões afro-indígenas.....	27
Foto 5: JOGOS INICIAIS: educanda realizando sua partitura com manuseio de objeto dentro da roda das brincadeiras .....	66

Fotos 6 e 7: Na Foto 6, Leitura de vídeos era a constante pesquisa de refrenciamento sobre Danças de matrizes afro-indígenas pela internet. A partir de um celular conhecemos diversos artistas e referenciamos nossas conversas, nossa oralidade. Foto 7 - Roda de Diálogo crítica com “O dia do din-din” ou “O dia da pipoca com refri” .....68

Fotos 8 e 9 – Foto 8- No pátio da escola vivências de partituras individuais e roda de diálogos. Foto 9- Reunião Pedagógica onde apresentei a Pesquisa para meus colegas de profissão e os resultados em andamento.....76

Fotos 10 e 11 - Leitura de vídeos sobre Ciranda; foto que demonstra afeto e fortalecimento de uma etapa muito importante. Eles/elas estavam com presença plena ali.....78

Fotos 12 e 13 – Nossa comunicação, no período pandêmico, se deu por mídias sociais e os arquivos para essa pesquisa especialmente pelo instagram. O whatsapp foi o meio primordial para nossos combinados diversos para as vivências corporais e jogos teatrais.....86

Fotos 14 e 15: Opressor/Oprimido. Em cena estamos eu e o educando em um jogo teatral sobre expressões corporais e a temática da escravidão. As direções de partituras (criar o movimento do corpo) eram: Como era a opressão? Como meu corpo recebe essa opressão? Como é oprimir esse corpo com essa ação?.....88

Fotos 16 e 17: Partituras Indígenas individuais/singulares. Em cena a educanda criou na roda sua partitura: “ Ser movida como uma flecha indígena”; seu braço estende esse objeto imaginário bem como a sensação de ser movida como uma flecha indígena que sugere muitas oralidades / atitudes.....89

Fotos 18, 19, 20 e 21: Nossos dois grupos iniciais e Leituras Referenciadas de Encruzilhada sobre Mamanguape.....103

Foto 18: Grupo A, educandos(as) de 7ºano.....103

Foto 19: O Grupo B, educandos(as) de 6ºano.....103

Fotos 20 e 21: As Leituras sobre Mamanguape referenciadas, sobre Casarões e os irmãos/irmãs africanos(as) escravizados(as), o surgimento da usina açucareira bem como o território de Mamanguape que antes era Baía da Traição, e sobre o povo Potiguara.....103

Fotos 22 e 23: Fotos do Grupo Focal definitivo pós período crítico da Pandemia de Covid e enchentes ocorridas em maio de 2022.....104

Foto 22: A esquerda, faltou apenas Maria Beatriz que estava doente nesse dia de Roda de Diálogo.....104

Foto 23: A direita, os(as) sete educandos(as) – Grupo Focal definitivo.....104

Fotos 24 e 25: Ciranda e Coco de Roda e Partituras Afronígenas individuais/singulares Em cena a educanda criou na roda sua partitura: “ Ser escravo e ser afro-indígena da usina açucareira”, um sujeito que escolhe não mais ser escravo .....104

Fotos 26 e 27: Ciranda e Coko de Roda e Partituras Afrondígenas individuais/singulares Em cena a educanda criou na roda sua partitura: “ Ser escravo e ser afro-indígena da usina açucareira”, um sujeito que escolhe não mais ser escravo.....105

Fotos 28 e 29: Materias confeccionados – Chocalho afro-indígena e Cantigas de Roda/ Musicalidade Afroindígena de Encruzilhada Ancestral.....106

Fotos 30 e 31: Rodas de Diálogos ao final de cada dia de encontro. Questões como: O que aprendeu hoje? O que foi bom? O que não foi bom? Entre outras conversas de saberes, era nossa rotina de encontros.....107

Fotos 32 e 33 : Culminância: Diálogos sobre o processo de aprendizagem de saberes étnicos. Como se deu essa Jornada de grupo encruzilhado.....112

Fotos 34 e 35 : Culminância: .....112

Foto 34: Mais diálogos sobre o processo de aprendizagem de saberes étnicos. Como se deu essa Jornada de grupo encruzilhado e como chegamos aqui.

Foto 35: Presença do Professor Orientador Fernando Abath em diálogos sobre a Orientação e o processo com o grupo chega nessa Culminância. Uma roda de diálogo com pais e educadores da Escola Ana Cavalcante

Fotos 36 e 37- Somos Negros.....113

Uma negra revoltada. Uma negra à venda, eis o Saber Ancestral Negro em Mamanguape. Cena: Uma colona branca de Mamanguape escolhe sua mucama. Corpo Negro: Mãos no chão, eis a identidade do negro(a) em Mamanguape. Terra essa que não é dele/dela mas pertence a esse Corpo ancestral

Fotos 38 e 39: Ser Indígena: Do Coko a Ciranda e da roda à sua relação ancestral. A cena representa a interação da platéia e pesquisadores demonstrando a Identidade Afro-indígena e a relação com Mamanguape.....113

Fotos 40 e 41: Vestimentas Afro-índigena e do Cortador de Cana-de-açúcar: Ambas as cenas aconteceram em roda e com partituras de saberes ancestrais Afro-indígena.....114

Fotos Finais: 42 e 43:.....114

Foto 42: É uma foto que considero muito significativa para esse lugar de saberes ancestrais trazendo em cena o cortador de cana-de-açúcar que assim culminou essa apresentação de saberes étnicos e ao fim conversamos sobre isso com a platéia presente.

Foto 43: A plateia representada por educadores e educandos(as) escolhidos(as) esses últimos por eles/elas os(as) educandos(as) pesquisadores.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>13</b>
<b>DIÁLOGOS SOBRE QUEM SOMOS: iniciando nossos diálogos</b>	
1.1 Lugar social da pesquisadora	
1.2 Construindo diálogos locais sobre a economia na Paraíba e o desenvolvimento econômico paraibano e seus saberes étnico-culturais: quem somos?	
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>27</b>
<b>O JOGO TEATRAL EM NOSSAS PRÁTICAS: fundamentando o nosso fazer</b>	
2.1 A Cultura como elemento de fortalecimento dos saberes, comportamentos e modos de ser e agir de determinado grupo	
2.1.1 Conceito de cultura	
2.1.2 Identidade cultural: o que nos faz diferentes	
2.2 O Jogo Teatral como prática educativa	
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>74</b>
<b>CAMINHOS TRILHADOS</b>	
3.1 Os caminhos iniciais e as possibilidades do processo	
3.1.1 Primeiros Passos : qual é minha cor?	

- 3.1.2 O Que foi pertinente nesse diálogo a partir da Oralidade (oralidade e atitude)?
- 3.1.2.1 Encontros e Reencontros sobre Saberes Ancestrais: estruturando os diálogos
- 3.1.3 O Cortador de cana-de-açúcar: quem é?
- 3.1.4 Descobrimo nossa identidade cultural ancestral mamanguapense

**CAPÍTULO 4 .....108**  
**OS JOGOS TEATRAIS E AS DANÇAS CIRCULARES COMO ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO DIALÓGICA DE SABERES ANCESTRAIS AFRO-INDÍGENA LOCAIS**

**CAPÍTULO 5 .....117**  
**VAMOS JOGAR E RECONHECER NOSSO TERRITÓRIO E A NOSSA IDENTIDADE CULTURAL MAMANGUAPENSE**

**REFERÊNCIAS .....125**

**APÊNDICES .....127**

**APÊNDICE A: TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA .....127**

**APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO...128**

**APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO APLICADO COM EDUCANDOS (AS) PARTICIPANTES DA PESQUISA .....130**

**APÊNDICE D: QUESTIONÁRIO FINAL APLICADO COM EDUCANDOS (AS) PARTICIPANTES DA PESQUISA.....131**

## CAPÍTULO 1

### DIÁLOGOS SOBRE QUEM SOMOS: iniciando nossos diálogos

#### 1.1 Lugar social da pesquisadora

Minha trajetória pessoal inicia com o incentivo de meu pai, quando pequena, em ouvir as músicas do “Rei do Baião”, Luiz Gonzaga. Paulista de nascimento, mas Mamanguapense de oportunidade, vim à Paraíba aos 14 anos após a morte de meu pai. Ao chegar, de imediato fui convidada a dançar em quadrilha junina, pelo respectivo conhecimento que tenho das músicas aprendidas com meu falecido pai. Estudei o Fundamental I e II e Ensino Médio, em minha atual cidade (Mamanguape), bem como o curso Normal (antigo pedagógico) que conciliava com os meus estudos do Ensino Médio.



Foto A: Fonte: arquivo pessoal da autora: Ano 1998 – Foto com meu primeiro par de Dança, eu enquanto Maria Bonita / Quadrilha Junina: Pioneiros da Alegria – Rio Tinto, PB. Trajetória em que começo por conhecer as músicas de Luiz Gonzaga e e ter o privilégio de poder ser a personagem. A partir daqui quis escrever uma nova História para esse “persona”.



Foto B: Fonte:arquivo pessoal da autora:Ano: 2012. Espetáculo – Bonita Maria, sob a Direção do Mestre Elias de Lima / UFPB. Esse Espetáculo / Monólogo foi fruto da disciplina Técnica do

Teatro e da Dança, Licenciatura / UFPB – Artes Cênicas, extinto: Educação Artística. Essa apresentação foi no Festival de Teatro, Santa Roza .



Fotos C e D: Fonte: arquivo pessoal da autora-Ano:2020. Lei Aldir Blanc – Edital: Fernanda Benvenuti. Fotos na Praça Treze em Mamanguape de Video-performance por transmissão em Live / Gravação.

Iniciei minha vida cultural, digamos, de forma mais sistemática, no ano 2000 como dançarina de Xaxado (Dança Típica nordestina, que em sua base coreográfica é dada pelo chiado dos pés, por isso se dá esse nome), por estar a época a oito anos dançando, já com 22 anos. Nesse período fazia Performance de Rua de Maria Bonita (mulher de Lampião, onde seu verdadeiro nome é Maria Déa). Mas minha releitura é uma mulher empoderada que fala às minorias, ou seja, uma mistura que fiz de Lampião com a Maria Bonita, narrando as dificuldades do povo subalternizado.

Diante da necessidade de falar da presença do negro e do indígena na formação dos povos originários na região, iniciei algumas performances de quadrilha junina na cidade e na rua, além da sala de aula quando convidada em datas como o Dia do índio e da Consciência Negra, em escolas direta ou indiretamente ligadas ao meu trabalho em sala de aula. Nesse período dancei vários anos na quadrilha junina também como a personagem Maria Bonita, que mencionei, e havia uma apresentação de Xaxado durante a quadrilha que eu fazia, pois nessa época era grande a necessidade de artistas que trabalhassem a temática nordestina e afro-indígena em eventos locais.

Foram mais de quatro anos, durante os quais também coordenei uma Companhia de Dança Infantil que incluía crianças e adolescentes de toda a cidade e a fazer Artes Cênicas a partir de montagens de espetáculos de Dança Gospel e do universo Infantil, tendo pertencido a uma Casa de Cultura e no ano

de 2008 até meados de 2012, fiquei vinculada ao Centro Cultural Fênix. Durante este tempo, assumi como professora no ano de 2001 por meio de um contrato na Prefeitura de Mamanguape, em uma comunidade periférica, na escola chamada Coronel José Castor do Rêgo. Em 2003 fiz concurso público, e tornei-me professora efetiva na cidade de Mamanguape. Em 2005 entrei pelo PEC (vestibular especial para professores sem formação específica) na UFPB, para a Licenciatura em Educação Artística – Artes Cênicas. Foram cinco anos e meio, devido a uma greve nas universidades públicas federais e por cursar a Licenciatura no turno noturno, o curso estendeu-se.

Em 2011.1 concluí a Licenciatura após a defesa da última disciplina: “Técnica do Teatro e da Dança”, com o Prof. Ms. Elias de Lima com o monólogo: Bonita Maria. Esse trabalho final junto a mais quatro profissionais, tornou-se Espetáculo e foi aprovado no edital da FUNJOPE (Fundação Cultural de João Pessoa) em 2012, no “Circuito das Praças” (Projeto de Teatro e Dança nas praças da cidade de João Pessoa). Nas praças dos bairros “Rangel” e “Bessa”, sendo o primeiro bairro em comunidade periférica e o segundo de classe média e média alta. A partir da experiência profissional adquirida com o espetáculo “Bonita Maria” já me envolvia também com o Projeto SESC, centro – JP: Leitura Encenada. Dirigi também algumas dessas Leituras cênicas.

Em 2006, um ano após entrar na Licenciatura, concorri em outros concursos públicos nas cidades do Litoral Norte da Paraíba, e em 2008 fui aprovada em concurso público de uma cidade vizinha a Mamanguape (Rio Tinto/PB), e tomei posse em 2011. Já fui contratada como prestadora de serviços educacionais pelo Governo do Estado da Paraíba, por ser uma das únicas professoras com Licenciatura em Artes da cidade de Rio Tinto. A procura aqui sempre foi por outras licenciaturas em vestibular e ainda é assim no ENEM. No decorrer dos anos, após 2011, fuiicineira do Programa Pro Jovem, em Capim/PB (cidade vizinha) e no PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), em Mamanguape. Atualmente trabalho como arte-educadora, também no CAPS I (Centro de Atenção Psicossocial – saúde mental), na cidade de Rio Tinto/PB, onde fui concursada em 2011. Ao longo do processo de atividades artísticas no que se refere à formação superior, cursei em 2001 “Psicologia das Relações Humanas” em Educação Popular, na antiga instituição Dom José Maria Pires, em Serra Redonda/PB, durante três anos.

No início de minha caminhada na igreja católica como praticante uni um grupo de Xaxado a um movimento de jovens na PJMP (Pastoral de Juventude do Meio Popular). Particpei de uma instituição que também trabalhava o Xaxado como expressão artística, voltado para crianças e adolescentes: “Pastoral do Menor”, em 2008. Fiz outros cursos pelo SENAI e Centro Cultural Fênix. Também nos Campi IV e V da UFPB, onde desenvolvi um artigo: “Amigos, amigos, Negócios em Artes: a Arte do porquê!” que recebeu aprovação em 2013, na UFPB - Campus IV.

Residindo desde os 14 anos na cidade de Mamanguape na qual sou professora de Artes e artista/performer, minha história, como já afirmei, começa em São Paulo, na qual, as experiências também com a arte, além de favorecer minha participação em atividades artísticas em sala de aula, também foi estimulada por meu pai que dava dinheiro para minha mãe comprar fitas cassete de minha artista que tanto eu gostava: Mara Maravilha. Cantava em laje da casa com minhas vizinhas, bem como na escola eu era sempre uma das candidatas à rainha da quermesse, festas juninas paulistas. Meu pai, em casa, também me deixou uma memória auditiva que era incentivada praticamente diariamente, por ele ser fã de Luiz Gonzaga, do vinil à fita cassete também.

Essa memória auditiva transformei em textos orais para minha maior personagem “Maria Bonita”, que interpreto na minha cidade, na qual uso de falas improvisadas, ou não, por essa memória auditiva em apresentações públicas ou particulares. Maria Bonita ou Bonita Maria, a diferença é que a segunda nomenclatura tem direito autoral.

Estudei Educação Artística - Artes Cênicas-UFPB em 2011.1 e na minha conclusão de curso pude participar junto ao meu orientador de um espetáculo profissional com essa forma de fazer teatro. O espetáculo foi o “Bonita Maria”, no qual era a atriz de um monólogo de oito vozes. Ficamos por volta de três anos em cartaz, em João Pessoa e em Mamanguape aonde foi minha defesa dessa disciplina final na Licenciatura. Cursei Metodologia do Ensino de Artes na UNEPI em 2013, Especialização essa que me ascendeu profissionalmente em meus proventos bem como na sala de aula, na forma de pensar e ministrar as aulas, até mesmo porque a reflexão que defendi ao final foi justamente o artigo “Amigos, amigos: negócios em Artes”. Escrevi esse artigo de defesa final

com o seguinte pensamento: a arte deve ser dialogada, já que é uma expressão humana onde se deve respeitar a prática docente da pesquisadora e dos pesquisados.

Cursei pelo Portal da Educação, Arteterapia em 2013, pois eu tinha uma experiência anterior e posterior ao assumir meu cargo efetivo na cidade de Rio Tinto que era justamente para trabalhar na Saúde, sendo no CAPS I que atua na Saúde Mental. Foram seis anos maravilhosos com ações no fluir e apreciar com muitas pessoas de diferentes dificuldades mentais, um saber artístico. Lá era onde eu também performava com Dança Afro ou com Performance Indígena pois Rio Tinto também tem pertencimento Potiguara. Estou em sala de aula ministrando Arte em Mamanguape desde meados de 2010, porém, bem antes, em 2001, atuei como Educadora Infantil em outra escola próxima do bairro onde se situa a escola em que trabalho atualmente (2023), por cerca de dez anos.

Leciono Arte também na cidade de Rio Tinto desde 2011, vizinha à Mamanguape. A sala de aula para mim é o meu local diário de pesquisa. Com a pandemia da Covid 19, enfrentamos novos desafios quando da introdução das aulas remotas, onde nos desafiamos para ministrarmos Ensino de Arte à distância, desafiador processo de criação em arte para essa pesquisadora.

No ano de 2022, com o avanço da vacinação na Paraíba, voltamos as aulas presenciais, e isso nos favoreceu a desenvolver essa pesquisa. Estar no Mestrado Profissional em Artes PROF-ARTES, é um foco meu há muitos anos e essa ação de pesquisa foi inspirado nas leituras de autores que contextualizam o ensino e a pesquisa em arte, suscitando em mim um olhar para o Saber Étnico da identidade cultural de luta dos saberes afro-indígenas mamanguapense e dos educandos (as) envolvidos na pesquisa.

A pesquisa trabalhou o Reconhecer, na história de Mamanguape, PB elementos que reforçam a identidade afro-indígena, e para além desse reconhecimento identificar a forte presença entre os familiares dos educandos(as) da figura do cortador de cana-de-açúcar facilitando esses conhecimentos de patrimônio imaterial e material mamanguapense a partir de Jogos Teatrais, desenvolvendo um processo de retomada desses saberes ancestrais desenvolvidos nas aulas de Arte. A partir dessas variáveis é que decidi realizar esses estudos. Pretendi com essa pesquisa falar, dialogar e

fortalecer as identidades culturais desses saberes ancestrais da cidade que resido e onde atuo como arte-educadora, minha querida cidade litorânea Mamanguape, PB.

Chamados para garantir o sucesso da indústria açucareira, que se procurava organizar na nova colônia, substituindo o colono e o indígena, os quais não haviam atendido satisfatoriamente com eficiência, para essa atividade, vieram os africanos, trazidos na condição de escravos (Costa, 1986, p.53).

Levando em consideração a presença das duas etnias diante do processo local da indústria açucareira e, essa relação de trabalho e a condição que esses povos mantêm enquanto trabalhadores, em situações precárias de trabalho análogo a trabalho escravo para essa atividade, comprovam que eles tinham relações sociais bem mais profundas que apenas o pertencimento da Cultura de Mamanguape já diante da própria história do Brasil, mais especificamente nesse município. Hoje, os pais, mães e avôs de meus educandos(as) ainda trabalham para as usinas açucareiras que permanecem nesse processo local e, essa realidade me convida a refletir e a fazer essa relação com meus educandos(as) diante de tais fatos, e da história que ainda hoje se repete nessa classe trabalhadora miscigenada e que não se reconhece em sua identidade cultural e étnica. Buscamos junto aos educandos (as) a dialogarem e refletirem sobre essa realidade local, em busca desse reconhecimento e fortalecimento de suas identidades culturais, sendo nosso objetivo central nesse estudo.

Como objetivo geral traçamos fortalecer a identidade cultural dos educandos (as) que vivenciam essa rotina de saberes dos povos originários, visando o referenciamento na perspectiva dos povos indígenas e afrodescendentes, buscando vivências orais e de performances de encruzilhada das duas etnias originárias não só do Brasil, mas do território mamanguapense. Complementando esse objetivo geral tivemos como objetivos específicos: a) identificar o território antes e depois das vivências sobre a história local de pertencimento; b) acessar os conhecimentos dos autores que escrevem sobre a história da cidade de Mamanguape; c) vivenciar o reconhecimento desse saber étnico ancestral.

Esse estudo, desenvolvido por essa pesquisadora na Escola Ana Cavalcante é fruto de um intenso trabalho em sala de aula com o ensino de Arte ao longo dos últimos dez anos, numa perspectiva de despertar na comunidade escolar os saberes afro-indígenas.

No próximo capítulo explicaremos a aplicação do Jogo Teatral como metodologia fundante desta pesquisa.

## 1.2 Construindo diálogos locais sobre a economia na Paraíba e o desenvolvimento econômico paraibano e seus saberes étnico-culturais: quem somos?

As emancipações econômicas foram acontecendo aos poucos. Mas ainda hoje o açúcar atrai empresas a se instarem no município e é trabalho para muitos pais de famílias mamanguapenses e do Vale do Mamanguape. Que local é esse? O que traz em sua história local uma ancestralidade econômica sobre a cana-de-açúcar e as questões étnica na Paraíba? Qual é sua identidade? O que a diferencia no contexto econômico a partir de sua história local, estadual e nacional?

Os holandeses, atraídos pelo açúcar, produto de grande desenvolvimento econômico no Brasil, e inimigos dos espanhóis, aproveitaram o ensejo e resolveram acometer as possessões espanholas, uma vez que Portugal estava sob o domínio espanhol. Ocorre a primeira tentativa da invasão holandesa na Paraíba. Em julho, os holandeses, vindos do frustrado ataque à Bahia, fizeram com que a esquadra aportasse à Bahia da Traição, onde foi repelida por forças enviadas pelo General Matias de Albuquerque, tendo como comandante André Vidal de Negreiros que lutou bravamente com admirável heroísmo. Os holandeses abandonaram a Baía da Traição em 1º de agosto. André Vidal de Negreiros, posteriormente, foi um dos primeiros donos de Sesmarias da região do Vale do Mamanguape (Andrade; Vasconcelos, 2005, p. 30).

Mamanguape até então era dona desse território e com vasta atração pela cana-de-açúcar atraiu os estrangeiros colonizadores à estarem aqui.

Andrade e Vasconcelos (2005, p.17) sobre isso, nos diz:

Em suas origens, a história de Mamanguape se insere no processo da conquista da Paraíba. A colonização na

Paraíba foi marcada por conflitos, principalmente entre colonizador e indígenas aliados dos corsários franceses.

Essa “invasão”, podemos mencionar assim, trouxe à Mamanguape uma vasta história de massacre étnico que aqui se deu com a chegada dos colonizadores. Sendo assim, essa terra tem em seu contexto histórico e econômico uma conquista territorial de morte e resistência de alguns de seus descendentes do povo Potiguara que hoje ainda se faz resistentes ao branqueamento atual e contemporâneo em diversas outras mortes de indígenas e afro-brasileiros nessa terra hoje emancipada politicamente, mas ainda com um longo caminho a percorrer na conquista do reconhecimento de sua identidade cultural.

Dentre os fatos econômicos ressaltam cronologicamente, a partir de 1940, no bojo da nova arrancada, os seguintes acontecimentos: A instalação da Usina Monte Alegre (Costa, 1986, p. 113).

Enfatizar isso nos remete ao cortador de cana-de-açúcar contemporâneo, pois graças à essa característica, hoje temos como força de trabalho predominante de nossa cidade.

À época da colonização do nordeste brasileiro coincidia com uma era em que os povos da Europa haviam começado a valorizar o uso da cana-de-açúcar (Costa, 1986, p. 47).

Em sua história, em 2023, Mamanguape com seus 168 anos ainda é a Rainha do Vale como menciona Andrade e Vasconcelos (2005) somos um Vale de muitas terras até então, como mencionamos Mamanguape. Ainda sobre isso, o que fez colonizadores desbravarem nossa terra vem justamente do cultivo dentre outras coisas do corte da cana-de-açúcar, especificamente por conta da riqueza açucareira aqui pulsante.

E sobre a escravidão que aqui acontecia, Rodrigues (2008, p. 51 *apud* Costa), afirma:

Em 13 de maio de 1888 a Princesa Isabel assinou a Lei que aboliu a escravidão no Brasil, a Lei Áurea. Sabendo-se que a mão-de-obra básica dos engenhos era a força física dos escravos, com a abolição da escravatura os senhores dos

engenhos perderam a mão-de-obra e, também, os valores pagos pela aquisição dos escravos. Este fato foi muito prejudicial à economia de Mamanguape.

Sendo assim, o trabalho deveria ser pago e não mais gratuito pela escravidão de afro-brasileiros aqui forçados a um trabalho físico. E aqui aconteceu que em dias atuais, a força física é de um trabalhador remunerado pela Usina, atuais engenhos de açúcar aqui existentes.

O município de Mamanguape está localizado na Microrregião do Litoral Norte do Estado da Paraíba. Mamanguape pertence à Região Metropolitana de João Pessoa (Rodrigues, 2008, p. 15).

Sobre Mamanguape e seus distritos antes do desmembramento, Rodrigues *apud* Câmpelo (1932, p. 17) afirma:

O município de Mamanguape era composto de Mamanguape (sede) e das povoações: Rio Tinto, Baía da Traição, Barra de Camaratuba, Bara de Mamanguape, Barra de Miriri, Cambabe, Campina (de Jacaraú), Capim, Coqueirinhos, Curral de Cima, Estacada, Guarita, Inhauá, Jacaraú, Jaraguá, João Pereira, Lagoa do Saco, Marcação, Mataraca, Miriri, Monte Mór, Olho d'Água do Serrão, Pindobal, Riacho da Lagoa, São Francisco, São João, São José do Rio Seco, São Miguel, Tavares, Timbó (de Jacaraú), Timbó (de São João), Tramataia e Várzea Comprida.

As emancipações econômicas foram acontecendo aos poucos, mas ainda hoje o açúcar atrai muitas empresas do ramo a se instalarem em todo o Vale de Mamanguape.

Mamanguape, pequena Lisboa retratada nos seus sobrados de azulejos, não importava apenas o material de alta classe para construções das grandes vivendas de sua época (Costa, 1986, p.59).

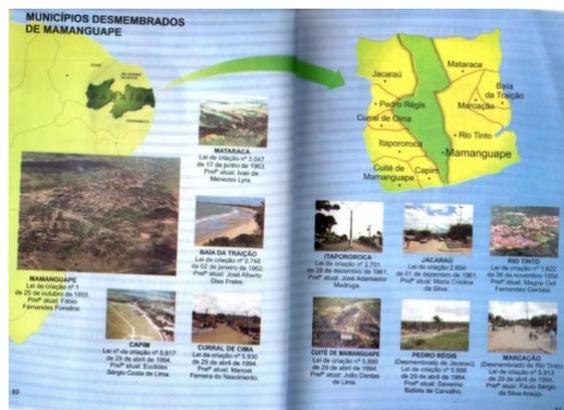


Foto 1: Desmembramentos dos municípios após a Emancipação Política de Mamanguape ocorrida em 25 de outubro de 1855.

Fonte: Livro: Mamanguape 150 anos: uma cidade histórica (Andrade; Vasconcelos, 2005, p. 80-81).

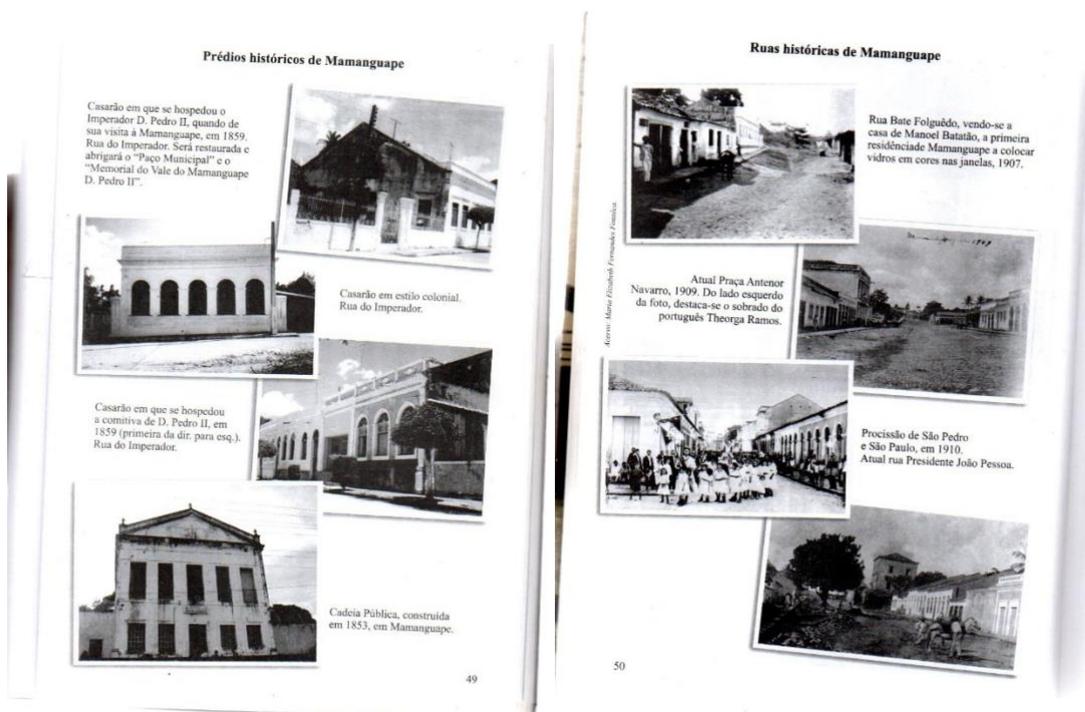


Foto 2: Patrimônios materiais "que ainda hoje existem" (Andrade; Vasconcelos, 2005, págs. 80-81).

A identidade de um indivíduo tem seu início no processo que se dá a partir do seu olhar para si próprio e do olhar do 'outro' para ele. Por isso podemos entender que o processo identitário é tanto individual quanto coletivo, sempre engendra instâncias conflituosas. A identidade não somente demarca a existência de um indivíduo no mundo, mas também direciona a maneira como ele vai se socializar (Felinto, 2012, p. 61).

Sou extremamente comprometida e militante em falar e experienciar em minha praxis docente a poética de saberes ancestrais étnicos, e enquanto artista docente me motivo e inspiro-me à trabalhar a temática de saberes ancestrais afro-indígena em sala de aula. Não me sinto em nada obrigada, não por Lei, mas por saber que esse povo ainda é e está nesse lugar de preconceito e tratado de forma colonizada e branquiada mesmo nos dias atuais. É de suma importância essa escrita acadêmica que o Prof-Artes/UFPB me oportunizou ao ingressar nesse Mestrado. Estar nesse lugar de fala e escrita é tão afetivo para mim quanto o é fortalecer um ensino antirracista no

grupo focal que não escolhi, mas eles/elas escolheram estar tanto quanto eu. Isso porque, antes de tudo, vem do contexto de saberes da minha própria história de luta, do processo de colonização de minha cidade e miscigenação em sua ancestralidade.

Volto a falar sobre o cortador de cana-de-açúcar não como um arquétipo minorizado nessa Pesquisa, mas meu intuito será, mesmo findo esse processo de mestrado continuar a pesquisa enfatizando à fala de quem ele é . Essa atividade laboral que predomina como meio de sobrevivência de pais de famílias não só de meus/minhas educandos/as mas de boa parte dos trabalhadores de minha cidade. O fortalecimento da economia local passa por esse trabalho braçal de muitos pais de família ainda hoje, os quais merecem respeito, não só porque são pais de meus/minhas educandos/as e isso me aproxima deles com afeto, e os registro nessa pesquisa trazendo esse saber étnico ancestral nas aulas de Arte na escola municipal Ana Cavalcante de Albuquerque.

O estímulo para a cultura da cana-de-açúcar nas terras do Brasil veio, a partir de 1583, com Martin Afonso de Souza que construiu engenho de açúcar em São Vicente. Pero Lopes de Souza e Pero Lopes da Silveira trouxeram aquela cultura para Pernambuco, construindo igualmente os primeiros engenhos. Esse fato sustenta e justifica a razão histórica de terem sido São Vicente e Pernambuco as duas capitais que mais prosperaram, em virtude do açúcar naqueles tempos constituir mercadoria muito valorizada e de grande procura (Costa, 1986, p. 47).

Além de serem saberes étnicos fazemos esse registro devido a importância econômica da zona canavieira de Mamanguape e o que esse município representa para o Estado da Paraíba.

Segundo Andrade e Vasconcelos:

Mamanguape é uma Cidade Tombada como Histórica pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba – IPHAEP, através do Decreto Estadual nº8.314, de 04 de dezembro de 1979, publicado no Diário oficial do Estado da Paraíba, em 06 de dezembro de 1979, página 01 (Andrade; Vasconcelos, 2005, p.78).

O que diz Costa sobre a existência dos povos originários nesse território:

Inicialmente, foram os franceses que conviveram com os nativos mamanguapenses, ocorrendo a presença dos portugueses a partir de 1585, quando começou a colonização de Mamanguape. Após as lutas para a posse definitiva da terra, perturbada por franceses e holandeses, com a restauração do povoado de Mamanguape e com a criação da Vila Monte-Mor, colonos portugueses e famílias abastadas de Pernambuco chegaram para se estabelecer na terra, cultivá-la, preparar as propriedades, iniciar a cultura da cana, construir os engenhos e casas grandes e abrir casas comerciais. Posteriormente, a presença do elemento negro representou uma exigência da necessidade do braço escravo para o serviço dos engenhos. Daí vêm os cruzamentos. A princípio, do índio com o europeu; em seguida, mesclado com o sangue escravo do negro africano (Costa, 1986, p. 57).

Onde resido e leciono Artes e desenvolvi essa Pesquisa.

No aldeamento primitivo ficaram os lusitanos e as autoridades locais. O povoado de Mamanguape, que tinha como sede a Vila de monte-Mór, graças à sua excelente localização à margem do Rio Mamanguape, e próxima ao Porto de Salema, prosperou e se expandiu, atraindo novos habitantes, inclusive senhores de engenhos de Pernambuco. Possuía o pau-brasil e outras madeiras de lei procuradas por toda a Europa; solo fértil, água cristalina e facilidade de navegação através dos rios Mamanguape e Camaratuba, constituindo-se num comércio explorador (Costa, 1986, p.45).

Desde o processo de colonização e apogeu econômico e social do município de Mamanguape/PB, bem como a sua riqueza de patrimônio imaterial e material, a origem desses povos contribuíram na formação da cultura local que ainda hoje é percebida na identidade de nosso povo e em nossa riqueza histórica, que enfatizo sempre em sala de aula.

Segundo Andrade e Vasconcelos (2005, p.35):

Foi aprovada, pelo Papa Clemente II em 1711, a Irmandade Nossa Senhora do Rosário, com o objetivo de congregar os homens de cor. A Igreja Nossa Senhora do Rosário foi construída pelos próprios negros. Anualmente havia a festa para coroação do rei dos negros. Ao lado esquerdo da igreja, no passado, havia o cemitério dos negros.

Falar de uma cidade que traz em sua história esse saber negro no patrimônio material e imaterial é com certeza uma honraria para essa pesquisadora e munícipes em geral. Mencionar esses dados que ainda hoje é

são temas de escritos acadêmicos como a dissertação da Profa. Eliane Cruz com a qual tenho o prazer de trabalhar na mesma escola em que a nossa pesquisa foi realizada. Registramos, também, que além dessa querida educadora da área de História temos mestres como Aldo Mendonça que traz em artigos e em sua trajetória enquanto historiador e antropólogo de nosso município, figuras históricas cujo registro me oportunizaram reconhecer e valorizar a nossa memória histórica e cultural.

Estamos ciente também, da ausência de conteúdos e formações locais continuadas que não abordam os saberes étnicos, além da escassez de referenciamento sobre Mamanguape em nossas escolas de forma rotineira. Para a secretaria de educação falar de Mamanguape também se resume ao mês de outubro, data de sua emancipação ou apenas nos Desfiles Cívicos que aqui também experienciamos. Nós, arte-educadora desse município histórico e de saberes ancestrais, partimos para uma busca de diálogos que identifiquem a identidade cultural local e que oportunizem um ensino-aprendizagem significativo no sentido freiriano de oportunizar diálogos críticos sobre a realidade local. Sinto-me convocada literalmente à não desistir de favorecer esse ensino sobre a identidade cultural e os saberes ancestrais étnicos.

Sabendo que essa história local ainda é ausente, esse falar sobre Mamanguape ainda não acontece também nos Encontros Pedagógicos locais e nas Formações Continuadas. Percebe-se desde a Gestão de Fábio Fernandes, ex-prefeito da cidade tanto quanto a gestão da ex-secretária de educação, que honro mencionando-a aqui nessa pesquisa do Prof-Artes, que ainda estamos à caminho desse referenciamento de Mamanguape no contexto nacional.

Ambos os mencionados, são falecidos, mas tenho estima e memória de seus feitos na Cultura e nos processos educacionais de Mamanguape, pois fiz parte desse trajeto enquanto Agente Cultural e Agente de Projetos como “Cidadão Já” que me orgulho em dizer que fiz parte. Hoje, Mamanguape possui uma Secretaria de Cultura cuja titular é a Profa. Ana Cristina que é Historiadora Licenciada e Professora com vasta experiência e com a qual, desde o início de minha carreira na prefeitura, tive o prazer de trabalhar. Atualmente percebe-se também esse olhar para o patrimônio imaterial e os fomentos de Leis de apoio a cultura na atual gestão municipal da Prefeita Maria Eunice e seu vice-prefeito, Dr. Zenóbio. Ambos são cientes de minha entrada na universidade e

acompanham o caminhar acadêmico dessa Pesquisa em Mamanguape sobre os saberes étnicos ancestrais.

As Leis de fomento à cultura estão chegando para nossos/nossas artistas e também me coloco nesse lugar de ser agraciada com um cadastro artístico local e me sinto valorizada financeiramente quando há editais, como nos anos de Pandemia: Leis Aldir Blanc I e II. Nesse contexto singular da Arte como artista local é que experienciei minha prática docente de atividades e ações de identidade cultural, que vão, desde quem sou enquanto arte-educadora urbana do Teatro para eles, como também em praticar nesses espaços diversos, esse fazer rotineiro de falar desses povos, bem como, a prática de afastar o achismo quando se fala de etnia em 19 de abril ou em 20 de novembro, por conta do Dia dos Povos Indígenas ou Dia da Consciência Negra.

Ações enraizadas na história pessoal da pesquisadora enquanto arte-educadora e artista-docente e a fixação dessas práticas diante de tudo já exposto nesse texto, nessa trajetória, tomou a proporção de pesquisa. Sendo assim, essa ação transformou as rotinas de jogos teatrais em sala de aula, num novo olhar sobre o ensino de Arte, com atividades híbridas ou remotas, em ações com os educandos(as), numa grande oportunidade de vivenciar e experimentar o Saber Étnico. Assim como a educação passa por diferentes transformações precisamos de um novo olhar no educar por meio da arte, frente aos desafios de novas práticas em sala de aula. Acredito que a prática do diálogo constante e rotineiro do Saber Étnico alcança, de forma potente, em sala de aula, uma ressignificação enquanto saberes desses educandos(as), ou seja, não deixar de falar nem de facilitar outras formas de trabalho com esse Diálogo Étnico, levando em consideração critérios como educar com a tecnologia e ao mesmo tempo ampliar formas de estudos desses saberes práticos.

Essa pesquisa visou, como se diz na Pretagogia de Sandra Haydée Petit (2015), fortalecer uma cosmovisão com os educandos(as) que vivenciam essas rotinas de saberes dos povos originários, porém, afro referenciando-a na perspectiva do conhecimento sobre textos que contextualizam sobre povos locais afroindígenas.

Tendo em vista vivências orais e de performances de saberes das duas etnias originárias não só no Brasil como em nosso território mamanguapense, pesquisamos numa perspectiva de fortalecer esse saber ancestral e diálogo sobre esses povos de forma dialógica na sala de aula com o uso de jogos teatrais que utilizaram o Saber Afro Ancestral e Indígena Potiguara, buscando o autoreconhecimento das etnias locais e de suas identidade culturais.

O reconhecimento desse Saber Étnico ancestral de duas etnias originárias de povos locais na disciplina de Arte é um saber de suma importância não só por conta da Lei nº10.639/2003 tão quanto Lei a L11.645/2008 que indica esse ensino nas aulas de Arte e também o componente curricular História, mas de uma busca de uma identidade cultural local que a sala de aula pode discutir e propôr. Um ensino antirracista é necessário não só por ser obrigatório no componente curricular Arte nem por ter esse respaldo nas Leis, mas por se tratar de um direito ainda hoje silenciado, infelizmente. Costumamos dizer em nossa sala de aula, que é um dever retomar esse direito também aqui em Mamanguape. Ainda sobre isso, considero válido também que ações afirmativas sobre estudos étnico-raciais é para o branco, para o não-negro, tão quanto o é para o não-indígena aqui ancestral. Portanto, educar sobre essas questões étnico-raciais nos traz competências e habilidades necessárias para uma identificação e reconhecimento étnico a partir de nossa história local. Eis o que aqui buscamos sem resumir-se a datas como: Dia dos Povos Indígenas e Consciência Negra.

A identificação do território na história local e da luta que antes foi travada por nossos ancestrais em nossa terra, a partir do acesso à autores sobre a cidade e sobre as etnias locais, favoreceu o antirracismo e o anti preconceito com o povo indígena e afro, tendo em vista a presença de povos potiguara n em datas comemorativas que vedam as lutas e identidade cultural local.

O acesso à oralidade afro e a oralidade Tupi, o saber do povo potiguara e seu habitat são saberes necessários aos educandos(as) de Mamanguape/PB, mas pouco abordados em sala de aula, daí a necessidade dessa pesquisa nessa tomada de acesso e compreensão dos saberes afro-indígenas ancestrais em Mamanguape, PB.

## CAPÍTULO 2

### O JOGO TEATRAL EM NOSSAS PRÁTICAS: fundamentando o nosso fazer

Os Jogos Teatrais proporcionam o prazer de jogar, de aprender jogando. O poder do jogo não está nas mãos dos educadores ou facilitadores, mas é coletivo e apresenta uma dinâmica de saberes e aprendizagens múltiplas. Esse é o começo de tudo em nossa sequência de diálogos, rodas essas que culminaram em algo maior visando a aprendizagem ancestral em Mamanguape, PB.

Calcado no conceito de jogos de regras, o sistema descarta a presença de um professor autoritário, que detém o saber, e propõe uma dinâmica educacional em que o grupo faz do jogo um procedimento prazeroso de aprendizagem (Desgranges, 2011, p. 110).



Fotos 3 e 4 – Jogos e Rodas de Diálogos Iniciais – agosto de 2022. Os Jogos Teatrais a partir das questões afro-indígenas referenciadas pelos livros sobre Mamanguape que foram trabalhados durante a pesquisa. Os Jogos Teatrais de Reverbel e Koudela foram trabalhados para Pesquisa e a culminância.

Fonte: Arquivo da autora-2022.

O foco de investigação está claramente definido em cada um dos exercícios, oferecendo bases tanto para a criação

quanto a análise das cenas, tirando do coordenador a exclusividade de definir a pertinência ou não das realidades dos jogadores. O grupo trabalha em conjunto, o professor participa e coordena o processo (Desgranges, 2011, p. 110).

Todo o processo de grupo se deu em decisões assertivas jogando e teatralizando em grupo, não apenas o individual do/a educando/a aqui foi importante nessas rodas de saberes por meio dos jogos, mas sempre no coletivo. O pensamento coletivo foi base de decisões para o processo de criações cênicas sobre as questões aqui estudadas sobre o indígena e o negro que habitaram em Mamanguape originariamente e ainda habita, contudo, sem ter sua identidade cultural reconhecida e que faz parte de nossa ancestralidade local. Ou seja, o grupo discutiu e propôs ativamente essa Pesquisa na Escola Ana Cavalcante de Albuquerque na cidade de Mamanguape.

Os bairros que fazem parte da comunidade escolar são os Bairros da proximidade do cemitério: Alto do Cemitério, que inclui a Rua do Meio e Bela Vista e Sertãozinho (Rodrigues, 2008, p.173) e pertencem a nossa região de território açucareiro, onde desses bairros saem os cortadores de cana-de-açúcar em sua maioria. Existem diversas empresas aqui instaladas.

Como afirma Rodrigues (2008, p. 105) sobre as instalações das usinas açucareiras, elas datam e estão aqui localizadas, destacando-se a Usina Monte Alegre:

A Usina Monte Alegre está instalada a 3 km do centro da Cidade, à margem direita do rio Mamanguape e da BR 101, que une João Pessoa a Natal. De 1940 até 1990, a Usina Monte Alegre era propriedade dos Irmãos Fernandes de Lima. Em 1990, a Usina Monte Alegre foi incorporada ao Grupo Soares de Oliveira, continuando como principal atividade econômica, a produção de açúcar e álcool, extraídas da cana-de-açúcar.

É de suma importância compreendermos que a instalação da Usina Monte Alegre em Mamanguape trouxe o desenvolvimento de uma economia açucareira forte e oferta de trabalho local. Em especial a nossa comunidade escolar tanto quanto a cidade de Mamanguape recebeu essas ofertas de trabalho a partir do corte de cana-de-açúcar. É válida a valorização e citá-la aqui é importante, mas sem descuidar de uma compreensão crítica dessa

história que transcende a cidade e muitas vezes esteve ligada ao trabalho análogo ao trabalho escravo e que chega em nossa sala de aula na forma de história de vida a influenciar as novas gerações de filhas e filhos desses cortadores de cana na atualidade.

Para além de tudo isso, ler sobre a história de Mamanguape e transformar em Arte e reflexões críticas por meio do Jogo Teatral esses saberes ancestrais dos educandos(as), fortaleceu e fortalecerá essa potência étnica e isso se deu por meio dessa pesquisa acadêmica. Tudo isso se deu a partir de leituras embasadas na história local sobre o cortador de cana-de-açúcar nessa terra ancestral afro-indígena. Pesquisa a qual, nos propomos construir a partir de Jogos Teatrais e Danças Populares locais como a Ciranda e o Coco-de-roda.

Nossa pesquisa começa a partir da identificação de que a cidade de Mamanguape surgiu a partir de antigos aldeamentos indígenas. Após a retirada dos holandeses, o antigo aldeamento indígena aumenta sua população com colonos portugueses (Andrade; Vasconcelos, 2005, p.23). Esses coletivos indígenas que habitaram e deram origem a nossa cidade, na qual resido e trabalho como professora efetiva na Escola Municipal Ana Cavalcante, me trazem a percepção de que os bairros que circundam a escola em que leciono e pesquisei, como coletivos étnicos, devido a identidade cultural que cada bairro traz enquanto habitantes assim como nossos educandos(as) que apresentam fortes peculiaridades culturais locais a partir dessa ancestralidade.

Não tardou muito para que os familiares pernambucanos, principalmente portugueses, se deslocassem para Mamanguape, levando seus capitais para o cultivo da cana e implantação de engenhos açucareiros, que se forma multiplicando até alcançar o número de 40 entre pequenos; e na área de subordinação comercial compreendendo Alagoa Grande, Areia, Guarabira, Sapé, Santa Rita e a restante zona do brejo, mas de cento e quarenta engenhos (Costa, 1986, p.48).

É válido dizer que atualmente as comunidades que abrangem o território dessa pesquisa são fundamentalmente sustentadas pelo trabalho no corte da cana-de-açúcar. Podemos afirmar que, em maioria é daqui que saem diariamente vários ônibus as 5h da manhã transportando centenas de

trabalhadores para esse trabalho braçal e com dignidade exercem esse trabalho de desenvolvimento da usina o que oportuniza a permanência exitosa desse empreendimento. Além dessa realidade de uma grande maioria de nossos munícipes serem essa força de trabalho, nossas comunidades são singulares em diversas outras questões sociais, como também no que se refere ao trabalho de reciclagem.

Muitas famílias vivem desse trabalho que é também em maioria realizado pela comunidade que a escola atende e nesse por sua vez, a presença de mães de meus/minhas educandos/as. A maioria dos catadores de recicláveis são mulheres e coletam materiais do lixão da cidade, mas também alguns/algumas vivem de pegar de frete na feira central. Vamos encontrar adolescentes, de forma clandestina ou não, também trabalhando aos sábados nessa feira local.

Identificamos que os educandos(as), por exemplo, que residem na comunidade/bairro do Alto do Cemitério, justamente perto do cemitério local, uma distinta realidade que em sala de aula trazem questões como morte e vida à tona nas rodas de conversas sobre a realidade de suas vidas. Como pesquisadora tive curiosidade além do que se refere à história local quanto a etnia, pois muitos são negros(as) e indígenas. Como essa etnia se formou? Como se formou essa nossa comunidade? E ainda hoje essas questões me inquietam enquanto arte-educadora do bairro e da cidade. Temos muitos bairros nos arredores de nossa escola. Nomes, pessoas e realidades diversas onde a pobreza e a escassez de direitos ainda hoje é uma luta de conquistas e resistências em aspectos diversos sobre: mulheres, mães solas, negros(as), indígenas e violência doméstica, por conta de drogas lícitas e ilícitas, pois tudo se direciona na cidade para a Rua do Meio.

A Rua do Meio é uma comunidade carente de direitos e sofre com a violência abrigando uma triste estatística de crimes e problemas sociais aumentando assim o preconceito contra esses grupos socialmente vulneráveis. O racismo também surge como outro grande problema social contra essas comunidades afrodescendentes. Uma luta antirracista encampada por essa arte educadora desde sempre, pois sabemos da importância da arte para o enfrentamento dessa questão, dentre outras ações. Uma luta que se trava dentro da escola pública, e a nossa não é diferente, é a inclusão desses grupos

nas rodas de diálogos na sala de aula pois em alguns casos se faz de conta que essas questões não existem e a maioria opta por se omitir. Devo me omitir? Desde a minha trajetória inicial como professora de ensino de Arte, sempre enfrentei essas questões pois acredito que a educação transforma as pessoas e as pessoas podem, se assim o desejarem, transformar a realidade. Penso que Freire está muito certo quando afirmou dessa possibilidade da educação como agente de transformações, sem a ilusão de que pode tudo.

A ação dialógica em Freire se apresenta como um meio fundante. Como a manifestação dos sujeitos sociais por meio da participação podem impulsionar a população dos sujeitos sociais por meio da participação podem impulsionar a população a sair do conformismo e, conseqüentemente, lutar por uma participação mais ativa nos processos educacionais como práticas de liberdade, de autonomia, do fortalecimento da identidade. A educação deve manter a busca permanente pela consciência crítica, sem deixar de priorizar o ato do conhecimento que se realiza via diálogo. Diálogo entendido como ação entre iguais e diferentes, mesmo quando as relações de poder são contrárias à ele (Cananéa, 2016, p. 68).

Assim começou nossa pesquisa quando buscou, a partir do fortalecimento desse saber étnico afro-indígena, diante de tantas questões poderosas aquém de nossas vontades e decisões em sala de aula numa escola municipal, a Ana Cavalcante, em Mamanguape, intervir nessa realidade. Como costumo conversar na escola, às vezes, quando se tem tempo no dia a dia do estar na escola, que ao menos o diálogo, com os educandos(as) sobre assuntos que lhes interessam, puder abrir reflexões sobre as suas realidades e ao menos um(a) educando(a) se motivar a refletir sobre o que ocorre no seu entorno, já nos traz o verdadeiro sentido de uma educação não-bancária.

O diálogo constante sobre essas opressões tão reais na vida desses saberes ancestrais de cor, étnicos, diante de uma sala de aula localizada em comunidades diversas e distintas de saberes e de opressões, por meio dos jogos teatrais, abre possibilidades de criticidade.

Portanto, nessa pesquisa, utilizamos inicialmente a discussão sobre a etnia, trazendo para a sala de aula um contexto da própria nomenclatura (nome) da cidade, esse lugar de fala sobre Mamanguape, além de suas relações com a etnia e a identidade cultural afro-indígena que trazemos em nossos estudos sobre esse território.

A origem do nome Mamanguape, segundo Teodoro Sampaio: Maman=de beber, para beber; Gua=gy=y=águas, rio; Pe= no, na, nos, nas. O nome Mamanguape é assim, a junção dos nomes indígenas cujo significado é: “Nas águas de beber” (Sampaio *apud* Andrade; Vasconcelos, 2005, p. 23).

A partir disso, não teria como nossa pesquisa não trazer à sala de aula qual a origem do nome de nossa cidade. Nossa identidade cultural também passa pela origem do nome de nossa cidade. Saber o que traz minha ancestralidade, quem somos, traz consigo muita aprendizagem e “pano pra manga” como diria minha avó Lila (*in memoriam*). O saber do povo, a luta do antes de nós e a historicidade é sim luta de hoje, conversa de hoje no local que deve ser palco também desses saberes.

Apesar de ter recebido inicialmente grande influência da tradição portuguesa – que por si só já continha elementos estrangeiros às características regionais do Brasil, à produção indígena já existente e à mão de obra, muitas vezes criadora e anônima, de negros mestiços e indígenas. Apesar das restrições impostas, ocorreu uma verdadeira fusão do conhecimento daquele período. Há que se destacar, entre outros saberes, a habilidade com o trabalho de metalurgia de alguns povos africanos que vieram para o Brasil (Felinto, 2012, p.68).

Estivemos durante a pesquisa trabalhando com esses saberes oriundos dos educandos(as). Saberes esses, ancestrais, também em Mamanguape por suas origens afro-indígena. Sendo assim, abordar a temática a partir de uma Lei que obriga a falar de nossas origens afro-indígenas não seria uma dificuldade, desde que tenhamos esse olhar de entender, visitar esses saberes já oriundos de uma identidade hoje que é cor, etnia e é mamanguapense. Não nos propusemos a realizar essa pesquisa em função da Lei nº11.645/2008 e sim por acreditar na necessidade de se estudar esses corpos étnicos e cênicos. Por isso nos valem dos jogos teatrais e das danças circulares como possibilidades e caminhos.

Portanto, cabe a mim como arte educadora ou não só a mim, a toda comunidade escolar, falar sobre essa ancestralidade e fortalecer esse lugar de fala e experiências que é a sala de aula. Todo educador(a) deveria também

disseminar esse saber ancestral local de sua cidade onde seus/suas educandos/as fortalecem em sua identidade cultural imaterial étnica. Penso que não é caminho difícil, mas compreendo que não é fácil falar de saber étnico no atual contexto de sala de aula onde diversos porquês contornam esse modo de educar. Educar pela cor e a partir dela ainda enfrenta preconceitos. Mas, mesmo diante de vasta complexidade ainda é preciso e necessário esse fazer e falar sobre a cor. Pois, terra que têm saberes ancestrais afro-indígenas não só é Mamanguape, mas o próprio país que habitamos. A motivação de trabalhar essa Pesquisa começa inicialmente na própria história local dessa terra que sou ancestral.

Uma terra invadida, desbravada sem qualquer interesse em preservar os valores dos colonos e povos que aqui residiam até então: os povos indígenas Potiguara. Uma luta desigual de tomada de terra e bens para fins de comércio e de deter poder no território para conquista e domínio desse povo que já era dono e ancestral dessa conquista. E de minhas práticas de saberes e repertórios artísticos do Teatro, práticas urbanas enquanto artista de rua/performer tão quanto de danças afro. Performances que exericiiei ora na rua tão quanto nas escolas onde leciono Arte em dois municípios do Vale do Mamanguape.

Ainda nesse contexto trago em mim a luta de espaço e conquista de falar/fazer de uma poética afro-indígena não só nas datas comemorativas como menciono nessa Pesquisa. Mas por uma luta constante em dar voz à esses povos originários que em nada me sinto incomodada e sim encorajada à falar sempre. Mamanguape traz na sua história construções patrominiais materiais e imateriais. Sendo assim segue a partir da história da Paraíba uma linha do tempo que identifica-nos enquanto povos de saberes ancestrais invadidos pelo colonizador em seus direitos e saberes afro-indígenas de donos dessa terra Mamanguape.

De micro a macro somos cor, etnia e pertença. Saberes étnicos circundam a vida do(a) mamanguapense e do paraibano(a). Não é um diálogo apenas meu, mas nosso. Não compreendo um ensino sem a cor. Não penso em ensinar sem a cor, pois tudo é cor e é ancestralidade. Seja por uma etnia quanto por todas as cores que somos descendência e por nossa identidade cultural singular/familiar.

A identidade de um indivíduo tem seu início no processo que se dá a partir do seu olhar para si próprio e do olhar do “outro” para ele. Por isso, podemos entender que o processo é tanto individual quanto coletivo e sempre engendra instâncias conflituosas. A identidade não só demarca a existência de um indivíduo no mundo, mas também direciona a maneira como ele vai se socializar (Felinto, 2012, p. 61).

Dialogar sobre etnia também recebeu o reforço da Lei nº11.645 de 10 março de 2008 de Obrigatoriedade do Ensino sobre Cultura Afro e Indígena. Foi a partir daí que percebi que em minhas práticas docentes na Escola Municipal Ana Cavalcante, onde pesquisei esses saberes junto à meus/minhas educandos(as), que essa ação dialógica já era uma constante em minha trajetória na escola e na comunidade.

Seja por meio de eventos de rotina, bem como minha própria construção artística com a personagem “Bonita Maria” ou meus posicionamentos enquanto artista docente da cidade e em locais de fala, como o Campus IV e V da UFPB, nos quais sou convidada a desenvolver minhas Jornadas Pedagógicas que já aconteceram e acontecem nesses locais de saberes em educação que já são parte no meu fazer afro-indígena em sala de aula e em espaços comunitários, os quais atuo ou sou por vezes convidada a falar sobre essa temática.

## 2.1 A Cultura como elemento de fortalecimento dos saberes, comportamentos e modos de ser e agir de determinado grupo

Em uma dimensão mais imaterial, o acontecer da cultura não está tanto em seus produtos materializados – como a casa e as ferramentas com que indígenas da Amazônia ou operários do Rio de Janeiro constroem uma choupana de palha ou um edifício de concreto – mas, na tessitura de sensações, saberes, sentidos, significados, sensibilidades e sociabilidades com que pessoas e grupos de pessoas atribuem socialmente palavras e ideias, visões e versões partilhadas ao que vivem, criam e fazem ao compartilharem universos simbólicos que elas criam e de que vivem (Brandão, 2009, p.717).

O imaterial faz do universo da Cultura algo construído socialmente do sujeito em diálogos sobre eles, ou seja, uma rotina de falar sobre eu e sobre nós dentro desse território que é Mamanguape e que vem sendo apresentada

nas leituras que fizemos sobre nosso povo e valorizando-nos por nossa ancestralidade refletida a partir de Jogos Teatrais que trazem o simbólico do que já viveram nossos antepassados em história e sobre nossa cor, nossa etnia negra e indígena aqui pertencentes.

Penso que o que construímos nesse percurso coletivo traz à luz a presença da Cultura para seu sentido mais amplo, que é o partilhar saberes. Para Morin (1979 *apud* Elkainm; Guattari, 1996, p.56) “essas disjunções se tornam insustentáveis, porque não se pode pensar no objeto sem o sujeito e nem o sujeito sem o objeto”. Sabendo disso, não se pode falar de algo sem que ele esteja intrinsecamente inserido.

Vejo isso na trajetória da nossa pesquisa no coletivo que representa a escola. Ainda hoje, percebo os/as educandos/as que participaram da pesquisa comentando fatos e vivências experienciadas no fazer pesquisador.

Esse universo de saberes simbólicos apreendidos no fazer e ler foi uma combinação de cultura e resistência afro-indígena nas aulas de Arte que a pesquisa percorreu e fortaleceu.

Koudela (1984, p.35) afirma que:

O simbólico, é inicialmente analógico e essa analogia procede do caráter lúdico que o caracteriza. Qualquer coisa pode significar qualquer coisa e o distanciamento do nível sensório-motor é provocado por essa projeção em objetos novos para representar a experiência (o que está ausente).

Entendemos que fizemos esse percurso cultural imaterial no ambiente escolar utilizando o Jogo e o teatro como expressão do pensar.

Assim, a cultura estaria mais no que dizemos e em como nós dizemos palavras, ideias, símbolos e sentidos entre nós, para nós e a nosso respeito do que propriamente no que fazemos em nosso mundo ao nos organizarmos socialmente para viver nele e transformá-lo (Brandão, 2009, p.718).

Essas ideias e visões adquiridas a partir das leituras e práticas antirracistas nas rodas de diálogos sobre Mamanguape e a partilha sobre o que traz os saberes dos povos originários trouxe para a escola Ana Cavalcante uma ambiência de identidade cultural.

O quanto pertencer à essa história nos faz fazedores de Cultura e fazedores da Cultura local ainda hoje resistente a esse negacionismo de pertença. Pertença que Mamanguape têm mas, devido à ausência de dialogar sobre essa pauta, vive ainda hoje, essa negação em reconhecer esse pertencimento na rotina de saberes em seu percurso atual de valorizar a sua história, não perpassando esse dizer do que está registrado nos livros.

Para Canclini (2005, p. 210):

Uma noção fundamental para explicar as táticas metodológicas dos folcloristas e seu fracasso teórico é a sobrevivência. A percepção dos objetos e costumes populares como restos de uma estrutura social que se apaga é a justificação lógica de sua análise descontextualizada. Se o modo de uma produção e as relações sociais que geraram essas sobrevivências desaparecerem, para que se preocupar –se em encontrar sentido socioeconômico? Apenas os investigadores filiados ao historicismo idealista se interessam por entender as tradições em um âmbito mais amplo, mas a reduzem a testemunhos de uma memória que supõe útil para fortalecer a continuidade da história.

O fato de incluir na prática das aulas de arte esse universo de saberes sobre Mamanguape vem de encontro à isso, tanto as questões que oprimem meus/minhas educandos/as e que até hoje não terem acesso à esses saberes locais do povo negro e indígena, resistentes as questões de luta e morte aqui nesse território. Minha luta é também por esses saberes populares locais ditos nas leituras não terem acessibilidade na escola e por não chegarem ao conhecimento de educadores inquietos, tanto quanto eu, mas que ousa não silenciar fazendo minha parte a partir desse lugar que é o saber pesquisador.

Também trouxemos à Pesquisa diversas outras questões sociais no que se refere ao contexto local tanto quanto outras no âmbito do trabalhador cortador de cana-de-açúcar. Freire *apud* Cananéa (2026, p.56) trabalha essa questão crucial quando textualmente “externa seu entendimento de popular como sinônimo de oprimido. O popular adquire, a partir da ótica da cultura do povo, um significado específico no mundo em que é produzido, baseando-se no resgate cultural desse povo”. Trabalhador esse aqui minorizado e oprimido, trazido constantemente, não apenas para o referenciar nesse aprendizado, mas para valorizá-lo enquanto profissional que ele o é e representa para meus/minhas educandos(as), seus/suas filhos/as ou parentes diretos e

indiretos até por conta da comunidade que abrange nosso fazer pesquisador nesse território histórico e étnico que sobrevive no registro dos livros e pelo percurso das nossas aulas de arte na escola Ana Cavalcante de Albuquerque.

Essas questões levantadas durante a pesquisa terão continuidade após a defesa desse trabalho junto ao Mestrado Prof-Artes-UFPB pois não podemos resumir Mamanguape a uma leitura e a prática antirracista local sobre os povos originários apenas a esse momento, mas devido uma necessidade de permanecer partilhando ao longo de nossa trajetória enquanto arte educadora sobre essa poética de saberes afro-indígenas. A proposta é manter uma constância de estudos e oportunizar várias propostas emancipatórias desses saberes por aqui iniciados e problematizados durante a pesquisa após a culminância desse trabalho.

Como diz Brandão (2009, p.717):

Palavras e partilhas com o que continuamente estamos nos dizendo de quem somos e de quem são os outros que não são “nós”. Como deve ser e conviver diante do outro cada ser-de-um-grupo.

No que se refere à recepção ou à emissão de saberes acredito que é essa relação freiriana de diálogo que fortalece a aprendizagem individual e coletiva. Até porque somos seres sociais e não seres antissociais, apesar de que há pessoas que escolhem ou optam por esse isolamento até por diversos fatores físicos ou neurológicos, mas, o contato com o(a) outro(a) nos traz e favorece a outras formas de saberes, aprendizagens e afetos.

Na perspectiva dessa pesquisa desenvolvida junto aos educandos(as) na escola Ana Cavalcante em Mamanguape, PB, essa interação, por meio de jogos teatrais, foi um dos fatores primordiais para essa troca de saberes, e a roda de diálogos foi uma importante estratégia utilizada pois é na roda de saberes onde cada um/uma é visto/a, pode ser visto/a e é ouvido(a) e pode ser ouvido/a.

Acreditamos que os saberes discutidos no grupo focal foi muito além do inicialmente pensado por ter como meta os saberes dos povos originários que em Mamanguape habitaram e habitam, até porque a etnia ainda grita na cor da pele de meus/minhas educandos/as. Os saberes que discutimos e refletimos sobre são aqueles aprendidos em grupo e a culminância desses diálogos se dá nessa troca de que Reverbel trata no Jogo.

Em nosso entendimento ninguém ensina a ninguém, aprendemos uns com os outros, nessa relação dialógica e, nem tão pouco nosso saber científico é maior ou menor do que os saberes populares (Cananéa, 2016, p.11).

Quando nos propomos trabalhar o ensino da etnia a partir seja da BNCC ou mesmo por uma prática antirracista, eis um foco que devemos perpetuar nessa definição do que é esse fazer. Pensar a partir da visão de que o ensino-aprendizagem de conhecimentos dos saberes dos povos originários ou de suas ancestralidades pelas pessoas de avós e avôs vem de uma troca consciente da necessidade desses estudos e não de imposições de cima para baixo.

### 2.1.1 Conceito de cultura

Em muitas cidades de quase todo país, o esplendor de antigas festas de padroeiros de negros não resistiu às transformações do tempo e às mudanças que o domínio capitalista de todos os níveis de trocas entre os homens acaba impondo aos nossos dias de rotina e de festa (Brandão, 2003, p.55).

Em Mamanguape não é diferente. Justamente isso perpassa as questões patrimoniais materiais e imateriais também nesse território o qual traz à luz em minha pesquisa na escola Ana Cavalcante de Albuquerque e na cidade.

Ao definir exatamente o que em minha opinião simboliza o conceito de cultura me acosto ao que diz Brandão (1994), para iniciarmos esse diálogo no percurso realizado. Percurso esse nessa escrita do que esse conceito impacta na trajetória. Numa perspectiva que traz a nossa pesquisa, os saberes afro-indígenas em nossa cidade histórica, Mamanguape, enfatizando nesse trabalho que é um lugar de história e estórias, portanto, pesquisamos nossa identidade cultural:

Tradicionalmente, o saber popular é que faz o folclore fluir através de relações interpessoais. Pais ensinam aos filhos e avós aos netos. As crianças e adolescentes aprendem convivendo com a situação em que se faz aquilo que acabam sabendo. Aprendem fazendo vivendo a situação prática do

artesanato, do auto ou do folguedo. Do trabalho cultural (Brandão, 1994, p.47).

Compreender que o que se aprende vem de esse fazer ensinado, seja pelos pais e avós tanto quanto na escola. Penso muito nesse âmbito do Folclore, já tendo como práxis a própria identidade cultural de Mamanguape, terra de Irmandade Negra e de construções materiais tombadas pelo IPHAN, pode ser apreendido.

Identificamos que esse ensino sobre ancestralidade causa impacto tanto quanto para um Jogo e conseqüentemente para a aula de Arte. Aula de Arte essa sobre nossa história local afro-indígena. Algo que na prática desses saberes, em rodas de diálogos, trouxe muito mais alcance social e conseqüentemente nos permitimos viver e fazer Cultura reconhecendo nossa identidade cultural.

Nossas escolhas em nossa vida social, diante de nossa identidade cultural, trazem à luz essas conversas de casa permitindo sabedoria popular para aprender sobre nós mesmos. Podemos sim fazer algo novo para uma educação que vislumbre a diversidade de saberes e de experiências, ideias e ações antirracistas começando pelo reconhecimento de quem somos, onde estamos e para onde queremos ir.

A diversidade de saberes étnicos não deve ser estudada e compreendida não só por conta de Lei que obrigue a isso, mas contra à prática de uma educação bancária onde há quem dê o conhecimento, da forma que queira, hegemonicamente, sem respeito as diferenças, e há quem receba. Nessa linha de pensamento dialogamos com os educandos(as) sobre o termo: (contra)mestiçagem e (anti)mestiçagem - um processo que tenta se livrar do mito das três raças (branco, índio e negro). Definir pela raça quem somos ainda traz um olhar colonizador para nos definir enquanto etnia, um branqueamento que deve ser combatido e porque não na escola? Nas aulas de Artes?

Compreendemos que a visão de mundo que o/a outro/a têm é essa percepção de mundos que vai de encontro a nossa pequena sociedade mamanguapense, que ainda hoje é excluída e vítima de preconceitos não apenas de ordem racial, mas de diversas formas. Pois tanto quanto as

questões étnicas raciais temos ainda a inferiorização desses saberes populares que se representa por minha casa, bairro e nossas famílias.

Segundo Santos (1994 *apud* Cananéa, 2016, p. 99), onde é dito que o conhecimento popular ainda é visto como inferior, devemos rebater pois, sendo esse o conhecimento da maior parte da população vai aos poucos se impondo e sendo entendido como expressão da cultura - a cultura popular. Portanto, a cultura vem justamente desses saberes que o próprio povo os(as) educandos(as) trazem para a sala de aula e conseqüentemente para a suas vidas. Esses saberes também foram pesquisados junto aos livros da história de Mamanguape e trouxemos esse conhecimento durante a pesquisa, pois esse foi um dos caminhos desses saberes deles/delas sobre eles/elas que foram estudados e debatidos ao longo de todo o processo.

Uma visão diferenciada diante das complexidades que temos na escola e em especial no grupo focal que foi trabalhado na nossa pesquisa na escola Ana Cavalcante. Esses saberes de concepções influenciadas ou não pelo ler e fazer artístico, ao mesmo tempo que traz à tona essa complexidade que é a própria vida e indo mais profundo pois buscamos, no processo desenvolvido durante a pesquisa, nos aprofundarmos nas questões afro-indígenas em Mamanguape e na sua valorização no ensino de Arte, e em toda a escola.

No trabalho que realizamos essa não é a primícia, mas sim, a prática de uma educação libertadora que traz Mamanguape para o palco desses saberes e para os diálogos antirracistas.

Trabalhamos na perspectiva de uma cultura de paz e de reconhecimento ou não dessa descendência histórica, social e econômica de um território onde residimos. O ensino antirracista que a pesquisa em Mamanguape trouxe, a partir de nossas práticas emancipatórias em sala de aula sobre os saberes e fazeres afro-indígena, vem desse lugar de aprendizagem coletiva. O que se sabe pode ser o que sabemos e o que eu não sei pode se tornar dúvida de um grupo.

Já é tempo de nos indagarmos sobre o sentido mais profundo dessa expressão e sobre a conveniência de a continuarmos usando como rótulo identificador de não se sabe muito bem o quê. Essa postura requer do leitor, entretanto, atenção dupla pois, a um só tempo, daremos os primeiros passos e buscando novos caminhos (Arantes, 2004. p.9).

Sabendo que tudo isso faz parte de um Jogo onde aprendo quando ensino e ensino quando aprendo, eis a máxima popular. Ainda sobre uma cultura de paz, trazer esse referenciamento freiriano para essas práticas emancipatórias foi de suma importância também para mim enquanto educadora, aprendi que essa prática é minha poética e minha experiência metodológica. Assim, creio que essas práticas de saberes aprendidas coletivamente em rodas de diálogos fizeram e fazem reverberar no meu fazer em sala de aula.

### 2.1.1 A cultura e influências na Pesquisa sobre povos originários: experiências para contar, aprender e transcender

Podemos afirmar que existem dois tipos de mudança cultural: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com um outro (Larraia, 1986, p.96).

Sabendo dessas questões mais internas e externas da Cultura em nós, a partir de uma resultante de mudanças, podemos citar o quanto trazer pra o ensino questões sobre os povos originários nos faz mais humanos em nosso meio social tão quanto mais assertivos no que falar sobre. Tão quanto o é valioso e por Lei esse direito de enfatizar esses direitos desses povos que nos antecederam em Mamanguape como nos precederão.

A complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito (Silva, 2014, p.32).

A ação que favorecemos em pensar sobre e pesquisarmos sobre a partir de nossa Pesquisa no Prof-Artes-UFPB, certamente mudou não só a eles/elas tão quanto a mim arte-educadora e artista local. Como diz Silva, é sim “um conflito”. É uma constante luta por direitos de espaços para falar, aprender e transcender sobre questões étnicas em minha sala de aula na cidade de Mamanguape, PB. E por que não dizer no Brasil?

Das experiências que iremos partilhar tanto agora como depois dessa escrita serão incomensuráveis. Devemos afirmar que em nosso meio micro que

corresponde a sala de aula, tão quanto nossa escola é visível um olhar de transcendência ao que se refere ao negro(a) ou ao(à) indígena.

Questões que cercam o ensino de Arte, tão quanto bullying e questões da oralidade de chamar por exemplo uma pessoa negra de negona ou negão. Ainda sobre esse universo racista e até inocente de nossos adolescentes por vezes na escola, muitas vezes intervir de forma dialogada é sim, em nossa visão pós-pesquisa, um meio de oralidade sobre esse ensino necessário e antirracista.

Nesse aspecto ainda, Silva (2014, p. 95), nos diz:

Quando utilizo a expressão *negrão* para me referir a um homem negro não estou simplesmente manifestando uma opinião que tem origem plena e exclusiva em minha intenção, em minha consciência ou em minha mente. Ela não é a simples expressão singular e única de minha soberana e livre opinião. Em um certo sentido, estou efetuando uma operação de “recorte e colagem”. Recorte: retiro a expressão do contexto social mais amplo em que ela foi tantas vezes enunciada. Colagem: insiro-a no novo contexto, no contexto em que ela reaparece sob os disfarce de minha exclusiva opinião, como resultado de minha exclusiva operação mental. Na verdade, estou apenas “citando”. É essa citação que recoloca em ação o enunciado performativo que reforça o aspecto negativo atribuído à identidade negra de nosso exemplo. Minha frase é apenas mais uma ocorrência de uma citação que tem sua origem em um sistema mais amplo de operações de citação, de performatividade e, finalmente, de definição, produção e reforço da identidade cultural.

Ainda hoje, questões pejorativas ligadas as “formas de referir-se à uma pessoa negra me inquieta”. Com certeza, me revoltam. E revolta hoje minha sala de aula. Não perco nunca a oportunidade de um diálogo sobre isso. Acredito que minha poética amadureceu pós Pesquisa do Prof-Artes, UFPB. Sou também uma pesquisadora sobre o Cangaço paralelamente a etnia e sobre nossa ancestralidade em Mamanguape e os saberes afro-indígenas em nosso território. Esses “dizeres” racistas eram vistos e ouvidos constantemente entre os/as meus/minhas educandos(as) e ainda o são. De certa forma, acreditamos na ausência de uma política educacional e metodológica sobre nos faz pecar as vezes pela ignorância, mas a maioria das vezes, por racismo estrutural em nossa sociedade. Ou sabemos, mas o não fazemos? Eis o que

me inquieta, nos inquieta. Pesquisar e escrever ainda hoje sobre essas questões, é uma militância.

Em momentos diversos essas visibilidades de pensamento são notadas em uma aula de Arte em meados de 2023. “O folclore precisa ser preservado da contaminação profana do mundo moderno” (Ortiz, 1985, p. 105).

Entendemos que esse aprender plural proporciona essa vontade de preservação cultural sobre Mamanguape. Como Ortiz nos diz sobre a importância de preservação do Folclore e da cultura popular, cremos nessa perda de identidade por conta da cultura de massa que se dá atualmente repercute também na Identidade de Mamanguape e no cenário brasileiro onde “a cultura de massa “distorce a cultura de raiz e a identidade cultural de um povo (1985, p.106)” muitas vezes. Isso não é nenhuma novidade conclusiva, mas é um grito sobre. Sendo assim, o dialogar sobre as questões étnicas, vem ao encontro com a vontade de dar voz e visibilidade sobre essas questões. As mudanças sobre essa diagnose podem alcançar a muitos/as tendo em vista que quando não conhecemos sobre nosso passado, o nosso futuro é incerto. Creio nisso, tão quanto na intensidade que é mudar, aprender e transcender.

Há um pensamento de Ruth Benedict (*apud* Larraia, 1986, p.67) que diz: “Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas”.

Além disso, também cita (*Idem*):

A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depressivamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade.

Sobre isso, quando percebemos na nossa realidade local algumas questões ancestrais tanto quanto identificamos como um saber daqui, do nosso bairro e da nossa cidade, nos reconhecemos melhor e nos empoderamos criticamente. Questões de nossa cultura que não é de outro lugar, mas de nosso povo é de uma beleza e de uma visão ampla que só se obtém após essa tomada de saberes e experiências sobre nossa História. Ao ler os livros de Mamanguape, por exemplo, a nossa cultura e identidade local vem de encontro com o preconceito sobre o cortador de cana-de-açúcar, sobre o negro, sobre o indígena, ainda hoje.

Segundo Larraia (1986, p.96) “É praticamente impossível imaginar a existência de um sistema cultural que seja afetado apenas pela mudança interna”. Ainda sobre as mudanças internas percebemos que não se trata apenas de um discurso de conscientização, mas de uma ação concreta como mencionei anteriormente no que se refere nesse fazer a pesquisa em Mamanguape, por exemplo. Até porque o processo de mudança numa sociedade começa no discurso que precede o querer fazer. E toda ação tende a ter uma reação, seja positiva ou negativa, mas existirá sempre uma resposta e conseqüentemente uma resultante mudança de tais questões internas, para um lado ou para o outro, mas a provocação já é uma mudança, que não só podem nem ficam nesse aspecto dos sujeitos envolvidos, mas de todo o seu entorno social.

Porém, quando nos vemos lendo, aprendendo e questionando dialogamos sobre todas essas questões de nossa identidade cultural, conseqüentemente, vem à tona alguns mecanismos sociais preconceituosos e discriminatórios. Questões como: E por que Mamanguape? Por que dialogar sobre o cortador de cana-de-açúcar? Por que trazer à Pesquisa questões afro-indígenas ancestrais?

Porque Mamanguape, como diz Andrade e Vasconcelos (2005, p. 23), porque Mamanguape surgiu a partir de antigos aldeamentos indígenas e isso por si só justifica esses estudos. Além disso, outra razão desse estudo, como diz Costa, (1986, p.25) “refere-se ao movimento abolicionista que realmente existiu em Mamanguape”.

Após essa carga de saberes e diálogos desenvolvidos por meio da nossa pesquisa é impossível não mudar o modo de ver a cidade, e isso repercutiu também em nossa comunidade escolar pois nos eventos comemorativos das datas “cívicas”, por exemplo, a gestão da escola e alguns colegas passaram a nos convidar para diálogos sobre essas questões e maneiras de desenvolver ou organizar tais eventos culturais na escola.

### 2.1.2 Identidade Cultural: o que nos faz diferentes

Seria como dizer que o local do si é, desde o princípio, um local folhado em lâminas, um local onde as entidades de autorreferência tomam dimensões que eu chamo “agenciamentos de enunciação à escala múltipla”, implicam não só elementos de subjetividade, elementos

de tipo humano, mas também elementos de tipo maquínico, de tipo ambiental, contextual (Schnitman, 1996, p.57).

Identificamos nas singularidades culturais os mais diversos sentidos. Desde a sala de aula, onde cada turma é única tanto quanto cada local é singular.

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Marx Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não são como uma ciência interpretativa, à procura de significado. (Geertz, 1978, p.15).

A cultura é diversidade, é comunidade e é teia. Penso que é teia de saberes. Onde nós seres humanos somos teia.

Podemos dizer que onde exista diferenciação – ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder. A diferença é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas (Silva, 2000, p.81).

A diferença de ser diferente é que nos faz ter nossa identidade. E em Mamanguape não pode ser diferente. Pois somos diversos de acordo com a nossa comunidade que é teia e diferença também. Somos diversos! Temos uma vasta significação que transcende qualquer ser humano único e ciência finita. Ler livros, pesquisar sobre nossa ancestralidade local e produzir isso em um diálogo constante e artístico fez e faz nossa aula de Artes em nossa cidade, poderosa partilha de saberes.

Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais assimetricamente situados relativamente ao poder. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade (Silva, 2000, p.81)

Ainda sobre isso, o ser humano é único em sua concepção e existência mesmo diante de uma massa midiática que nos empurra a sermos iguais ou mesmo as questões mais diversas da diversidade cultural no âmbito dessa Pesquisa que busca entre outras e tantas questões singulares trazer à sala de aula as diferenças étnicas. Quando trouxemos Mamanguape para esse lugar

de identidade e diferença é a partir desse acesso não só compreender nossa ancestralidade mas também em abraçar a causa de saberes ancestrais que devem ser ditos e favorecidos em uma aula de Artes tão quanto em uma pesquisa que dialogue e favoreça as etnias aqui pertencentes a esse território. Reconhecer-se e identificar-se foram os objetivos dessa pesquisa.

A partir desse processo de entendimento de quem somos, o meu eu quem é e a que local pertença, acredito ser um dos percursos mais importantes para a experiência e existência humana no território pesquisado a partir da sala de aula por meio do ensino de arte.

As formas transitórias de exploração da força de trabalho com traços da subalternidade e da violência escravocrata, somado ao incentivo à imigração europeia e à política eugênica brasileira, consolidaram a permanência dos/as negros/as a uma posição laboral de semiescravidão (Soares, 2022, p. 101).

Tendo em vista que essa força de trabalho de violência e escravidão é uma das nuances do olhar dessa pesquisadora nessa escrita, registramos que essa colonização também permeia em Mamanguape tanto quanto no Brasil, por isso esse percurso em nosso processo em pesquisar sobre essa ancestralidade.

Trazer para uma dissertação a importância que Mamanguape representa para a Paraíba é muito importante para todos nós e em especial na vida de cada educando(a) descendente direto(a) ou indireto(a) de um cortador de cana-de-açúcar, afro-indígena. Além disso, essa história de genocídio contra os nossos povos originários me inquieta e me impele a resistir. Até porque me represento nessa luta por hoje ter clareza de minha cor, eu mulher preta morando e trabalhando no território de Mamanguape, PB.

Dentre os fatos econômicos ressaltados cronologicamente, a partir de 1940, no bojo da nova arrancada, destaca-se a instalação da Usina Monte Alegre (Costa, 1986, p.113).

Sobre esse fato, não apenas dizer que a Usina na cidade é algo ruim ou bom ou afirmar que ainda é um lugar patriarcal e de geração de renda para a classe operária local é pouco e precisa de uma maior análise.

Aqui entendemos classe trabalhadora como todos aqueles e aquelas que, ao viverem do seu trabalho vão tomando, consciência das condições concretas do

processo produtivo, das razões de sua exploração, do tipo de relação que garante a apropriação e fruição por tão poucos do conjunto das riquezas produzidas pelos trabalhadores e trabalhadoras do mundo inteiro. E, à medida que vão tomando consciência desse estado de coisas, vão passando a empenhar-se nas lutas pela construção de uma nova sociedade em que, não se trate de inverter a posição dos dominados que, conquistando o poder, passam a reproduzir as ações dos seus antigos senhores, mas em que se trate de subverter ou mudar radicalmente o caráter das relações, passando de relações piramidais e relações horizontais. Continuamente alimentamos a utopia da permanente construção de uma sociedade economicamente justa, socialmente solidária, politicamente igualitária, culturalmente diversa (Cananéa, 2016, p. 168-169).

A questão que permeia trazer à sala de aula esse aspecto do trabalhador mamanguapense, cortador de cana-de-açúcar, vem ao encontro com esse intuito de trazer à luz essas relações de poder e opressão. Não trouxemos essa questão com a utopia de desconstruir a história. Mas para dialogar e buscar compreender o contexto local e identificar nossa identidade.

Após as lutas para a posse definitiva da terra, perturbada por franceses e holandeses, com a restauração do povoado de Mamanguape e com a criação da cultura da cana, construir os engenhos e casas grandes e abrir as casas comerciais (Costa, 1986, p.57).

A partir de nossa Pesquisa não foi a intenção causar uma revolta nos educandos(as) mamanguapenses ou fazê-los memorizar esse assunto para simples avaliação sobre essa história local, mas compreendermos, a partir desse diálogo, dessas leituras, como se deu e dá essas relações de aspecto econômico, cultural e histórico na contemporaneidade. Não podemos desconhecer que, de fato, foi algo positivo para a ascensão econômica para a cidade.

Ainda sobre esses aspectos locais em Mamanguape, por exemplo, é importante pensar nas questões da identidade local em vários aspectos, tanto os econômicos como culturais e étnicos que abrangem o olhar pesquisador de nossos educandos(as).

Laraia (1986, p. 21), nos afirma que “é possível e comum existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente físico”. Sendo esse o

assunto abordado nessa pesquisa em Mamanguape, portanto, aqui temos uma diversidade étnica ancestral que reproduziu as relações de poder e opressão do trabalhador do corte de cana-de-açúcar e isso nos trouxe uma leitura étnica em relação ao seu trabalho laboral em Mamanguape tanto quanto no Brasil.

Isso implica examinar a forma como as identidades são formadas e os processos que estão aí envolvidos. Implica também perguntar em que medida as identidades são fixas ou, de forma alternativa, fluídas e cambiantes (Silva, 2014, p.17).

É importante e demasiadamente necessária essa análise e leitura de diversidades étnicas a partir desse fato histórico que aqui trazemos sobre o cortador de cana-de-açúcar e a diversidade cultural que ele nos trouxe e ainda hoje nos traz em sua cor de pele considerada periférica, pois são trabalhadores da base subalternizada, vindos na maioria dos bairros de nossos educandos(as) que muitas vezes são filhos e netos desses trabalhadores e, portanto, herdaram sua ancestralidade.

Segundo Silva (2000, p. 75):

A afirmação “sou brasileiro”, na verdade, é parte de uma extensa cadeia de “negações”, de expressões negativas de identidade, de diferenças.

Quando nós afirmamos a identidade do cortador de cana-de-açúcar numa pesquisa as negações são muitas. Por isso é tão complexo, para os educandos(as) e para essa pesquisadora, quando propusemos falar sobre nossa identidade afro-indígena em Mamanguape. Ou seja, para eles(elas) eu percebia que não era esse o assunto esperado devido as questões que a sociedade traz, negando, sabendo que isso eles já são cientes. Quando conversamos sobre isso, eram vastos os relatos dessas negações: “porque meu pai não estudou, por exemplo, por isso que somos cientes que não é tão fácil assinar carteira nas usinas açucareiras. Quantas questões em torno desse profissional que é tão presente no mercado de trabalho de nosso município tão quanto a presença contemporânea dele em nossa sociedade. Por todas essas questões, as Leis que trazem essa obrigatoriedade de se discutir sobre raça em sala de aula é tão pertinente quanto discutir a presença desse profissional que em nosso município é ancestral em termos de formação da mão de obra

local, mesmo com o surgimento das novas tecnologias que trouxeram as máquinas para os plantios de cana de açúcar. Questões que as negativas nos movem ainda hoje a dialogar na sala de aula com os educandos(as) participantes da pesquisa e em continuidade com outros educandos(as) que querem entender mais sobre tudo isso.

Portanto, em contrapartida, ainda é válido dizer que o trabalho do cortador de cana-de-açúcar gera sustento e progresso à Mamanguape tanto quanto para a Paraíba, apesar das condições de trabalho, nem sempre satisfatórias do ponto de vista das leis de proteção trabalhista.

São tantas as marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes, pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “elas”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; desenvolvidos e primitivos”, “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais”; eles são anormais”) (Silva, 2000, p.81).

E ainda hoje, essa é a forma que a sociedade contemporânea chama de verdades indiretamente ditas: quando não reconhece sua história e não se identifica com a ancestralidade de onde nasceram, residem ou trabalham. Para além dessas considerações, destacamos os valores ancestrais étnicos desses trabalhadores, muitos deles pais, mães e avós de nossos educandos(as) trazendo para a nossa escola uma variedade de saberes que conversa com o que a história local e a cultura de Mamanguape sobre seu pertencimento, suas trajetórias para a vida de nossos educandos/as descendentes diretos/as e indiretos/as desse operariado local da Usina.

Brandão (2009, p.718) traz essa dimensão no que se refere à Cultura:

Somos não apenas seres coletivos, como macacos e elefantes, mas seres sociais. Somos seres sociais porque somos uma espécie que saltou do sinal ao signo, e deste ao símbolo. E, ao nos alçarmos a um mundo regido por símbolos – como as palavras que escrevo agora, e que seriam outras, em uma outra língua cultural, para transportar as mesmas ou outras ideias –, nós nos tornamos senhores, mas talvez também servos, de relações de toda a espécie, mas sempre regidas por saberes e valores.

E quais seriam os valores culturais de Mamanguape? E qual o valor de um cortador de cana-de-açúcar nesse território afro-indígena? Trabalhamos

essas questões buscando esse entendimento, dialogando sobre isso e deixando fluir tudo isso numa prática de Jogos Teatrais como forma metodológica ao tratar dessas questões tão delicadas para nossos educandos(as) e para mim mesma como mulher preta. O que é mais válido mencionar desse percurso pesquisador?

Acredito que tudo é válido quando se refere à esse universo simbólico e social de diversidades nesse lugar que habitamos e estamos inseridos na Paraíba, nossa Mamanguape. Eis um dos motivos que trouxe tantos autores a escreverem sobre essa terra étnica e de cortadores de cana-de-açúcar diariamente resistentes e espelhos para meus/minhas educandos/as pesquisadores. E é com esse ardor de afeto por esse lugar que penso que tudo é válido numa aula de Arte sobre os saberes que trazem à luz quem somos, a partir desse reconhecimento e desse aprendizado coletivo e complexo que é a sociedade Mamanguapense nessa diversidade étnica aqui habitada, aqui mencionada e pesquisada.

Ainda citando Brandão (2009, p.719):

Uma pessoa qualquer, em seu ser culturalmente socializado, mesmo na infância, é, na qualidade de um ator social e de um autor cultural, uma experiência tornada individual da realização de uma cultura, ou de um entretecer de culturas.

Quando pensamos nos Jogos Teatrais e nas expressões do teatro e da dança nos ocorre pensar que um de seus objetos de cena é o próprio ser humano fazedor de Arte pelo processo da expressão corporal e seus diversos modos de expressar-se. Seja pelas expressões faciais, o drama e a comédia eis os percursos que utilizamos durante todo o processo da pesquisa, pois, assim como na infância, o ser humano vivencia diversas aprendizagens que vai trazer memórias, afetos e descobertas.

A tomada de experiência individual é experiência que começa no nosso coletivo familiar. Costumes, fazeres, saberes e comportamentos trazem à luz diversas etapas que perpassa ou não cada ser singular e dotado de sua cultura e de seu meio social, no qual estamos inseridos desde bem pequenos.

Esse percurso cultural que cada ser humano trilha vai ao encontro com a diversidade étnica e isso muitas vezes decide e nos faz resistir, como por

exemplo nas primeiras experiências na sala de aula, seja em enfrentar o preconceito racial e outras questões ligadas à nossa classe social. Quantos de nós aprendemos a ser militantes e resistentes à questões que se iniciam nesse percurso e tempo que é a escola nos primeiros anos dos estudos.

## 2.2 A Identidade mamanguapense numa perspectiva sobre nossa ancestralidade, questões étnicas e quem somos a partir de nossa história local

[...] um eu coletivo capaz de estabilizar, fixar ou garantir o pertencimento cultural ou uma 'unidade' imutável que se sobrepõe a todas as outras diferenças – supostamente superficiais. Essa concepção aceita que as identidades não são nunca fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca singulares, mas multiplicamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar antagônicos (Silva, 2014, p. 108)

Quando começamos a ler sobre Mamanguape e sua identidade no que se refere ao cortador de cana-de-açúcar, de início nos deparamos ainda com uma massa periférica que é fixa e até estável de trabalhadores que ainda hoje têm nesse processo de remuneração e relação de trabalho sua principal característica. Eis os(as) filhos(as) desses cortadores de cana-de-açúcar que participaram como pesquisadores e sujeitos singulares nessa realidade ainda muito presente em nosso município. Esse saber e essa identidade não é negacionada em nossa cidade, nem em nossa escola. É notória a identidade de meus/minhas educandos(as) em afirmar que esse personagem da vida real é sim parte de seu meio familiar e afirmam com veemência esse lugar de ancestralidade. No início da pesquisa talvez esse reconhecimento viesse de forma mais tímida, mas quando passamos a dialogar sobre a importância de nossas origens, de não termos vergonha de sermos quem somos, as posturas começaram a mudar.

Essa identidade é tão forte que muitas vezes, se não é o pai é um tio e já o foi um avô, por exemplo, esse trabalhador ainda presente na vida econômica de nossa cidade tão quanto nas famílias da Escola Municipal Ana Cavalcante de Albuquerque. Ou seja, há um respeito e uma singularidade nessa relação antagônica local de pertencimento cultural. Ainda sobre esse discurso, Silva (2014, p. 109) nos afirma:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas.

Nesse aspecto, compreendemos que deve ser inserido no discurso de um educador/a essa permissa. Por isso, nos alegra saber que pesquisamos esse saber e trouxemos essas questões para a escola onde essa pesquisa foi realizada, esse discurso incluso de etnia de povos originários em Mamanguape. Identidade essa local que deve ser aprendizagem não só no ensino de Arte, no qual nos situamos, mas propomos que em todos os discursos em seus mais diversos aspectos de lutas por direitos e espaços identitários em nossa cidade.

Ainda sobre isso, acreditamos que esses diálogos trazem uma reflexão inserida pelo receptor da mensagem tanto quanto do emissor que a propõe. Pensamos que esses aspectos que trouxemos na pesquisa foram de suma importância para a compreensão sobre essa práxis cultural que traz esses saberes locais étnico em seu pertencimento ancestral a partir do cortador de cana-de-açúcar que traz em sua etnia o histórico afro-indígena como já muitas vezes aqui mencionado a partir das leituras referenciadas sobre Mamanguape.

Larraia *apud* Geertz (1986, p. 62), diz que “todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos de cultura. Sendo assim, não se pode subestimar que qualquer pessoa tem em si mesmo biologicamente, um DNA cultural que pode ser adicionado a partir de uma tomada de programa, que em outras palavras substituiremos por ações concretas internas e externas sobre nossa identidade.

Assim, nossas leituras em referências diversas sobre a origem do nome da cidade e tanto quanto sobre questões norteadoras sobre economia e território traz traços marcantes sobre esse saber também dos povos originários e sua labuta nesse trabalho braçal que traz essa encruzilhada étnica, como mencionamos em uma de nossas referências no início desse texto.

O conceito de povo permanece, no entanto, relativamente próximo àquele elaborado anteriormente, uma vez que o brasileiro seria constituído por este elemento popular oriundo da miscigenação cultural (Ortiz, 1985, p. 128).

O cruzamento do colono, do indígena e do negro que participam diretamente do corte da cana-de-açúcar nos primórdios de Mamanguape e sua

ascensão econômica na história da Paraíba e no corte de cana-de-açúcar no Brasil deram origem a identidade cultural que hoje temos em nosso município e que lutamos pelo seu reconhecimento.

Ortiz (1985, p.128), ainda afirma:

Identidade nacional e cultura popular se associam ainda aos movimentos políticos e intelectuais nos anos 50 e 60 e que se propõem redefinir a problemática brasileira em termos de oposição ao colonialismo.

Então, a identidade de um povo, e de uma cidade, tem por si sua constituição desde os primórdios, por diversas influências sociais para sua construção. Ou seja, não se pode deixar de levar em conta o que aconteceu antes com nossos ancestrais tanto quanto não se pode esquecer que tais ancestralidades derivaram de outras questões econômicas, sociais e culturais maiores e o hoje é resultante de todo esse processo anterior.

Sobre questões de falarmos do afro-indígena ou como diz Ortiz (1985, p. 21) sobre o mestiço, consideramos suas premissas:

O mestiço, enquanto produto do cruzamento entre raças desiguais, encerra, para os autores da época, os defeitos e taras transmitidos pela herança biológica. A apatia, a imprevidência, o desequilíbrio moral e intelectual, a inconsistência seriam dessa forma qualidades naturais do elemento brasileiro. A mestiçagem simbólica traduz, assim, a realidade inferiorizada do elemento mestiço concreto. Dentro desta perspectiva a miscigenação moral, intelectual e racial do povo brasileiro só pode existir enquanto possibilidade. O ideal nacional é na verdade uma utopia a ser realizada no futuro, ou seja, no processo de branqueamento da sociedade brasileira. É na cadeia da evolução social que poderão ser eliminado os estigmas das “raças inferiores”, o que politicamente coloca a construção de um Estado nacional como meta e não a realidade presente.

Esse branqueamento é visto atualmente em Mamanguape em diversos aspectos, inclusive na sala de aula. Esse branqueamento acontece nas danças apresentadas quando não incluem os(as) negros(as) e os(as) indígenas na participação de uma apresentação na escola ou no espetáculo teatral apresentado, bem como nas ações diversas do fazer pedagógico não pensado para uma maioria de diversas etnias e porque não pessoas. Pessoas essas especiais: surdos, cegos, cadeirantes e autistas, por exemplo. E isso toma uma dimensão muito maior no atual cenário brasileiro aqui em Mamanguape tanto quanto em todo o Brasil quando se refere ainda por ser autistas e negros(as) por exemplo. Ou surdos e indígenas também, em mais um exemplo.

## O Jogo Teatral como prática educativa

Pode-se afirmar sem dúvida que o jogo dramático aplicado na sala de aula é um estímulo indispensável ao desenvolvimento das capacidades de expressão da criança. Realizando jogos dramáticos, a criança se diverte e libera espontaneamente suas fantasias e seus fantasmas interiores. Ao contrário do ator, que finge ser a personagem, a criança é a personagem que inventa ou imita (Reverbel, 1997, p.108).

Pensando inicialmente sobre a própria natureza da arte e sua contribuição singular introduzo esse olhar significativo sobre o fazer artístico na escola. Sua presença no currículo escolar fez com que nos trouxesse à essa escrita e fomentou a nossa Pesquisa junto no Prof-Artes/UFPB. Uma das minhas decisões na escrita dessa Pesquisa bem antes dela ir à sala de aula junto ao grupo focal de educandos/pesquisadores e muito antes de ingressar nesse Mestrado foi, qual seria o meio de aprendizagem sobre meu tema. Bem lá nesse início e tomada de decisão de qual tema e qual método ou que percurso metodológico eu iria utilizar.

Nessa minha linha do tempo de pensar esse processo trouxemos como suporte o Jogo Teatral. Justamente tanto pela prática que ele causa em mim, enquanto atriz de rua que sou na cidade, tão quanto ele por si só representa e simboliza no ensinar Arte em sala de aula. O Jogo Teatral não precisa de recursos tecnológicos, nem de suporte para instalar algo na sala de aula. Onde muitas vezes nós arte-educadores com apenas 2h/aula nos vemos perdendo minutos e até horas para identificar essa ou aquela tomada e plugar esse ou aquele cabo de conexão para tal fim. O Jogo Teatral é o fim e o início de tudo na vida de quem o pratica. Por isso ele se tornou em meu percurso e trajetória de pesquisadora nosso fio condutor.

A vivência do Jogo Teatral traz catarse e diálogo, pois ele por si só nos faz dialogar. Como me senti? Como te vi sentir? E como nós enquanto grupo nos sentimos? É essa aprendizagem que defendo na minha prática de pesquisadora em Artes em Mamanguape na escola Ana Cavalcante de Albuquerque ainda hoje. Não há certezas, mas há descobertas. Não há finalidade apenas e sim caminhos e até descaminhos de quando jogamos. O Jogo é isso, ensino.

O fazer com esse olhar são argumentos que justificam esse fazer artístico/pesquisador sobre etnia na escola, pois ele, por si só, se justifica pelas nossas identidades culturais locais. A arte, por si só, propõe ao ser humano a necessidade de expressar-se e conseqüentemente dar sua contribuição única no processo de vida e convivência social. A Arte existe, já dizia Ferreira Gullar, porque a vida não se basta.

O jogo teatral, então, vem como essa metodologia que adequamos à prática no ensino de Arte sobre etnia, tendo em vista que ele já é referência para nossa prática em Arte em sala de aula, pois acreditamos que é uma experiência única e singular tão quanto o ensinar Arte, se é que se ensina!

A arte favorece, transpõe e expressa o mais profundo do ser humano de forma criativa e afetiva, como costumamos afirmar diariamente em encontros pedagógicos e mesmo na universidade em nossos diálogos nos grupos do Programa de Mestrado em Artes/UFPB.

A concepção predominante em Teatro-Educação vê a criança como um organismo em desenvolvimento, cujas potencialidades se realizam desde que seja permitido a ela a desenvolver-se em um ambiente aberto à experiência. O objetivo é a livre expressão da imaginação criativa. Na visão tradicional, o teatro tinha apenas a função de preparar o espetáculo, não cuidando de formar o indivíduo (Koudela, 2006, p.18).

O Jogo Teatral foi utilizado para trabalhar essa historicidade mamanguapense facilitando as práticas e os diálogos sobre essa história e saberes locais. O que podemos obter de um grupo de educandos(as), o qual se tornou o grupo focal?

Muitas questões resultaram desse trabalho com Jogos Teatrais. No que se refere ao nosso grupo focal nos permitiu entender melhor em cada partitura artística o resultado de jogar teatralmente com as leituras sobre Mamanguape e isso proporcionou muitas descobertas sobre as nossas origens. E como se deu esses Jogos?

Os Jogos Teatrais foram ações metodológicas durante toda a Pesquisa, além de ter sido para nossa Pesquisa um meio de diálogo sobre os saberes ancestrais a partir do encenar e vivenciar os saberes afro-indígenas. O porquê dos Jogos Teatrais em uma pesquisa sobre as questões ancestrais afro-indígenas em Mamanguape? Os Jogos favoreceram as construções encenadas e dançadas durante todo o processo até chegar ao grande jogo da

Culminância. Além de desenvolver temas diversos pelas construções em partituras é válido dizer que ajudaram a desenvolver nos educandos/as mecanismos de criação de cenas, de atitudes diante da temática ali exposta a partir dos temas propostos como já mencionado. Justamente pela própria história local nos fez pensar nesse contexto de escrita e estudos.

E o que o cortador de cana-de-açúcar tem a nos dar no Jogo? Tem e nos deu muito. Nossa Pesquisa trouxe como saber a vida e o cotidiano do colono cortador de cana-de-açúcar pela sua importância em nossa comunidade. “A cultura é pública porque o significado o é” (Geertz, 1978, p.22). Além disso, o cortador de cana-de-açúcar tão quanto sua identidade é socialmente aceita e almejada. Por isso, partindo do pressuposto que ele veio sucedendo nesse trabalho que era realizado pelo indígena e pelo negro, escravizados e obrigados à exercer esse trabalho no que se refere ao território mamanguapense.

Mamanguape foi um dos primeiros territórios a sentirem os benefícios dos avanços tecnológicos da época, dada a pujança e poder de tração da economia açucareira (Mendonça, 2021, p. 45).

Pinto *apud* Mendonça (2021, p.45), acrescenta:

[...] mandei vir de Pernambuco um escravo prático na plantação da cana com arado americano e sou feliz de poder dizer-vos que aquele proprietário, assim como o primeiro, hão experimentado todas as vantagens que o novo instrumento agrícola proporciona a agricultura.

Vemos que as referências ao colono cortador de cana de açúcar são muito fortes nesse processo identitário local.

A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separada das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (Silva, 2000, p. 81).

A relação de poder que queremos aqui afirmar é justamente essa de não negacionar o que querem negacionar. Ou seja, o cortador de cana-de-açúcar é negro, é indígena e colono na história de Mamanguape. Não se pode citar o mesmo sem referir-se à essas questões afro-indígenas e tão quanto reduzi-lo à

um mero trabalhador. A nossa pesquisa em livros sobre as origens de Mamanguape traz as questões de diferenças desse trabalhador e o coloca em cena de protagonista dessa sua história mamanguapense.

Sabendo que é um saber visível e ancestral a presença do homem e da mulher (em menor presença no campo) que são cortadores de cana-de-açúcar na cidade de Mamanguape destacando essa profissão como histórica em nossa cidade e que é tão discriminada. Não podemos permitir que a nossa história apenas destaque Mamanguape pela visita da corte de Dom Pedro I, apenas. Citar que Mamanguape foi uma cidade economicamente potente e quase capital sem esquecer de seu colono trabalhador, é fundamental para nossa identidade. Sendo assim, sem inocentes e nem culpados, mas com o intuito de salvaguardar esse direito de história em nossa pesquisa e no contexto contemporâneo a partir de um diálogo com os educandos(as) em sala de aula, é o que desenvolvemos em sala de aula e nessa pesquisa acadêmica. A economia do país vem transformando-se e essa é uma profissão valorosa mas que falta oportunidades e condições dignas de trabalho que ainda permeia essa profissão em nosso país. Mesmo assim, ainda nesse sentido é uma realidade independentemente desse achismo colonizador contemporâneo.

Uma delas é imaginar que a cultura é uma realidade “superorgânica” autocontida, com forças e propósitos em si mesma, isto é, retificá-la. Outra é alegar que ela consiste no padrão bruto de acontecimentos comportamentais que de fato observamos ocorrer em uma ou outra comunidade identificável – isso significa reduzi-la (Geertz, 1978, p. 21).

Essa foi a trilha condutora desses saberes e por acreditarmos que, utilizando na metodologia o Jogo Teatral percorreríamos em cada ação e tema proposto, todas as metas planejadas na pesquisa e para o ensino de Arte na escola.

Para Soares (2022, p.176, grifo nosso):

Aprofundou-se, dessa maneira, em 1850, a promulgação de inúmeras leis que indicavam a transição da escravidão ao trabalho livre, produto da pressão externa da modernização como também resultado da luta e resistência da população negra que fugia daquela odiosa situação.

Por mais violenta e de luta que seja essa história de etnia em Mamanguape, tanto quanto em nosso país a partir do corte da cana-de-açúcar

e o trabalho braçal de muitos pais de família de meus/minhas educandos/as é a história real e diária de nossa comunidade escolar. Negar não seria, nem nunca será, meu caminho nessa escola e muito menos em minha cidade e nem tampouco nessa pesquisa. Portanto falar é preciso, entender toda essa ancestralidade, ainda é preciso.

Ainda sobre isso, Soares (2022, p.177), afirma:

O sentido ineficaz dessas legislações, que encaminharam a libertação gradual de negros/as, é notória quando pensamos a expectativa de vida dessas pessoas escravizadas, principalmente, aquelas que atuavam no duro trabalho braçal.

Quando se fala em trabalho braçal, certamente incluímos nessa conversa o cortador de cana-de-açúcar e sua luta ainda nos dias atuais em Mamanguape. Na formação inicial do grupo focal, uma de minhas incertezas e ao mesmo tempo caminho, mesmo com tantas ideias, era como de fato iria motivar meus/minhas educandos/as em sala de aula e fora do horário de aula, em contraturno, a participar efetivamente da pesquisa. Ainda, sobre a metodologia da pesquisa em nosso grupo focal e como fazer, o que nos inquietou inicialmente era como motivar os educandos(as) de forma objetiva e que resultasse em algo visual cênico.

O que seria pertinente na Metodologia para facilitar os saberes sobre o cortador de cana-de-açúcar e questões sobre os saberes ancestrais afro-indígenas ditos nos livros lidos sobre Mamanguape que trouxesse essa historicidade local de forma eficaz e valorosa? Como fazer um processo de Teatro de forma significativa para não-atores e sim educandos pesquisadores? A resposta foi o Jogo Teatral. Pois, o Jogo não precisa de materiais.

O Jogo Teatral foi e é o caminho dessa trajetória que pensei não só no início tanto quanto ao final de cada roda de diálogos. Sempre foi a partir de Jogos que iniciávamos e terminávamos. Seja para entender as questões afro e tanto quanto as indígenas, até porque ler e refletir sobre essas questões passou a ser uma constante na vida desses educandos/as a partir das atividades desenvolvidas. E repetir esse ciclo não seria um caminho motivador em meu olhar de pesquisadora em Mamanguape. Meus/minhas educandos/as esperavam desde o início algo prático de minha parte até porque sou arte-educadora deles/delas no ensino regular e sabendo disso como atender as

expectativas de: passeios e brincadeiras? Como fazer um trabalho de pesquisa com leitura sobre Mamanguape? Como resultar isso em Teatro ou Dança? E como eu vou introduzir o Coko de Roda e a Ciranda para educandos/as adolescentes que ouvem de tudo, menos essa musicalidade? E como eu poderia trazer o saber dos povos originários para a roda? Qual seria o meio eficaz e potente para discutir questões tão diversas? O Jogo Teatral foi o fio condutor encontrado que ainda hoje utilizo pós pesquisa em minhas aulas de Arte no ensino regular.

O Jogo tem por finalidade esse desenvolvimento tão importante ao ser humano que é seu potencial singular, onde cada pessoa é importante por suas diferenças tanto quanto por suas aproximações, favorecendo seu desenvolvimento humano a partir da abertura à experiência da livre expressão criativa, no que se refere ao Jogar.

O teatro realizado em grupo, a criação coletiva, é um fenômeno dos últimos vinte anos. A partir do movimento off-off-Broadway surgiram nos Estados Unidos, na década de sessenta, novas formas de teatro, que se tornaram independentes e não seriam viáveis dentro do esquema do show business. Muitos grupos "reinventaram" o teatro e a técnica era aprendida durante workshops, cujo desenvolvimento se dedicava à descoberta de novas formas de comunicação. O sistema de Jogos Teatrais de Viola Spolin é uma consequência dessa experimentação prática e possui características singulares, decorrentes do processo de criação coletiva do qual se originou (Koudela, 2001, p.40).

Portanto, o Jogo Teatral é um processo de experimentação prática para fortalecer um processo de criação a partir de nova forma de comunicação, ou seja, a comunicação que se dá a partir do Jogo é única. Sendo ele o porta voz de um novo fazer para um contexto tão amplo, mas necessário no que se refere a temática trabalhada nessa pesquisa.

Pode haver momentos intensos do que poderíamos nos dignar a chamar de teatro, mas no geral trata-se de drama, e a aventura, onde o fazer, o buscar e o lutar são tentados por todos. Todos são fazedores, tanto ator como público, indo para onde querem e encarando qualquer direção que lhes apraz durante o jogo (Slade, 1978, p.18).

Nesse intuito é importante qualquer ação durante o jogo teatral, desde que seja livre, sem críticas sobre se fez desse ou daquele jeito, ou se é certo ou errado esse Corpo no Jogo. Compreendemos que foi a forma mais afetiva e criativa que temos utilizado no ensino de Arte quanto a usar essa metodologia

durante a pesquisa na escola. Percebemos diferentes e amplos resultados quanto ao processo de criação dos educandos(as), sem o objetivo de se tornar Teatro ou ser ator/atriz, mas uma prática de expressão e comunicação e outras vezes, de fazer teatro na educação.

A linguagem, ao contrário dos outros instrumentos que são elaborados pelo indivíduo à proporção de suas necessidades, já está elaborada. Ela começa a aparecer na criança ao mesmo tempo que em outras formas do pensamento simbólico. Os progressos do pensamento representativo são, portanto, devidos à função simbólica em conjunto. É ela que destaca o pensamento da ação e cria a representação (Koudela, 2001, p. 29).

Mas, não apenas teatro para atores/atrizes, porém, algo mais além, que é a expressão do ser humano a partir da experimentação prática, no que se refere a nossa Pesquisa sobre experimentar o Saber Afro-indígena. Questões como: Porque ensinar uma arte multicultural afro-indígena ancestral? Por que esse trabalho do cortador de cana-de-açúcar é mencionado?

Essa constância deles/delas e minha de saber o porquê desse estudo sempre se fez necessário pois estávamos lidando até então como uma retomada de rotina, mesmo que já vista no meu processo de ensino de Arte em Mamanguape. Ali na proposta de um grupo focal isso deveria e deve ser sempre um processo também de tomada de consciência sobre o que estávamos fazendo nesses encontros de contraturno na escola Ana Cavalcante, local da nossa prática de jogos teatrais. As nossas práticas visaram a uma tomada de posição em relação a um ensino antirracista numa perspectiva de identidade cultural ancestral a esses povos originários tão quanto ao cortador de cana-de-açúcar inferiorizado e oprimido, além de ser histórico esse personagem principal desse processo de colonização no Brasil. Esse seria um dos principais arquétipos presentes entre nós e nossa comunidade/sociedade onde estamos inseridos diretamente. Eles/elas enquanto filhos/filhas e conseqüentemente, eu, enquanto educadora/pesquisadora do Prof-Artes UFPB e arte-educadora deles e ainda por pertencermos, todos nós a essa ancestralidade no território mamanguapense onde atuamos.

É principalmente na escola que a criança aprende a conviver com outros, delineando-se nesse momento sua

primeira imagem da sociedade. É na sala de aula que podem acontecer as primeiras descobertas de si mesmo, do outro e do mundo, pois aí o aluno incorpora-se ao grupo social, ao mesmo tempo se diferencia dele (Reverbel, 1997, p.19)

Ainda sobre essas questões pertinentes à escola e a inserção da criança no ambiente escolar é válido pensar e dizer que essas primeiras descobertas no que se refere ao ensino de Arte e o Jogo Teatral pode ser de suma contribuição na trajetória desse grupo e dessa arte educadora. Por ser algo lúdico e do participar em grupo e ora individualmente, cada vivência é de suma importância nesse percurso individual e na sociedade em geral tanto quanto em um grupo específico, no que se refere ao processo da pesquisa utilizando Jogos Teatrais que trazem essa práxis étnica e um ensino antirracista em cada atividade do Jogo.

Essa foi a caminhada do grupo focal, onde houve esse nosso olhar à cada progresso ou até retrocesso que nosso grupo passou diante das chuvas intensas que caíram na cidade e impediram os deslocamentos, que adiaram consequentemente o progresso de cada educando(a), mas não os impediram de evoluir e transcender os obstáculos das chuvas e consequentemente as desistências nesse percurso. Houve desistências de alguns educandos, e eu, enquanto pesquisadora pensei como seria o decorrer pós desistência. Precisamos por vezes refazer o planejamento inicial. E isso nos trouxe algumas tensões nos encontros, no jogar e no diálogo. Vendo isso naquele momento foi crucial a decisão coletiva que íamos seguir apenas nós. Nós oito educandos/as seríamos os/as resistentes e por vezes o discurso deles/delas era: “professora não se preocupe, não vamos desistir nem a abandonar”.

Era de se emocionar e ainda me emociona ver que foi válido verificar que ali, naquele momento, a pesquisa era de fato: nossa. Deles/delas e minha, como de fato aconteceu até o fim; somos os detentores desse saber jogado e experienciado. Sendo eu a educadora encenadora nesses jogos teatrais experimentais sobre a temática aqui abordada, me coloquei nesse lugar de respeito ao que cada um/uma poderia alcançar. Até porque sabemos que não existe padrão de certo ou errado no jogar, pelo contrário, cada jogo e cada partitura corporal que se faz é experiência e é aprendizagem.

Quando jogamos sobre essa historicidade de Mamanguape sempre nos vinha no fazer essa rebeldia desses povos originários e desse colonialismo que foi no Brasil e tão quanto esse branqueamento social de tomada de poder no outro inferiorizado e obrigado a estar nesses lugares de escravidão. Cada vez que jogávamos isso era contextualizado em duplas e no individual como mostra nosso acervo de fotos dessa pesquisa em Mamanguape.

O jogo é na verdade a vida. A melhor brincadeira teatral infantil só tem lugar onde oportunidade e encorajamento lhe são conscientemente oferecidos por uma mente adulta. Isto é um processo de “nutrição” e não é o mesmo que interferência. É preciso construir a confiança por meio da amizade e criar a atmosfera propícia por meio de consideração e empatia (Slade, 1978, p. 18).

Segundo Reverbel (1997, p.58), o prazer é condutor das ações.

O desenvolvimento das atividades de expressão artística em sala de aula é paralelo à aprendizagem das técnicas de expressão. Numa primeira etapa, o professor cria um clima favorável à realização espontânea de atividades lúdicas, e os alunos brincam utilizando livremente seus recursos corporais: salto, corrida, abraços, gritos, manuseio de objetos diversos. O prazer é o condutor das ações. Jogos e brinquedos são evocados e logo realizados: é a vez do chicote-queimado, do esconde-esconde, da amarelinha, do passa-passará, do pega-gavião, das bolinhas de gude, das bonecas de trapo etc. A lei, nesses primeiros períodos de aula, é brincar! (Reverbel, 1997, p. 58).

JOGOS INICIAIS:

Por que Jogar?

Quem são as pessoas de cor em Mamanguape?

Que história é essa?

Por que ensinar Arte numa perspectiva étnica ancestral em Mamanguape?

Montado o sistema escravista, o cativo passou a ser visto como coisa e o seu interior, a sua humanidade foi escravizada pelo senhor até que ele ficasse praticamente sem verticalidade; a sua rehumanização só era encontrada e conseguida na e pela rebeldia (Mendonça, 2021, p. 5).

A rebeldia muitas vezes é uma forma de dizer que algo não está bem tanto no comportamento do(a) educando(a) quanto no fazer de um/uma educador(a) em Arte, ainda hoje no ensino fundamental II, o qual atuo. Quantas vezes me ponho nesse lugar, seja por questões estruturais da escola tanto

quanto em não ser tratada como “promotora de eventos” das datas comemorativas. O Jogo Teatral de Reverbel propõe que a Arte dentro do contexto do Jogo deve levar em consideração, dentre várias questões, o uso da máscara social que o ser humano precisa muitas vezes para se manter em sociedade.

No mundo em que vivemos, predomina a linguagem verbal, sendo a linguagem gestual limitada, e os gestos muitas vezes repetidos maquinalmente. A face quase sempre apresenta uma máscara convencional, que não expressa nossos sentimentos mais profundos (Reverbel, 1997, p. 60).

Iniciamos os primeiros contatos em maio de 2022, falando sobre o que são jogos e em seguida explicamos a natureza dos jogos teatrais. Falamos, também, sobre ancestralidade do negro e ancestralidade do indígena, realizando nessa oportunidade uma roda de diálogo como elemento de sondagem sobre essas questões junto aos educandos(as).

Sabendo que meus/minhas educandos/as trazem em si esses sentimentos de expressão reduzidos à linguagem verbal, o desafio em trazer para o Jogo Teatral os/as mesmos/as tanto quanto desvincular a máscara social do achismo de falar do(a) negro(a) ou do(a) indígena em dias de datas comemorativas me vi num desafio de como seria esse processo tendo em vista esse saber racista de brincar sobre tudo, mas o brincar sobre esse contexto ainda é um território muito profundo e mascarado por tantas questões que também ainda vejo impedindo-me enquanto educadora de um ensino de Arte étnico ancestral.

Trazer uma Mamanguape de cor à sala de aula, no Jogo Teatral e nas rodas de diálogos começou com esse desmascarar-se entre nós. O que esse saber ainda em nosso meio social em Mamanguape está aquém do que se deveria pelo menos já ter sido vencido: o obstáculo de reconhecer-se descendente ou ao menos ancestralizado nesse saber.

O Saber Negro e o Saber Indígena que “sofre”, que é oprimido e que é resistência - esse foi o fio condutor da roda de diálogo.

O grande desafio do ensino de arte, atualmente é contribuir para a construção de realidade através da liberdade pessoal. Precisamos de um ensino de arte por

meio dos quais as diferenças culturais sejam vistas como recursos que permitam ao indivíduo desenvolver seu próprio potencial humano e criativo, diminuindo os distanciamentos (Richter *apud* Fornaciari, 2003, p.51).

Eis as primícias dos Jogos Teatrais iniciados nesse período (maio/2022) e em seguida trabalhamos com os Jogos encruzilhando os saberes conversados e ditos por eles e elas ora entre eles e ora comigo.

Saberes que vieram de início da leitura dessa citação local desses saberes ancestrais afro-indígena no que se refere a presença desses povos em nosso território e o trato com os/as mesmos/as, por exemplo uma das questões foi essa: Quem são as pessoas de cor? Qual foi a rebeldia que se conta sobre Mamanguape do indígena e sobre o negro comprado para servir os senhores dos engenhos e o que se diz sobre o colono mamanguapense no trabalho do corte de cana-de-açúcar?

Segundo Adailton Coelho Costa (1986, p.48):

A rebeldia do índio para o trabalho dos engenhos, o número insuficiente de colonos, bem como a indisposição destes para aquele tipo de trabalho, levaram os senhores de engenho a adotar o braço escravo dos negros africanos. Esses eram comprados pelos senhores e como tal acontecesse, passavam a ser propriedade dos senhores. Estes dispunham dos escravos de maneira que bem lhes aprouvesse. Assim é que escravo era forçado a trabalhar no serviço da lavoura, na fabricação do açúcar e nos serviços domésticos das casas grandes. Esse regime da escravatura não foi criado na colonização do Brasil: já era utilizado em outras regiões. E havia interesse da Coroa tanto por conta da produção do açúcar, como para o lucro que obtinha com a venda dos escravos. Maior fonte de riqueza da época.

Nesse início, grande foi nossa inquietação nos diálogos que foram abordados no início dos Jogos Teatrais sobre esse cortador de cana-de-açúcar e seu contexto local que se percebe o descaso de direitos e o interesse de lucrar com o negro tanto quanto resolver a rebeldia do indígena mamanguapense nos afazeres dos senhores de engenhos, tido como donos desses negros e indígenas escravizados. Esses primeiros jogos nos remetiam a muitas conversas sobre o que ainda hoje é visto de preconceito nas grandes mídias. Surgiu muitas ideias nesse início de diálogos étnicos ancestrais e qual

seria o caminho na leitura sobre Mamanguape e sobre essas pessoas de cor aqui ancestrais.

Como cada jogo era muito resultante de um diálogo ao final surgiu uma avalanche de ideias e de pensamentos antirracistas de nossos/nossas educandos/as na escola Ana Cavalcante. Ora e outra ao nos reencontrarmos em sala de aula, no cotidiano da escola, nos víamos debatendo esses saberes. Mesmo fora do dia do grupo focal a conversa era muito fluída de fazer alguma coisa sobre o ensino étnico ancestral em Mamanguape e como isso ainda hoje afeta à todos/todas nós.

Ao final de cada unidade, é feita uma avaliação conjunta, sendo os dados, colhidos pelo professor e pelos alunos, utilizados para a elaboração de novas unidades (Reverbel, 1997, p. 60).

Nesse período choveu muito na região do vale do Mamanguape e como o grupo nesse momento pós-chuva ficou pequeno, as regras vão mudando entre todos(as). Eu, brinco e eles/elas brincam. Eu brinco com eles/elas e eles/elas brincam comigo. Vivenciamos novas unidades de Jogo bem delicadas por conta do contexto do clima chuvoso e de certa forma, por isso mudavam as elaborações de novas unidades tão quanto a incerteza de quem era ainda grupo focal.

Porém, tudo era aproveitado mesmo quem não vinha aos encontros presenciais seja por conta disso, ou mesmo por questões diversas, ora pessoais ora de questões estruturais de onde iríamos jogar.

Nesse momento delicado foi necessário novas elaborações de como nos comunicaríamos e o que seria jogado tendo em vista o não-presencial e sim o Jogar remoto. Criamos um grupo no aplicativo WhatsApp e outro no Instagram onde colocamos fotos e vídeos de modo a que todos tivessem acesso ao acervo de imagens que foi sendo formado.

**Batuques no chão, Chicote invisível e Tocando Música de Roda eram os nomes das brincadeiras dessa etapa inicial.**



focal.mamanguape\_aline Utilização do instrumento musical chocalho para partituras corporais do corpo #afro e do corpo #indígena 04 de Outubro de 2022

FOTO 5: JOGOS INICIAIS: Maria Beatriz realizando sua partitura com manuseio de objeto dentro da roda das brincadeiras realizada em maio /2022.

Fonte: acervo da autora-2022.

Os manuseios eram de objetos criados por nós – Maracá de Lata para partituras do Corpo Afro-indígena e das Cantigas de Roda embaixo da árvore do Jardim da entrada da escola, pois fazíamos muito barulho pelo prazer de cantar, rir e chacoalhar e isso era orientado pela escola a ficarmos à entrada onde até obtivemos um maior êxito, pois era ao chão de terra viva do jardim e isso nos trouxe energias diferenciadas bem como o que abrange trabalhar com essas temáticas encantadoras e de encantados.

Ficávamos a cantar: A terra é mãe, santa...a terra é do índio, a terra é de Deus (Cantiga Popular).

#### JOGOS INICIAIS-Parte dois

Num segundo momento trabalhamos e conversamos muito sobre:  
Que cor? Qual é a cena? Quem sou? Quem somos?

Para Reverbel (1997, p. 59) “é importante que o educando opine e desenvolva seu senso crítico”. O senso crítico era todo o tempo estimulado pós brincadeiras e pós Jogos Teatrais de Expressão, quando era para valer a construção de uma partitura (partitura na linguagem teatral é construir uma

cena com o corpo) escolhida para a apresentação da Culminância da Pesquisa.

Ao mesmo tempo, a todo momento, os educandos(as) eram informados que pais e responsáveis, além dos educadores(as) e a gestão da escola seriam plateia. Ou seja, a todo tempo era preciso muito diálogo nessa construção coletiva do prazer coletivo sobre tudo que foi criado, compartilhado e até esquecido de apresentar. Concordávamos com o fato de a pesquisa ter o prazer do que seria feito, criado para esse momento e que deveria ser divertido e se fazer ciente da responsabilidade de teatralizar, expressar e fazer isso ser dito pelos nossos saberes ancestrais mamanguapenses. Em meados de agosto /2022 fomos costurando os objetivos de cena/saber e já afunilando o que queríamos atingir com nossos corpos cênicos.



FOTOS 6 e 7: Roda de diálogo crítica com “O dia do din-din” ou “O dia da pipoca com refri”: Era lanchando e confraternizando que conciliávamos o prazer da Pesquisa, de ser grupo focal e de decidir o que apresentaríamos. Risadas eram constantes quando nos lembrávamos do que eram brincados e jogados nas etapas 1 e 2.

Fonte: acervo da autora-2022.

### Jogos Encenados com Coco de Roda e Ciranda

O preconceito e a vergonha ocorrem das fórmulas rígidas da educação tradicional.

Na técnica corporal, são organizados em unidades ensino adequadas à faixa etária dos alunos, a partir de objetivos específicos. Ao final de cada unidade, é feita uma

avalição conjunta, sendo os dados, colhidos pelo professor e pelos alunos, utilizados para a elaboração de novas unidades. Durante os exercícios, o aluno identifica seus recursos corporais, aprimora sua linguagem gestual, aplicando-a espontaneamente nas mais diversas situações propostas. Há uma estreita relação entre a aprendizagem da técnica e a praticada atividade de expressão. Dominando melhor a primeira, o aluno irá atuar com mais espontaneidade na segunda. Movimento e pensamento são indissociáveis; no momento em que o aluno desenvolve “o fazer”, desencadeia o movimento (Reverbel, 1997, p.60-61).

O Jogo Teatral, eis o Saber de nossas aulas e diálogos ancestrais. Ora assistindo, ora fazendo partituras para o(a) outro(a) ver. Os Jogos Teatrais estiveram muito presentes desde a primeira etapa de nossos diálogos. O “fazer” desencadeia o pensamento, e o pensamento desencadeia o movimento. O início, o primeiro passo para ler a identidade que o/a outro/a traz na prática do Jogo. O Jogo trouxe não só temáticas, mas muitos diálogos entre a educadora e os educando(as) envolvidos na pesquisa. Proporcionou, também, materialidade sobre os fatos dialogados, para entendermos nossa identidade enquanto pessoa que atua, pensa e sente.

O Jogo traz esse lugar de sentir, se afetar e de entender quem somos nesse mundo, nessa comunidade e na escola. Onde está a etnia na escola? Onde está o negro em Mamanguape? Onde está o indígena? Quem é o cortador de cana de açúcar? Não é apenas meu pai? O cortador de cana de açúcar somos nós. Será? Questões dessas o Jogo trouxe e só o Jogo traz. Quando eu corto cana-de-açúcar com um facão imagético “vejo” a cana-de-açúcar no chão da escola. Suscitando entender quem habitou aquele chão, antes de ser escola? E quem era Ana Cavalcante? Mulher? Como uma mulher assume um nome de escola? E como o negro não é identificado se eu sou negro(a)? Eu me vejo negro(a) e me sinto negro(a) quando eu me faço escravo na cena. Ou quando Jogo.

Os Saberes atuais sobre o ensino de arte e as referências que norteiam o fazer étnico: cheganças e orientações sobre essa identidade cultural local.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) – CNE (Conselho Nacional de Educação) - Resolução nº15/2018, em sua orientação central, código

(EF15AR25) que se refere à uma habilidade sugerida para o professor trabalhar nos anos iniciais de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental que diz:

Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas (BNCC, Arte, 2017, p. 203).

É atualmente uma fonte de defesa e propagação dos saberes étnicos, apesar de que, como arte educadora, ainda acredito serem insuficientes os conteúdos e carga horária propostos, pois traz recomendações para essa transmissão de saberes bem como a orientação de como trabalhar as Artes Integradas com o ensino de matizes africanas e indígenas. Saberes esses que devem ser difundidos em uma aula de Arte bem como prática de saberes ancestrais em comunhão com a diversidade das artes e até mesmo com sua própria prática de valorização e difusão desses conhecimentos. Estudar a etnia de um povo ainda é um norte de saber numa sociedade que negaciona e ainda é preconceituosa quando o assunto são esses saberes ancestrais de povos originários.

Porém, penso que o medo de alguns educadores faz esse silêncio ser realidade na sala de aula não só no Brasil, mas o quanto percebi isso intensamente em Mamanguape. O falar sobre esses saberes étnico-raciais é inclusão, é lugar de fala e é pertencimento. Portanto, saberes ancestrais é uma dívida brasileira com nosso Corpo Afro e Indígena que temos ou pertencemos.

Ainda sobre o ensino de Arte buscamos saber se existiam orientações institucionais em nível de Secretaria Municipal de Educação ou do próprio Estado da Paraíba, por meio de sua secretaria congênere. Buscamos, além de minha inquietação sobre as leituras que poderíamos fazer, e assim fizemos sobre Mamanguape e seu pertencimento, o que poderia ter já sido pensado e escrito sobre esses saberes. Será que existe localmente alguma orientação ao que me propus pesquisar? Ou se tinha alguma orientação local para o Ensino de Arte, qual seria?

Iniciamos a consulta por meio do gestor da escola, que, como já mencionei, facilitou muito o andamento da pesquisa, colaborando e apoiando em tudo o que propomos. Também consultamos a Vice-Secretária municipal de Educação sobre esses dados, no que se refere ao Ensino de Arte em

Mamanguape e orientações sobre a BNCC, bem como se existiam Planos de Ação. No que se refere ao PPP (Projeto Político Pedagógico) identificamos que em nossa Escola Ana Cavalcante, o PPP existia mas se perdeu em uma reforma do prédio em meados de 2021/2022 e não tinha cópia. Infelizmente, como me mencionou o gestor escolar de minha escola o Prof. Robson, esse ano o corpo pedagógico terá como missão elaborar essa documentação perdida.

Isso me entristeceu bastante como professora da escola e pesquisadora pois o PPP é de suma importância para a vida pedagógica e administrativa da escola. Independentemente desse fato agradeço por me informar sobre o que aconteceu, sem subterfúgios, e também entendi que, infelizmente, seja por mudanças na Gestão do Município, ou na Direção da escola isso é um fato real do descaso com os documentos e acervos nas escolas de todo o Brasil. O impedir o trabalho do outro, ou mesmo prejudicar é uma realidade na vida do “ser humano de carne e osso”, como diria minha avó materna, Maria da Penha (Lila).

No que se refere às orientações da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), existem planos de ensino direcionados, a partir dela, pelo Governo do Estado da Paraíba, como mencionou a Profa. Kátia Germano, Vice-secretária de Educação de Mamanguape. No que abrange ao município, recebi por Whatsapp de meu Gestor Escolar, o documento que discrimina os dados e orientações para a Educação em geral em Mamanguape. Antes de citar alguns pontos, posso afirmar que seguimos algumas ou todas as orientações do Ensino de Sobral/CE. O município de Mamanguape segue o Plano do município de Sobral, ou seja, o que está dando certo lá e deu notoriedade à nível nacional, estamos realizando em Mamanguape.

Algumas questões abrem para mim uma reflexão recente, como por exemplo: “Não podemos deixar de realizar as consideradas datas comemorativas, festas.” Não podemos deixar de “dar aulas”, pois não podemos prejudicar o tempo pedagógico de uma aula para realizar festividades seja de que ordem for, para professor ou aluno. Em reuniões é dito que: “a ordem vem de cima”. Não sei se isso é bom e ou ruim. Infelizmente ou felizmente há anos Arte é considerada apenas para essas atividades ou para promover tudo isso, algo que também tenho minha própria opinião no que se

refere à fazer ou não fazer. Mas sem ir à essa discussão, existe insatisfação e ao mesmo tempo quem favoreça esse espelhamento com o que se faz lá em Sobral/CE. Mas, será que nossa realidade, identidade e diferenças sociais e culturais estão sendo preservadas?

Ainda sobre Mamanguape e seu Plano de Ação para a Educação, tive acesso pelas mãos do nosso Gestor Escolar, aqui já mencionado, à esse documento. Na verdade, ele não determina nem referência algo específico para Arte, na verdade no que se refere ao Fundamental II, que me agrega, são perspectivas à nível de ações de letramento de alunos(as) fora de idade/série até um prazo específico para serem alfabetizados(as). Ou seja, as orientações para o ensino de Arte são as da BNCC e as do Governo do estado da Paraíba, na verdade Mamanguape segue na ótica específica para Arte sobre um olhar nacional onde diz sobre competências e habilidades em Arte, algo já mencionado nessa Pesquisa que escrevo. Mamanguape não se preocupou em elaborar coletivamente um Plano de ensino de Arte se contentando a seguir planos que não refletem a identidade cultural local.

Considero que é de suma importância minha poética étnica sobre um olhar que devo ter para minha prática, que é a de criar mecanismos próprios e identitários na nossa sala de aula, bem como sobre nossa comunidade escolar. Sinto essa necessidade até porque nas reuniões que participo ainda sobre orientações pedagógicas, as questões que abrangem Arte sempre vão ao lugar e fala sobre datas comemorativas, mas agora em um contexto de Recomposições Curriculares, sobre fazer o(a) educando(a) ler, não é sobre ler o mundo, mas sobre ser leitor. A arte sempre colocada como coadjuvante, nunca como protagonista. Resistir a essas imposições e trazer a Arte para o seu lugar de protagonismo, é a nossa contínua luta.

A nossa ancestralidade familiar vem desses povos silenciados a séculos, inclusive silenciados em nossa cidade Mamanguape. Inquieta-nos, nos entristece ver o quanto perdemos quando não oportunizamos esse lugar de inclusão de raça/etnia. Até porque Mamanguape tem em seus livros essa pertença que é um dos motivos que me faz trazer à sala de aula esses saberes sobre à etnia e a encruzilhada desses povos irmãos originários, parentes, como dizem nossos Potiguaras da Baía da Traição aos seus iguais.

O que motivou a nossa Pesquisa, e vejo como extremamente importante, sobre pertencimento afro-indígena nas aulas de Arte em Mamanguape vem da nossa inquietude sobre essas questões e parte, das leis de obrigatoriedade do ensino afro-brasileiro bem como o ensino sobre as causas indígenas, grito esse que já era nossa rotina antes mesmo de iniciar a formação no Mestrado em Artes na UFPB.

Como já mencionei, na minha vida de artista docente em Mamanguape, sempre trabalhamos com essas temáticas, e a partir dessas vivências percebi a importância de realizar o aprofundamento por meio de uma Pesquisa que encruzilhasse esses saberes, bem como trouxesse para os Jogos Teatrais as leituras sobre esse pertencimento na cidade em que desenvolvemos a nossa pesquisa. Não vi outro caminho em minha escolha de ler sobre essas questões pois me inquietam a anos, não só pela obrigatoriedade desse saber ser dito na sala de aula quanto a necessidade de se dizer e praticar em Mamanguape essa pertença. Identidade negada não pelos livros e autores que falam de Mamanguape, mas pela própria fomentação de repertórios por educadores e pelos espaços que convém falar ou fazer sobre e por muitos motivos que até hoje, após a pesquisa, ainda me inquieta e motiva a falar sobre esse saber afro-indígena ancestral de Mamanguape. Nossa inquietação ainda hoje é essa, ler e debater os livros sobre Mamanguape em sala de aula e o acesso aos saberes de identidade ancestrais de matizes afro-brasileira e indígenas acontecer a partir de diretrizes locais no município no que se refere à facilitar educandos(as) e educadores à ler e conseqüentemente identificar seu pertencimento cultural e étnico-racial.

Ciente que sou dessa luta, que ainda hoje travo, a Lei ainda me traz um lugar propício pois a partir dessa “legalidade”, há motivos e há direito à esse acesso que deve ser viabilizado nem que seja por mim, educadora. Uma inquietação que vem desde quando escrevi o projeto de pesquisa e no decorrer das leituras com os(as) educandos(as) pesquisadores ao longo desses anos de 2021/2022. Esse acesso a ler sobre Mamanguape é mais antigo do que a pesquisa, sendo oportunizado desde a minha atuação enquanto agente cultural que sou na cidade.

Na Gestão da Secretaria Municipal da Educação que teve a frente a Professora Severina, nossa querida Sevy, o acesso as referências,

documentos e tudo que fosse necessário aos estudos sobre Mamanguape, se dava por ela, permitido por ela e escrito por ela. Ela era uma professora, pesquisadora e escritora. Seus livros não pude ter acesso para essa pesquisa, pois os exemplares tanto os dela, quanto de Fretana, que já tinha lido, não são acessíveis por serem obras únicas, de exemplares e relíquias nos dias de hoje. Sendo assim, o acesso só por cópias, mas a burocracia da prefeitura municipal, como sempre, faz isso demorar o suficiente para que eu consiga os livros pela internet. Os livros que conseguimos acessar pela internet foram disponibilizados aos(as) educandos(as) pesquisadores e nos proporcionaram grandes diálogos sobre a história ancestral de Mamanguape, sobre os nossos saberes étnicos afro-indígenas ancestrais.

### CAPÍTULO 3 CAMINHOS TRILHADOS

À medida que a esfera das representações se amplia ante os progressos da reflexão que seus modos de associação e as suas combinações se diversificam, acentua-se a tendência para progredir nesse campo, a expressão verbal adquire uma facilidade cada vez maior, e a poesia sofre, quanto à dicção, uma profunda modificação (Hegel, 1997, p. 410 - 411).

A pesquisa foi do tipo participante utilizando a abordagem qualitativa com a formação de um grupo focal formado de início por 17 educandos(as)/ pesquisadores com procedimentos de observação participante como ação estruturante. Adotamos chamar os educandos(as) participantes da pesquisa de participantes pesquisadores em razão do entendimento de que toda a pesquisa transcorreria em permanente diálogo com eles e elas onde os mesmos participaram opinando em todos os passos da pesquisa. Nossa Problema de Pesquisa investigou **‘Até que ponto os educandos(as) do 6º ano reconhecem seu pertencimento cultural afro-indígena a partir de jogos teatrais e vivências de Corpo Afro e Corpo indígena, ancestrais de Mamanguape?’**

Buscamos alcançar um referenciamento dialogado para esse caminho de saberes, ora pelo Jogo Teatral ora pela Dança e pelo vivenciar o Corpo afro-indígena. Nessa perspectiva investigamos a Hipótese de Pesquisa que foi indagar **‘Existe reconhecimento do pertencimento afro-indígena entre os educandos(as) do 6º ano da Escola Ana Cavalcante?’** Utilizamos constantes diálogos por meio da realização de jogos teatrais e de danças circulares Coco de Roda e Ciranda, tendo em vista o ler, experienciar e o fazer numa nova ação-reflexão, numa práxis cultural.

Tanto as atividades de expressão gestual como as de expressão verbal inscrevem-se num contexto contemporâneo e social. Do Jogo Lúdico ao Jogo de Regras, Do Jogo Espontâneo ao Jogo Planejado, o professor deve considerar sempre o nível de satisfação do aluno. As atividades de expressão não visam à formação de um artista, mas ao desenvolvimento de um ser dinâmico e social (Reverbel, 1997, p. 59).

Sendo assim, somada a escuta oral dos educandos(as), o caminho percorrido nesse lugar de reconhecimento individual e coletivo de ser ou até

não ser afro-indígena foi o caminho percorrido durante a pesquisa. Possibilitar essa oralidade crítica e expressiva pelo fazer e dialogar sobre esse saber ancestral de identidade cultural da história de colonização territorial mamanguapense perseguiu nossa pesquisa do começo ao fim.

### 3.1 Os caminhos iniciais e as possibilidades do processo

#### 3.1.1 Primeiros Passos : qual é minha cor?

Iniciamos em maio de 2022 com uma primeira roda de diálogo onde a maioria no grupo era formada por meninas. Sendo assim, confesso que de início me deparei com a questão forte de como ia proceder uma conversa dialógica sobre o cortador de cana-de-açúcar, principal ocupação econômica dos pais e/ou responsáveis, com suas filhas meninas. Uma catarse de ideias e de preconceitos me fizeram repensar meus procedimentos metodológicos diante de tal passo de inserir esses diálogos apenas com um grupo feminino. Porém, nesse primeiro encontro era de meu conhecimento que havia meninos mas esse primeiro encontro era o de grupos distintos por conta da quantidade inscrita de livre escolha, o qual propus no convite inicial feito na escola para quem quisesse participar da pesquisa.

Os processos de criação da criatividade enquanto potencialidade da natureza humana passível de ser estimulada e desenvolvida de forma sistematizada, não é possível enveredar pela área da Educação, procurando identificar, inclusive, aspectos culturais responsáveis pelo bloqueio ao desenvolvimento dessa potencialidade. São obstáculos que se encontram ancorados numa ampla estrutura social, mantedora de uma ordem que prima por um cidadão integrado pelo conformismo (Nicolau, 1997, p.74).

Acreditamos que no ensino de Arte, para se ter bons resultados no que se refere a fruição ou mesmo na participação que é almejada por todo educador, deve-se ter o inconformismo. Ainda mais quando se propõe um ensino referenciado por questões étnicas e no âmbito escolar. Ainda é na escola, mas não somente, que o ser humano pode evoluir e se incorformar com os absurdos sociais do conformismo: que afirma que não podemos fazer nada ou que 'pau que nasce torto nunca se indireita'.

É isso que se faz também com as matizes africanas na escola e com o ensino sobre os povos originários indígenas. E isso se intensifica mais ainda no que se refere a cidade de Mamanguape. Onde alguns dizeres municipais são:

negro está no passado, não se escraviza mais ou que os indígenas não estão mais aqui, estão apenas na Baía da Traição, cidade vizinha. Será? Eis a pergunta que fiz ao nosso grupo focal em seus primeiros encontros abrindo nossa prática metodológica com essa permissa: Nos conformaremos? É essa história que temos para contar? Vamos repetir essa história de aniquilamento do que somos?



FOTOS 8 e 9: No pátio da escola vivências de partituras individuais e roda de diálogos. Reunião Pedagógica onde apresentei a Pesquisa para meus colegas de profissão e os resultados em andamento - setembro/2022.

Foto 8: Em um dia de nossas Rodas de Diálogos, grupo encruzilhado já em meados de agosto/2022 apenas 6 educandos(as) mas o total são sete, nessa tarde se ausentou a educanda/pesquisadora Maria Beatriz.

Foto 9: Na Reunião Pedagógica com a escola foi me dada a oportunidade de partilhar sobre a Pesquisa bem como apresentar aos colegas o andamento da mesma e já os convidando a se fazerem presentes na Culminância que seria em outubro.

Fonte: acervo da autora-2022.

Nesses encontros trabalhamos essa inconformidade que traz a temática afro-indígena no âmbito dos educandos(as) pesquisadores e a escola. Fizemos os diálogos iniciais nesse pressuposto: Qual é a história que o Mamanguapense tem para contar? Está apenas no passado? E nossa cor? Nossa pertença existe e está aonde?

Esses diálogos seguiram avançando, seja com os(as) educandos(as) seja com a escola. Viabilizamos esses diálogo graças ao apoio do nosso Gestor Escolar que em nada nos impediu, ao contrário, apoiou em todos os momentos da pesquisa. A partir dessa identificação, discorreremos sobre o que foi realizado com toda a Escola pois além dos educandos(as) pesquisadores(as) tinha a presença do respeito de um Corpo Escolar, de uma comunidade chamada Escola.

A ideia central da pesquisa foi entender se os educandos do 6º ano reconheciam seu pertencimento cultural afro-indígena e a utilização dos jogos teatrais e vivências de Corpo Afro e Corpo indígena, foram elementos metodológicos para essa busca de entendimento ancestrais de Mamanguape.

Nessa perspectiva de investigação buscamos desenvolver, junto a esse grupo de educandos(as), a quem denominamos de educandos pesquisadores, a compreensão de suas ancestralidades. A pesquisa pretendeu que os(as) mesmos(as) fossem estimulados(as) a participar de todo o processo de forma proativa, lendo sobre a cidade, discutindo seus valores culturais, sua história, exercitando a crítica e a identificação principalmente sobre o cortador de cana-de-açúcar (a maioria dos pais) presente na história local ainda hoje e em suas vidas e na realidade de nossa comunidade escolar da Ana Cavalcante, escola que estamos inseridos(as) nessa pesquisa.

Como já mencionamos, os(as) nomeei de pesquisadores(as) pois tanto eu quanto eles e elas estamos juntos(as) nesse percurso de conhecimento e fortalecimento de nossa identidade cultural étnica Mamanguapense. Enquanto pesquisadores que o fomos e ainda seremos pois esse ensino antirracista não pode parar nessa escrita mas deve ser de fato mais um ponto de incentivo para mim enquanto arte educadora que busco aqui o ser mas para eles/elas descendentes desses saberes trabalhados nessa pesquisa.

Realizamos inicialmente uma ação explicativa dizendo da importância de se pesquisar nas bibliotecas e acervos diversos visando reunir livros sobre a história de Mamanguape na perspectiva de ampliar esse conhecimento junto ao grupo e a essa pesquisadora, buscando a diversidade de referências locais sobre o território mamanguapense em autores diversos e atuais sobre esses saberes ancestrais afro-indígenas sobre a identidade cultural local e consequentemente dos pesquisados(as).



FOTOS 10 e 11:

Leitura de vídeos sobre Ciranda e Selfie de Esthefanny feita meados de agosto/2022 – foto que demonstra afeto, grupo e fortalecimento de uma etapa muito importante que considero primordial. Eles/elas estavam com presença plena ali. Quando eu tiro uma foto de algo, de alguém ou de um grupo, isso em minha visão de educadora, me faz perceber a memória que Esthefanny quis guardar desses encontros de saberes. E isso foi emocionante diante de um grupo que já havia tido desistências, obstáculos e incertezas de quem seriam os(as) que ficariam até o final da pesquisa na escola. Quem iria culminar esses saberes?. Na Foto 6, Leitura de vídeos era a constante pesquisa de referenciamento sobre Danças de matrizes afro e indígenas pela internet pela forma mais simples que podíamos. A partir de um celular conhecemos diversos artistas e referenciamos nossas conversas, nossa oralidade.

FONTE: acervo da autora-2022.

3.1.2 O Que foi pertinente nesse diálogo a partir da Oralidade (oralidade e atitude)?

A partir desse grupo que continuou, inserimos leituras sobre nossos ancestrais locais e sobre Mamanguape. A ideia era fortalecer a identidade deles/delas enquanto mamanguapense, e conseqüentemente seu Jogo/partitura encruzilhado de saberes como mesmo sugere a BNCC quando se refere à repertórios imagéticos e a percepção de contato com autores locais.

Encontro maravilhoso foi esse, o das leituras locais pois até antes desse dia era uma incógnita a aceitação dos(as) mesmos(as) sobre conhecer a história étnica deles e delas, sobre o cortador de cana-de-açúcar, pais desses/dessas educandos(as). Era dentro de mim uma mistura de curiosidade e ansiedade em vê-los(as) ler sobre.

O livre fluxo da expressão, o estímulo à fantasia e à imaginação, a flexibilidade de pensamento, a expressão pela originalidade, a liberdade de descobrir e construir, são práticas que todas essas

perspectivas permitiram, práticas essencialmente da Criatividade (Nicolau, 1997, p.87).

Como seria a reação? E como eu iria proceder depois de tal encantamento sobre ver que o corte de cana-de-açúcar é cultural e étnico diante de um processo de industrialização da história de assenção de Mamanguape na Paraíba. Foi de muita intensidade deles/delas em ler. Vê-los(as) ler sobre Mamanguape no que se refere a realidade de nossa comunidade da Rua do Meio, onde diariamente entra e sai uma grande quantidade de ônibus buscando os trabalhadores do corte de cana-de-açúcar de nossa cidade e região.

Para um estudo mais detalhado da História de Mamanguape, com vistas a proporcionar outras e melhores pesquisas, em obediência a uma sistematização prévia dos assuntos, dividimos a história de Mamanguape em períodos, onde são destacados ordenadamente os principais acontecimentos históricos, políticos, administrativos, econômicos e culturais. É um estudo da terra, melhor dizendo, da terra e da natureza, pois foram a beleza e a riqueza de suas matas, é o mais fácil caminho pelas águas, do rio ou do mar, que facilitaram a presença do emigrante, seja o colonizador português, sejam os de outras nacionalidades, que levaram aos surgimento da grande Cidade do passado – Mamanguape (Costa, 1986, p.35)

Cultura açucareira de anos e de diversos momentos de Mamanguape no contexto social e histórico paraibano e porque não dizer nacionalmente, foi muito potente. Mamanguape em nossas leituras foi revelada como cidade histórica, o que ela o é de fato. Mas para o/ a educando/a de nossa sala de aula isso foi uma grande descoberta que ainda traz alguns traços dessa revelação aos olhos de adolescentes nos dias de hoje. E hoje, pesquisadores/pesquisadoras desse revelamento histórico de Mamanguape a partir das aulas de Arte no grupo focal. Esse saber foi nesse momento difundido em suas casas, famílias e percebi até os avós e os avôs afirmando tais saberes ancestrais, o que me deixava mais afetada por estar nessa pesquisa de Mestrado do Prof-Artes-UFPB.

### 3.1.2.1 Encontros e Reencontros sobre a Cor: estruturando os diálogos de pesquisa

Nesses encontros seguintes, a ideia foi estruturar, a partir de leituras e diálogos, sobre a cor da nossa pele. Após a identificação surgiu a inquietação

dos(as) mesmos(as) de como seria identificar-se negro(a) ou indígena ou se isso os (as) afetavam.

O antidialógico se impõe ao opressor, na situação objetiva de sua opressão, para, pela conquista, oprimir mais, não é só economicamente, mas culturalmente, roubando ao oprimido conquistado sua palavra também, sua expressividade, sua cultura (Freire, 1987, p.136).

Os encontros, intitulados de oficinas e rodas de diálogos, foram semanais, sendo uma semana para leitura das referências e a outra para vivências práticas, por meio dos jogos teatrais de Olga Reverbel (1997).

Ao desenvolver atividades de expressão artística baseadas no jogo infantil, não se pretende formar artista, mas um ser espontâneo, vivo, dinâmico, capaz de exteriorizar seus pensamentos, sentimentos de utilizar diversas formas de linguagem. O objetivo das atividades é formar um ser social, apto a construir gradualmente sua própria escala de valores e desenvolver seu senso estético (Reverbel, 1997, p.36).

A ideia central da metodologia foi experienciar práticas do Saber Ancestral Étnico Afro-indígena de acordo com a formação dos grupos e interesses dos mesmos, tendo os jogos teatrais como elemento condutor das práticas e diálogos.

A duração foi de dois encontros que foram denominados de Oficinas por semana (16 semanas / 4 meses), num total de 32 Oficinas, culminando as ações no aniversário da cidade de Mamanguape (25 de Outubro). Foi formado um grupo de educandos(as) pesquisadores que, quando consultados sobre o interesse em participar livremente, se colocaram à disposição dos estudos a partir das manifestações culturais locais, visando encruzilhar a vivência do Saber Étnico das duas etnias ancestrais afro-indígena.

### 3.1.3 O Cortador de cana-de-açúcar: quem é?

Nas semanas em que avançamos os estudos sobre esses saberes culturais locais a atividade seguinte foi a de culminar num mergulho entre educandos(as) e a personagem do cortador de cana-de-açúcar, musicalidade afro e indígena de acesso comum e livre em pesquisa realizada no aplicativo google e outra em um Programa Especial sobre Dominginhos por nome: "Cortador de Cana".

A ideia seguinte era convidar artesãos locais para que viessem interagir com eles e elas sobre o pertencimento da cultura local, tendo em vista que existe uma grande feira na cidade, onde se vende objetos diretamente ligados a cultura mamanguapense. As discussões em grupo nos levaram a não irmos à feira, pois foi arguido sobre as dificuldades como: transporte para levar a todos e a feira ser ao sábado em nossa cidade, dia em os(as) pais/mães vão à feira e alguns educandos(as) cuidam de seus/suas irmãos/irmãs menores de idade. Decidimos manter os diálogos sobre o cortador de cana, algo mais próximo da realidade dos educandos(as).

Saberes locais em Mamanguape: onde estou nesse contexto étnico afro-indígena?

Em suas origens, a história de Mamanguape se insere no processo de conquista da Paraíba. A colonização na Paraíba foi marcada por conflitos, principalmente entre colonizador e indígenas locais, aliados dos corsários franceses (Andrade; Vasconcelos, 2005, p. 19).

Diante disso, é possível afirmar que não é em harmonia que aqui a etnia acontece e se reconhece. Desde o início de sua colonização Mamanguape é também conquistada a partir desse contexto conflituoso paraibano. E diante da resistência ainda hoje dos Potiguaras, povos originários indígenas do Litoral Norte especificamente na Baía Traição, em dias atuais residentes nesse território, porém, antes era todo território demarcado pelo Rio Mamanguape e pela Baía da Traição.

Esse processo de conquista territorial foi encabeçado por Martim Leitão, Ouvidor Geral da Capitania da Bahia e responsável pela conquista da capitania da Paraíba em 1585 bem como João Tavares, administrador colonial português que foi governador da Paraíba em 1586, responsáveis para que essa conquista formal da terra se efetivasse. Isso já demarca como foi esse processo étnico tendo em vista que só com o surgimento e inauguração da usina local açucareira tivemos a presença do negro em Mamanguape, isso já em 1941, usina por nome Monte Alegre. As práticas econômicas no município se dão justamente pelo trabalho remunerado na usina citada acima bem como em outras como as de Mataraca e Santa Rita, Japungu e a São João, todas na Paraíba.

Além do comércio local que é forte com a presença de diversas empresas nacionais como Magazine Luiza e Americanas, mas o que também aqui é forte para a economia local podemos citar o funcionalismo público municipal e estadual, que fomenta e mantém o comércio local forte sempre ao fim e início de cada mês. A feira local é algo muito forte pois também é formada por agricultores das regiões rurais de Mamanguape como Camaratuba e Pindobal, comunidades rurais de nossa Rainha do Vale do Mamanguape.

Dentre os saberes culturais podemos citar o prédio do Centro Cultural Fênix que recebe hoje o nome de Severina Maria de Oliveira Vasconcelos, uma das referências de nossas pesquisa e que foi secretária de educação do município, saudosa em seu fazer a qual tenho uma profunda memória pessoal e artística pois foi responsável direta pelo surgimento de vários eventos culturais na cidade como a Semana Cultural, Formação de Grupos Parafolclóricos e Folclóricos e de Agentes Culturais e por que não citar minha carreira artística pessoal, pois fui uma de suas agentes culturais como menciono em meu currículo artístico e pessoal e também a cito em meus agradecimentos iniciais como Mulher da Cultura na cidade na qual sou pesquisadora e artista docente.

No município destacamos os saberes culturais com a presença forte das danças folclóricas, com a expressão da Quadrilha Junina Jóia Rara, a música, com a Banda Marcial Renato Fonseca, nome de um de seus ilustres filhos e de ex-gestão municipal parente do saudoso Fábio Fernandes, ex-prefeito de Mamanguape. Posso citar os Festejos como Festa dos Padroeiros São Pedro e São Paulo, bem como o Coreto Cultural, evento da atual gestão municipal (2023). Mamanguape tem em sua cultura vasta presença de nomes artísticos, tendo conquistado apelido de Celeiro Cultural, pois, de cada expressão artística aqui temos um pouco.

Podemos citar Macário, intérprete saudoso de uma das músicas que fala sobre Mamanguape por nome: Mamanguape Querida, de Carlos Mendes compositor e autor da letra referida. Também registramos Titila uma poetisa de rima, bem conhecida pela população assim como meu trabalho local como atriz de rua, popularmente sou conhecida como Maria Bonita de Mamanguape.

Dessa troca de saberes, a pesquisa buscou o reconhecimento desses saberes locais, registrando-se que muitos desses educandos(as) participantes

dessa pesquisa, são filhos desses cortadores de cana-de-açúcar locais, além de descendentes de agricultores ex-escravos, o que oportunizou diálogos voltados a questão dos escravos que assumiam esse papel nas usinas açucareiras locais e abrangendo o saber de pertencimento atual. Algumas ações seguiram o que orienta Sandra Haydée Petit, na prática da cosmovisão africana em sua obra *Pretagogia* (2015). Ao final de cada oficina, com duração de 2h30, foram feitas indagações aos educandos(as), tais como: “O que achou da oficina de hoje? O que você compreendeu sobre o que dialogamos?” Essa compreensão dos mesmos foi nossa diagnose à cada semana dessa aplicação de saberes e de vivências de cosmovisão afro indígena, sendo o fio condutor dessa pesquisa.

No grupo focal de educandos(as) pesquisadores, os que não tiveram interesse em participar das vivências corporais fizemos com esses educandos(as) um processo de leitura visual das imagens produzidas pelo grupo de vivências de saberes ancestrais afro-indígenas e sobre obras de arte desse contexto com o qual estamos a trabalhar, tendo em vista deixar livre a opção desses educandos(as) diante das opções de vivência devido a ausência de práticas que descolonizassem a mente deles, onde povos de extrema importância são muitas vezes resumidos à abril ou novembro.

Esse negacionismo e racismo estrutural que se abriga em nossas escolas e práticas, me convidou à essa pesquisa em ressignificar esse caminho feito por tantos educadores(as) em tentativas muitas vezes não referenciadas com questões não só raciais mas locais de pertencimento afro-indígena. A proposta foi, junto com eles e elas, ressignificar esses saberes nas aulas de Arte de forma que, mesmo que inicialmente não percebessem, utilizamos como atividade central, ao final de cada oficina, o *Coco de Roda* e a *Ciranda*, de modo a que refizessem esses caminhos, favorecendo a encruzilhada de escolhas e de corpo ancestral. O *Coco de Roda* e a *Ciranda* foram elementos permanentes vivenciados ao término de cada oficina, representando o diálogo do corpo e mente com esses saberes ancestrais imbricados na identidade cultural desses educandos(as).

Os negros “quebrando coco para retirar a coconha (amêndoa) dos secos para o preparo dos seus alimentos (até manteiga,

muito clara e branca, faziam) e para ingestão natural mesmo da polpa dos maduros como farto e substancioso alimento” na execução dessa tarefa coletiva teria nascido a dança (Pimentel, 2004, p.35).

Sendo a origem dessas Danças como o Coco de Roda algo ancestral de nosso povo negro, inserimos as mesmas em nossas práticas de Corpo Afro. Pois das atividades comuns e rotineiras assim é o ensino de Arte a partir desse povo que Mamanguape também pertence. Portanto, inserir práticas ancestrais remete à esse saber de rotina foi que pensamos a Pesquisa desde a sua concepção até a sua aplicação na escola com nosso grupo focal.

Essas duas danças circulares identitárias, foram os elos de diálogos sobre a cultura local, além das leituras e dos jogos teatrais.

A vida da cirandeira foi muito dura, limpando mato, plantando roçado e enchendo caminhão de cana-de-açúcar, e hoje encontra significado para sua existência nas rodas de ciranda (Pimentel, 2005, p.61).

Praticamos essas danças e jogos teatrais para, como se diz no Teatro, “costurar” também os saberes aprendidos e ressignificados na culminância realizada na escola ao final do processo com o grupo focal justamente no mês e semana da Consciência Negra, porém, apenas a convidados(as) por eles/elas demonstrando o grupo ainda um pouco de receio de trazer esse pertencimento e lugar de fala ao pátio da escola mas deixando todos(as) cientes do intuito e reconhecimento dessa pesquisa.

Segundo Rossi (2009, p.17):

O termo leitura começou a ser usado no final dos anos 1980, quando foi divulgada a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2010), referindo-se a um dos vértices dessa abordagem que propõe a inter-relação entre a produção, a contextualização e a leitura da imagem no ensino de arte, sendo considerada uma forma de abordagem para uma aprendizagem de saberes em Arte.

Portanto, os educandos(as) que não quiseram participar das vivências foram informados que se tornariam leitores das imagens produzidas pelo grupo de vivências de corpo onde estariam todos numa sala e foi prática aliada a leitura de imagem, pois, diante do processo de ensino no Fundamental II, onde o ensino de Arte assume uma carga horária de 2h aula por turma, foram aproveitadas as ações rotineiras diante dos desafios de um dia de aula onde

não se pode tirar o direito do educando(a) a vivenciar a aula mesmo que apenas observando. A leitura de imagem também fez parte da pesquisa pois foi utilizada como instrumento metodológico em todo o processo. Essa prática já utilizo em sala de aula a muitos anos.

Ainda de acordo com Rossi (2009, p.78), “A criança emite um juízo positivo de qualquer imagem”, compreendendo que o educando(a) não faz juízo de valores ou tem preconceitos para com um processo de ensino-aprendizagem, ou seja, não há como não acontecer, como diria na linguagem do teatro, a catarse. Ver, também facilita o aprender, o compartilhar ideias e o saber afro-indígena ancestral que buscamos nas vivências diversas de cosmovisão oral, corporal e textual nas pesquisas sugeridas para os educandos(as) pesquisadores em sala de aula. Fez parte do processo tanto quem escolheu fazer parte de todas as experiências de reconhecimento étnico ancestral quanto quem optou por ler as vivências a partir de teorias e imagens ou mesmo a oralidade pretendida de autores diversos como já mencionado neste texto.

Como afirma Rossi (2009, p.71), “Usamos a palavra julgamento, na leitura estética, para definir o ato de avaliar, de decidir acerca da qualidade das imagens analisadas. Já o termo juízo, diz respeito ao resultado do julgamento” ou seja, vamos fazer juntos uma leitura, não um júri de qual educando(a) fez a vivência boa ou ruim, pois o saber está nas atitudes dialogadas. Esse diálogo é muito maior para um caminho de identidade ancestral do que de julgamentos de belo ou feio; ou de bom ou ruim.

A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos (Freire, 2013, p.7).

#### 3.1.4 Descobrimo o pertencimento de encruzilhada

Se sou? Se não sou? Nesse processo identitário de finalização dos saberes de rodas de diálogos, já em meados de agosto de 2022, tivemos discussões muito potentes de como iríamos proceder para a culminância de tantas descobertas que se tornaram a chave condutora das oficinas e dos

ensaios preparatórios da culminância. Devido a própria referência étnica que foi o fio condutor dessa pesquisa, onde o colono é substituído pelo indígena e conseqüentemente pelo negro escravizado no trabalho do corte da cana-de-açúcar, essa encruzilhada étnica justifica-se e confirma-se. Nesse constante processo de identidade cultural e ancestralidade de saberes me refiro a essa referência histórica que justifica toda essa trajetória da pesquisa em Mamanguape diante do processo histórico da indústria açucareira que se organizou na nossa cidade e não era só para aglutinar trabalhadores para o corte da cana, mas, também, para formar mão de obra para trabalhos domésticos na casa grande dos senhores de engenhos.

Eram vendidos no Porto do Recife e embarcados para Mamanguape, como para qualquer outro lugar. Seu destino era invariavelmente o mesmo: trabalhos agrícolas, nos campos, na indústria de açúcar e trabalhos servis como domésticos, nas casas grandes (Costa, 1986, p.53).



FOTOS 12 e 13 – Nossa comunicação, no período pandêmico, se deu por mídias sociais e os arquivos para essa pesquisa especialmente pelo Instagram. O WhatsApp foi o meio primordial para nossos combinados diversos para as vivências corporais e jogos teatrais bem como justificativas de falta e mesmo questões referentes aos horários de ensaio e de encontros que aumentaram ao final da pesquisa, em meados de agosto a novembro.

FONTE: acervo da autora-2022.

No auge da Pandemia ainda em meados de maio/2022, já começando a sequência de vacinas em Mamanguape, foi ainda um desafio como seriam nossos encontros, tendo em vista que a relação de Jogos Teatrais e Rodas de Diálogos nos traria uma proximidade física no ato de jogar. Foi necessário nesse momento além dos encontros presenciais, as

conversas por meet e whatsapp. Sabendo da necessidade de conversar sobre as questões que nortearam a pesquisa fizemos desse lugar digital um meio de aproximação desses saberes sabendo que as vacinas estavam sendo aplicadas e os/as mesmos/as já estavam cientes da necessidade de um sujeito vacinado, além da roda de etnia a questão forte nesse momento era a saúde dos(as) mesmos(as). Não bastando essa questão da Pandemia, anteriormente, nos meses de março a abril, como de costume, tínhamos chuvas, mas não tão intensas, ocorreram chuvas torrenciais acima das médias históricas no município, impedindo a frequência e assiduidade dos(as) mesmos(as) além de acesso difícil à escola.

Eis mais um desafio, um obstáculo e uma nova experiência de incertezas. Nesse momento, houve desistências em massa. Confesso, me deu um nó na mente e na garganta de como seria essa tomada de decisões sendo que a pesquisa dependia deles/delas nesse ir e vir.

Ao mesmo tempo em que me compadecia da situação dos educandos(as) pois um deles era de comunidade próxima ao Açude Jangada (Açude que é responsável pelo abastecimento de água na cidade) e não tinha acesso à vir, devido as estradas dessa localidade estarem barrentas com o aumento do nível das águas. Bem como alguns deles/delas que um guarda-chuva era o único objeto de família numerosa e necessitando desse item o pai ou mãe para o uso.

O uso necessário por ser cortador de cana-de-açúcar e que vai ao ponto de ônibus pelas 5h da manhã nesse meio de dilemas sociais, financeiros e forças da natureza. Diante disso, intensificou-se os lamentos de não poderem ir, os adiamentos de não nos reunirmos tanto quanto a dúvida de como seria após tudo isso, mas o pior, quando isso iria se resolver.

Essa sequência de problemas durante a pesquisa durou até meados de junho de 2022, íamos e não íamos. Além disso, o que nos deixou mais incerta de que rumo se daria a nossa pesquisa, foi quando registramos as desistências de um dos grupos que de início eram: A e B. Agora como seria? Seria a hora de miscigenar, encruilhar as séries? O que fazer: eis nossa via crucis. Enfim, decidimos encruilhar as dificuldades e as soluções em coletividade. O grupo a partir daí se tornou um com sete educandos(as), e que se tornariam os (as) educandos(as) permanentes até nossa culminância no

mês de novembro/2022, mês esse em que se comemora o dia da consciência negra, semana essa pós dia da consciência negra no nosso país e pensada e discutida em nossas aulas de Arte e assim consequentemente na pesquisa.

Uma culminância de resistência e saberes ancestrais afri-indígenas de soluções, afetos e que contou com a presença do nosso orientador o Prof. Fernando Abath Cananéa, dos pais/mães e responsáveis, além da presença dos colegas educadores bem como da gestão escolar. Quanta etnia, saberes identitários e amor juntos, foi assim que encruzilhamos em uma performance de jogos teatrais, coco de roda e ciranda. Desde os ensaios que sentíamos que a culminância seria de saberes de etnias.

Ensaio esses com jogos de experimentações de saberes afro-indígenas ancestrais por eles/elas. Os ensaios eram de diálogos e de memórias das partituras criadas dos Jogos Teatrais. O Saber Afro e o Saber Indígena, eis nossos principais Jogos Teatrais para as Rodas de Diálogos em nossos encontros semanais realizados no pátio da escola.

A musicalidade de cantar na roda e os Saberes Identitários Ancestrais era o fator principal de uma Prática também de afeto em fazer e em encenar aquelas descobertas de luta ainda nos dias atuais em nossa cidade, bem como nós em nossa escola. Foi de suma importância cada Jogo Teatral para esse ápice cênico que foi transpor a nossa identidade ancestral pelo Saber encenado a partir das partituras criadas por eles/elas de identidade Afro-indígena.



FOTOS 14 e 15: Opressor/Oprimido. Em cena estamos eu e o educando Guilherme em um jogo teatral sobre expressões corporais e a temática da escravidão. As direções de partituras (criar o movimento do corpo) eram: Como era a opressão? Como meu corpo recebe essa opressão? Como é oprimir esse corpo com essa ação?

Fonte: acervo da autora-2022.

Roda de Diálogo – Partituras Afro. Após esse Jogo, todos(as) conversavam sobre as ações criadas no jogo teatral. Estipulamos qual partitura/saberes entraria na encenação da culminância da pesquisa. Muitas por escolha deles/delas não culminaram ao final da pesquisa e vejo nisso autonomia e identidade de grupo.



FOTOS 16 e 17: Partituras Indígenas individuais/singulares. Em cena a educanda Elaine criou na roda sua partitura: “ Ser movida como uma flecha indígena” seu braço estende esse objeto imaginário bem como a sensação de ser movida como uma flecha indígena que sugere muitas oralidades / atitudes.

Observação - Foto 16: Apresentada na Jornada e Colóquio das Artes cênicas na UFPB, a partir de Comunicação Oral enquanto pesquisa em andamento no mês de novembro de 2022.

FONTE: acervo da autora-2022.

Roda de Diálogo – O diálogo foi compreender a partir do relato de Elaine o que sentiu no jogo teatral bem como o que precisamos compreender em sua estética de partitura/desenho da cena. As conversas foram muitas. Porque Elaine quis assim esse movimento simples, as ideias que poderiam ter sido feitas a mais. Bem como o que observamos nesse movimento dela ora nível alto e ora nível baixo no chão. Ambos remetendo o indígena e seus materiais usuais de rotina com a terra e com a tribo/aldeia.

Ao nível humano, o conhecimento envolve a constante unidade entre ação e reflexão sobre a realidade. Como presenças no mundo, os seres humanos são corpos conscientes que o transformaram, agindo e pensando, o que os permite conhecer ao nível reflexivo. Precisamente por causa disto podemos

tornar nossa própria presença no mundo como objeto de nossa análise crítica. Daí que voltando-nos sobre as experiências anteriores, possamos conhecer o conhecimento que nelas tivemos (Freire, 2013, p. 103).

Sendo assim, o dialogar e experienciar um diálogo onde se ouve e se fala, não apenas nos comunicamos, traz consigo um aspecto maior do que ouvir e falar, mas como bem diz Freire (2013), refletir. A nossa presença em um lugar nos traz vivências e aprendizagens por si mesmo, seja diante de uma trajetória reflexiva e crítica que alguns pais/mães favorecem ou outras formas de aprender saberes ancestrais afro-indígenas, no grupo social ou como essas vivenciadas durante a pesquisa.

Num pensar dialético, ação e mundo, mundo e ação, estão intimamente solidários. Mas a ação só é humana quando, mais que um puro fazer, é que fazer, isto é, quando também não se dicotomiza da reflexão (Freire, 2013, p.55).

A partir desse conhecer, penso que essa ação humana parte do lugar que deve-se, prima-se e acredita-se que favoreça em maior proporção esse pensar e agir que é a escola. Portanto, foi esse nosso objetivo de mais intensidade quando escrevemos e pensamos uma pesquisa com as habilidades e competências emanadas da Lei nº11.645/2008 de ensino sobre cultura afro-indígena na escola e alicerçada em nossa prática em sala de aula. Saber que é nela que o fazer tem campo fértil às diferentes construções identitárias culturais, onde os saberes ancestrais também desses educandos(as) é valioso e caminho de ação na realidade e na vida dessa comunidade, com os/as que habitam o mundo, com os que farão a diferença não só no hoje, mas uma colheita chamada também de amanhã.

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda (Freire, 2013, p. 110).

O amor pelo que se faz, pelo que se pratica e pela docência. Sim, eis meus porquês diante de uma jornada sobre saberes étnicos ancestrais em Mamanguape. Eis minha luta e resistência desde a sala de aula mas em vida pela militância desse saber a partir da minha própria forma de educar e acreditar no saber étnico.

Por isso, não é um caminho que eu trilhe apenas pela pesquisa, mas em vida e em minha própria inserção em movimentos e lugares que me favorecem esses saberes enquanto docente e enquanto artista docente urbana em nossa cidade Mamanguape. Diálogo e Amor numa prática de encruzilhada desses fazeres de aprendizagem, pois ambos são formas de aprender. Sendo um fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo (Freire, 2013, p.110).

Penso que ainda precisamos aprender mais sobre o diálogo e sobre o amor. Tanto mais quanto praticá-los diante de uma realidade gritante do ensinar. Infelizmente a realidade da escola traz consigo diversas formas de desaprender esses saberes. Desde os pais/mães, por inúmeras razões, que não os/as ensinam ou as favorecem experienciar tanto quanto a escola que também não experiencia uma prática desse dialogar de afeto.

Afeto pela forma que planejamos, afeto pela forma que nosso educando(a) chega até a mim em sala de aula e não o equiparo no saber da Arte ou tento igualar pois é um caminho meramente mais fácil diante de tais realidades de sala de aula pós Pandemia da COVID 19 onde nada aprendemos ainda, pois alguns insistem em negar a ciência acumulada sobre esse vírus mortal.

O mais importante nessa caminhada que traçamos é estarmos no caminho das descobertas de saberes ancestrais afro-indígena com nossa origem e com nosso território mamanguapense de luta histórica de tomada de posse dessa terra.

A sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto, mas em face de um mesmo desafio. No jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder (Freire, 2013, p.40).

#### Instrumentos e procedimentos utilizados como estratégias metodológicas Encruzilhadas de Saberes

Utilizamos, conforme já mencionado nesse texto, como fio condutor da pesquisa, os Jogos Teatrais de Olga Reverbel (1997) e as danças circulares Coco de Roda e a Ciranda, que descobrimos numa pesquisa em livros do Prof. Altimar de Alencar Pimentel (2004; 2005), professor da UFPB da área de cultura popular( in memoriam) sobre o Coco de Roda e a Ciranda, danças circulares.

Nenhuma outra dança é mais aberta do que esta, nenhuma outra conserva o mesmo espírito de camaradagem comunitária do Coco. Homens, mulheres, crianças aproximam-se, igualam-se maravilhosamente, cantando em coro a “resposta” do canto, formando a roda e trocando umbigadas (Pimentel, 2004, p.33).

Sendo assim, dançar Coco traz uma espécie de cosmovisão, pois os que escolhemos menciona e canta Mamanguape, em sua história de indústria açúcareira que, como já mencionei, foi a proposta de aprofundamento como afro referência dançando o Coco de Roda e suas modalidades e também a Ciranda, ambas, danças circulares já identificadas.

Essa identidade cultural revelada nas referências nos inclui nesse contexto histórico dessas danças, bem como nesse diálogo constante dessas encruzilhadas culturais que as próprias danças fortalecem com a identidade cultural afro-indígena. Favorecer essa prática de reconhecimento de um corpo que não só é afro ou indígena, mas que é Coco e que é Ciranda, também, abre as possibilidades ancestrais de reconhecimento.

Ao final da pesquisa estivemos dialogando sobre essas histórias e práticas, sobre identidade cultural e pertencimento afro-indígena desses educandos(as), onde, ao dialogar sobre a prática e catarse dessas atividades com seus pais e avós, oriundos do corte de cana-de-açúcar e descendentes diretos dessas histórias contadas em sala de aula, estamos fortalecendo nossas identidades culturais. Desejo que não seja nem a primeira nem a última vez que serão contadas.

Trabalhamos fortemente sobre etnias na escola, seja por eles/elas ou seja por nós os(as) que direta ou indiretamente nos fizemos parte dessa cena, dessa roda de diálogos de saberes intensificadas durante os meses de outubro e novembro de 2022.

Fizemos uma intensa roda de diálogo sobre o cortador de Cana-de-açúcar, figura central de nossas conversas sobre identidade cultural, e montamos várias cenas teatralizadas enfatizando a identidade cultural desses saberes ancestrais afro-indígena.

Quanto maior o nível de conscientização dos sujeitos, mais capacitados estarão para serem anunciadores(as) e denunciadores(as) das situações limites e desumanizantes, graças ao compromisso de transformação assumido (Cananéa, 2016, p.183).

A culminância dessa cosmovisão afro-indígena culminou, em duas propostas de Danças Circulares oriundas de Mamanguape: o Coco de Roda e a Ciranda, como elementos catalisadores e, ao final da pesquisa, foi apresentado um ensaio teatral mostrando essas vivências e descobertas por meio do saber étnico ancestral para transformar em cênico.

Além de fortalecer o processo de interação que a própria “Dança Circular” propõe, a intenção dessas vivências foi dialogar com os educandos(as) pesquisadores um caminho novo para esse saber ancestral em práticas com o Coco de Roda e a Ciranda fortalecendo, assim, um pertencimento dos saberes e a formação de um grupo permanente de Dança que possa dar continuidade a esse trabalho, em caráter permanente, em próximas turmas que a escola venha a receber, oportunizando uma vivência extremamente rica em saberes ancestrais afro-indígenas, orais e tradicionais do território mamanguapense.

Sendo assim, os educandos(as) também tiveram um leque de possibilidades de pesquisas sobre as questões ancestrais de luta territorial e negação desses saberes, desmistificando o único fazer, seja em performar/encenar com a dança indígena ou mesmo leitura de experimentações realizadas com os educandos(as) que não se permitem vivenciar no próprio corpo a reflexão dessa identidade mamanguapense afro-indígena a partir dessa prática cênica dessa roda de saberes.

Os ensaios e experimentações com o Coco de Roda e a Ciranda foram na etapa de saberes ancestrais, etapa essa de enraizamento prático cultural nas semanas de estudos de práticas corporais com música, jogos teatrais e poesia. Sendo essa última etapa uma proposta maior em continuar esse saber de um corpo que descobre que esse ritmo, essas danças, faz parte de nossa identidade local, bem como de nossos antepassados, nossos familiares, calcados no diálogo.

A proposta consistiu em terminar todos os encontros com um Coco de Roda e/ou Ciranda, utilizando rimas ou cantos que tenham menção à Mamanguape como incentivo a essa identidade afro-indígena cultural local. E foi assim, de forma poética que Mamanguape foi referenciada nessa roda de saberes afro-indígena e que encanto foi ver o resultado de semanas/meses de rodas de diálogos. Ora no pátio na escola, pois não tivemos outra alternativa a

não ser esse espaço durante a semana bem como nos arredores da escola: debaixo de uma árvore, ao sentar-se perto de um jardim na mesma proposta de trazer as contações e cantigas ancestrais para nossa culminância na escola.

E que bom que foi assim, desafios esses que nos fizeram ter a encruzilhada de soluções para cada cena e entrada e saída participante deles/delas. Interessante perceber que cada saber fez algo novo na cena, pois mesmo com o nervosismo natural de uma apresentação e mesmo de ensaios, foi fácil ver eles/elas resolvendo esses conflitos de saberes étnicos na cena. No fazer do saber de identidade que ora era indígena e ora era afro, mas era saber dialogado e vivenciado cada um em um fazer de culminância teatral afro-indígena.

Os exercícios de expressão corporal, que se baseiam na técnica corporal, são organizados em unidades de ensino adequadas à faixa etária dos alunos, a partir de objetivos específicos. Ao final de cada unidade é feita uma avaliação conjunta, sendo os dados, colhidos pelo professor e pelos alunos, utilizados para a elaboração de novas unidades. Durante os exercícios, o aluno identifica seus recursos corporais, aprimora sua linguagem gestual, aplicando-a espontaneamente nas mais diversas situações propostas. Há uma estreita relação entre a aprendizagem da técnica e a prática da atividade de expressão. Dominando melhor a primeira, o aluno irá atuar com mais espontaneidade na segunda. Movimento e pensamento são indissociáveis; no momento em que o aluno desenvolve “o fazer”, desencadeia o movimento (Reverbel, 1997, p. 61).

Foi assim, com delicadeza e diálogo, que dividimos as cenas e como as faríamos, mesmo com tanta ansiedade e expectativa de como ia se dar essa costura, essa encruzilhada de tantas leituras sobre Mamanguape e corpo étnico.

A coleta de dados se deu por observação participante durante a qual foi levantado o problema de reconhecimento do saber ancestral étnico, desde o primeiro dia de oficina/aula, e estivemos em busca desse reconhecimento a partir da Técnica de Jogos Teatrais de Olga Reverbel (1997) para espelhamento do Corpo Afro e do Corpo Indígena, a partir da Dança, utilizando as danças circulares Coco de Roda e Ciranda. Utilizamos, também, as rodas de diálogos como etapas de procedimento e estratégia de pesquisa participante, registros em diário de campo, registro em vídeos e fotografias.

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pormos sua força a serviço de nossos sonhos (Freire,1991, p. 126).

Nessas rodas de diálogos fizemos leituras sobre etnias de povos reconhecidos pelos livros referenciados do território mamanguapense, conversas abertas, exibimos vídeos produzidos por educadores(as) da escola, com apresentações artístico-culturais no ano em que a escola apresentou-se em um concurso de vídeos locais sobre a identidade afro-indígena e sua relação com a arquitetura do seu patrimônio material e imaterial disponível na cidade e em sites locais com o referido assunto, no facebook da Prefeitura Municipal de Mamanguape, bem como expusemos imagens e fotos de eventos e lutas contemporâneas do Povo Indígena Potiguara em território mamanguapense. Aplicamos um questionário exploratório ao início da pesquisa e outro ao final para identificar até que ponto os educandos(as) atingiram esse reconhecimento de saber ancestral afro-indígena.

Para tanto, o diálogo teórico-metodológico contemplou o contexto histórico e político da educação brasileira na atualidade, o conhecimento da identidade social e cultural do bairro da Bela Vista, da Rua do Meio, da Rua Zabelê e do Alto do Cemitério, na cidade de Mamanguape, como território de pesquisa, pois exercem influência sobre a comunidade escolar. Fizemos a identificação da estrutura social da população envolvida e discutimos o local da arte na escola e quem são esses(as) educandos(as). Utilizamos a metodologia do Jogo teatral de Olga Reverbel (1997) como instrumento facilitador de reconhecimento étnico de saberes ancestrais afro-indígena e a sua relação com a história territorial de Mamanguape.

Nessa pesquisa o processo e as suas fases de realização foram os elementos de análise mais significativos e as considerações finais relacionou-se com resultados positivos e/ mais do que os negativos obtidos, como por exemplo uma das educandas que desistiu depois de falarmos sobre o Saber Afro e conversamos sobre cabelo crespo, ela não gostou pois ainda é tema polêmico e saiu da pesquisa sendo registrado esse fato com a maior fidedignidade possível.

Território da Pesquisa: a escola Ana Cavalcante de Albuquerque e os bairros da Bela Vista, Rua do Meio, Zabelê e Alto do Cemitério

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Ana Cavalcante de Albuquerque é localizada na Rua Cel. João Rafael, s/n. Seu Código no INEP é: 25086979; CNPJ 03.168.859/0001-00 e criada pelo Decreto Municipal de nº06/1989.

A Escola de nome Ana Cavalcante de Albuquerque recebeu o codinome da professora Ana Cavalcante de Albuquerque. A professora Ana foi luz magistral para a educação mamanguapense no ato de ensinar, sendo homenagem mais que merecida. Esta majestosa senhora teve como berço familiar afro o senhor Agelino Cavalcanti de Albuquerque e a senhora Quitéria Leopoldina de Andrade e Albuquerque (Sinha Lica). Nos áureos tempos passados, mais precisamente em 22 de janeiro de 1927 nascia a nossa estrela Ana Cavalcante. Menina que cresceu em Mamanguape e onde aprendeu as primeiras letras e não se contentando, foi mais além, chegando a profissionalizar-se normalista adquirindo formação na Escola Normal da Paraíba, na época esse edifício era o atual Palácio da Justiça. Professora Escolar com êxito, foi nomeada pelo Governo do Estado em 1927. Algum tempo depois foi transferida para a Escola do Brejo do Cruz ainda em 1927, ano de sua nomeação, e para São João do Cariri no ano de 1928. Teve como regência docente de início a Escola Estadual de São João do Cariri também em 1928.

Distante de seus familiares, finalmente foi novamente transferida, mas desta vez foi agraciada para trabalhar em sua terra natal, Mamanguape, destacando-se como excelente profissional, vindo a ser diretora no Grupo Escolar Professor Luiz Aprígio. Em sua vida pessoal, ela tinha uma leve deficiência em uma das pernas, e foi mãe “por amor”, adotando uma menina. Sendo “donzela”, não quis ser apenas tia, mas decidiu por ser mãe. E assim se passaram 34 anos de exercício profissional, vindo a se aposentar em 1961. A Escola Ana Cavalcante de Albuquerque é situada na Rua Cel. João Rafael, s/n, num bairro singelo, mas muito honroso, chamado Sertãozinho, na cidade de Mamanguape/PB.

A Escola foi fundada em 1989, passando pelas mãos de dois gestores públicos: o ex-prefeito Gustavo Fernandes de Lima Sobrinho e o que a pôs para funcionar, o ex-prefeito Aécio Fernandes, contando a escola atualmente, com 33 anos de funcionamento. A escola Ana Cavalcante conta com educandos(as), a partir dos 11 até 18 anos de idade, e funciona nos dois turnos: Fundamental II (6º ao 8º ano) na parte da manhã e (6º ao 9º ano) na parte da tarde. Possui funcionários de apoio e vigilantes nos três turnos. A Direção é do Prof. Ms. Robson Nascimento, atual Gestor Escolar e possui dois adjuntos e dois coordenadores pedagógicos. Sendo uma vice direção, equipe pedagógica com duas profissionais além de seu corpo administrativo formado por quatro funcionárias, dois inspetores de pátio e por apoio na limpeza e merenda formado por seis funcionários.

Sobre o corpo docente da Escola Ana Cavalcante coletamos esses dados junto aos mesmos a partir de uma comunicação por aplicativo Whatsaap até por que facilitou a chegada da informação para todos(as). Obtivemos a informação de que temos uma grande maioria com Especialização em sua área ou em segunda área de formação acadêmica, ou seja, alguns possuem mais de uma graduação acadêmica. Nos deixou feliz em constatar que muitos(as) possuem mais de uma formação acadêmica em outra área e exerce esse cargo também. Existe uma interação forte com a atual Gestão Municipal da cidade de Mamanguape. Percebemos na busca de dados o quanto temos pessoas qualificadas na docência da escola Ana Cavalcante, algo que se traduz pelo excelente trabalho que identificamos em todos(as).

Além disso, no que se refere ao quantitativo, metade desse corpo docente é efetivo em seu cargo e a outra metade vem dessa interação que mencionei por Processo Seletivo para Docência no município. Importante mencionar duas coisas que me chamaram atenção, que foi o fato dos docentes prestadores de serviço serem muito interessados em assumir o trabalho ativo na Escola, seja em projetos ou em ações, obviamente que pode ou não cair no clichê: “mostrar trabalho”, porém, em desconexão dessa afirmação vejo que é verdadeira a participação de cada um(a). Sobre isso ainda, eu enquanto efetiva na escola me sinto extremamente motivada pelo trabalho dos(as) que chegam e me faz constantemente repensar minhas práticas em Arte. Outro fato curioso

e importante de se mencionar é que o Gestor Escolar é Doutorando e estimula a todos(as) a continuarem seus estudos.

Dados coletados junto aos colegas da escola em 2022:

Docentes	Graduados	Especialistas	Mestres	Doutores	Remanejados
Informados(as)	16	16	4	2	3
Não-informados(as)	12	-	-	-	-

Os(as) Remanejados(as) são Professores afastados da sala de aula por questões de saúde ou por questões diversas. O quantitativo de funcionários está na casa dos 50 e o de educandos(as) chega a 520.

Sobre os pais ou responsáveis seu trabalho é basicamente a partir do corte de cana-de-açúcar como já mencionado nesse texto, bem como o trabalho com Reciclagem no que se refere ao primeiro apenas homens, já o segundo à mulheres e homens, porém, a maioria das mulheres são donas de casa.

Esta pesquisa foi realizada inicialmente com educandos e educandas do 6º e 7º anos da EMEF Ana Cavalcante de Albuquerque, na faixa etária entre 12 e 14 anos de idade, que foram consultados(as) verbalmente para que fizessem a adesão espontânea a presente pesquisa, porém, não ultrapassando o número total de dezessete (17) educandos(as) de cada ano mencionado. Diante do fato dos educandos(as) nunca terem experienciado anteriormente práticas de Corpo étnico em aula de Artes comigo, titular do componente curricular na escola, levando também em consideração dois anos de Pandemia, sem práticas teatrais na escola, e da minha observação da vontade que os mesmos têm em participar de atividades corporais, de início não passamos deste quantitativo proposto, e até foi aberta a opção para se ter um quantitativo maior, caso a fruição do processo assim o permitisse.

O critério de exclusão foi dado pela falta de disponibilidade e interesse em participação na pesquisa, demonstrada pela não adesão ao estudo no momento da consulta verbal.

Decidimos junto a gestão escolar que, caso tivéssemos um número maior de inscritos, abriríamos novas turmas, posterior a esta pesquisa para continuidade desse saber identitário de luta histórica feroz de nosso território e

dessas práticas inovadoras, nessa escola. Ainda hoje, concluída a pesquisa, eles/elas nos questionam se haverá retorno das rodas de diálogos sobre os saberes ancestrais afro-indígenas.

Tendo em vista o período pandêmico que ainda estávamos vivenciando com a COVID-19, desde o início do ano de 2020, o que nos obrigou a ministrar aulas remotas, nesse período os mesmos não eram meus educandos(as) mas são de certa forma parentes (filhos de ex-educandos meus durante minha carreira profissional na comunidade escolar do bairro do Sertãozinho e adjacentes) diretos, o que me facilita trabalhar de forma prática a oralidade com esses meus ex-educandos, tendo em vista que sou Arte-educadora há anos nessa escola.

Em nossos encontros realizamos as oficinas baseadas nas técnicas de Jogos Teatrais de Olga Reverbel (1997), que foram realizadas na forma presencial, tendo em vista o anúncio oficial do Governo do Estado, informando sobre o retorno das aulas presenciais nos municípios cuja vacinação atingiu 70% da população em idade prescrita para se vacinar.

A partir desse momento, entre maio e junho de 2022 fomos e não fomos a Escola. O desafio era nos reunir via aplicativo WhatsApp ou comentar questões sobre os saberes ancestrais via arquivo no aplicativo tendo como tarefa para eles/elas o responder, o comentar o que se lia. Porém, ainda não era o que nós almejávamos e sentia isso da parte deles/delas também. Uma necessidade de conversar em roda, de se encontrar e de se criar as vivências e experiências tão ansiadas por todos(as) nós.

Isso era uma vontade coletiva. Tendo em vista isso, quando voltamos as nossas atividades presenciais estabelecemos em horário diferenciado das aulas regulares de artes, nas terças-feiras, no turno da tarde, das 13h:30 às 17h, sendo o grupo A das 13h:30 às 15h e o grupo B das 15h:30 às 17h, durante o período de quatro meses, com esses encontros intitulados de oficinas, realizadas na escola. Porém, ao fim da pesquisa se tornou apenas um grupo único das 13h às 15h às terças-feiras e aos sábados das 9h às 10h. Ao final ficaram apenas sete educandos(as) pesquisadores do 6º ano que permaneceram até o final da pesquisa e que em 2023 continuam no Grupo de Danças que foi criado a partir das ações da pesquisa. O afastamento no

período da Pandemia da Covid desmobilizou a escola e seus educandos(as) pois foram dois anos de isolamento.

De início foi, por meio do questionário exploratório, feito um “diagnóstico” dos sujeitos pesquisados, com o objetivo de reconhecer suas características; identificar expectativas; identificar os conhecimentos que eles trazem em sua “bagagem” cultural, e dos principais conhecimentos sobre etnia e saberes ancestrais afro-indígena de Mamanguape. Esta foi a fase exploratória da pesquisa. Dessa forma, as rodas de diálogos, debates e aplicação de questionários (inicial e ao final da pesquisa), foram instrumentos de pesquisa exploratória. As atividades práticas realizadas por meio da técnica de Jogos Teatrais de Olga Reverbel (1997), e a realização das oficinas com eles, foram registradas por meio de fotografias e vídeo, como instrumento importante de coleta de dados, assim como, no diário de campo que serviu de material importante para o registro desta pesquisa.

Afinal como eram nossos diálogos? Como seriam as experiências com os Jogos Teatrais? Sabendo que não era viável por ser no pátio da escola, ora num espaço que se tinha ao lado da sala da direção até debaixo do pé de árvore que se localiza até hoje no jardim de entrada da escola. Todo lugar, foi lugar. Isso não era nosso desafio, nem problema e nem impedimento.

Todo Jogo era Jogo, seja embaixo do pé de árvore ou mesmo no pátio da escola pois o Corpo silenciado ou negacionado, eis o que nos inquietava. Até na escola, ainda hoje a Educação Antirracista é silenciada. Seja por outros(as) educandos(as) que nos via lá no pátio, tanto quanto as aulas de reforço que eu tinha que negociar que dia era viável sair do pátio e ir para o lado da sala da direção. Pois a pesquisa era tida, para alguns colegas, como algo não tão válido como ter aula, ter silêncio e ter disciplina de sujeitos estáticos que não podem expressar pelo barulho, pelo fazer e jogar.

A Pesquisa foi um convite livre para quem quisesse vir, não quisemos colocar regras nem estéticas de quem deveria estar ali pesquisando a ancestralidade afro-indígena mamanguapense muito menos não queríamos impedir quem quisesse estar ali. Deixamos apenas o convite específico para educandos(as) de sexto e sétimo anos, eis a única exigência tendo em vista a permanência dos(as) mesmos(as) a mais tempo mesmo pós pesquisa. E isso é hoje, em 2023, visível. Pois nenhum/nenhuma deles/delas saiu da escola.

Ainda são educandos(as) de nossa escola. Daremos continuidade por meio da formação de um grupo permanente de dança da escola.

Os bairros da Bela Vista, Rua do Meio, Zabelê e Alto do Cemitério

Os bairros são os arredores da Escola, bem como a Bica do Sertãozinho e o Campo de Futebol, local onde está inserida a escola em que foi realizada esta pesquisa, que é um bairro localizado na zona periférica de Mamanguape. Com um alto índice de criminalidade, esse bairro sofre o preconceito de ter os jargões “está lá na Rua do Meio, por certo” é considerado um dos bairros mais violentos da cidade, e essa questão, assim como os aspectos relacionados ao tráfico de drogas e a atuação de duas gangues denominadas Alcaida e Estados Unidos, são bastantes evidenciados pelas mídias da nossa cidade.

Em contrapartida, e o que é pouco evidenciado, no aspecto sociocultural, Mamanguape possui casarões históricos, manifestações culturais, uma rica arquitetura de igrejas, casario e praças de destaque além de que em sua história ter hospedado num casarão da cidade o Imperador Dom Pedro II, casarão esse que atualmente é a sede da prefeitura da cidade, conhecida por Paço Municipal.

A partir do reconhecimento do bairro/território, é de igual importância termos informações sobre a escola e os educandos(as), que são o foco desta pesquisa.

Construindo o grupo focal: critérios de inclusão e exclusão

Informamos que essa pesquisa não ofereceu riscos, previsíveis, para a saúde dos envolvidos(as). Garantimos o acesso aos resultados individuais e coletivos e minimizamos desconfortos, garantimos local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras ou participação nas atividades que os pesquisados(as) não quisessem. Estivemos atentos, a pesquisadora e gestão da escola, aos sinais verbais e não verbais de desconforto. A pesquisa foi amplamente divulgada nas salas de aula dos 6º e 7º anos de forma verbal e explicativa, tendo adesão espontânea. Como já registramos, ao final ficaram sete educandos do sexto ano.

Evidente que ao realizarmos jogos teatrais e danças circulares como atividades práticas com os educandos(as), precisamos evitar escorregos ou

outros desconfortos. A pesquisa atendeu todos os protocolos para que não houvesse riscos pertinentes ao ambiente. Todo o material coletado com as informações e termos de consentimento livre e esclarecido serão guardados durante cinco anos para possíveis dúvidas a respeito da pesquisa e da coleta de dados.

Desenho da pesquisa: desfecho primário, desfecho secundário e os riscos e benefícios.

Trata-se de uma pesquisa participante, de abordagem qualitativa e para este estudo projetou-se o desenvolvimento de Jogos Teatrais de Olga Reverbel (1997), sendo desenvolvidas oficinas que utilizaram os jogos teatrais e as danças circulares - o Coco de Roda e a Ciranda, como elementos catalisadores dos diálogos culturais sobre pertencimento afro-indígena, numa perspectiva transformadora, gerando discussões e problematizações de questões cotidianas, investigando e analisando contribuições e desafios dessa abordagem metodológica aos educandos(as), no ambiente escolar.

Os problemas do cotidiano dos educandos(as) estão relacionados as situações que caracterizam algum tipo de opressão sobre suas etnias, enfrentadas por eles e elas no seu dia a dia. A partir de uma observação participante, por meio dos jogos teatrais, das rodas de diálogos, das danças circulares coco de roda e ciranda, anotações no diário de campo, identificamos essas situações, e transformamos em cenas teatrais que foram colocadas nas rodas para novos diálogos.

A pesquisa identificou, nos primeiros contatos, por meio de um questionário inicial e rodas de diálogos, se os educandos(as) reconheciam suas identidades culturais e saberes ancestrais com as duas etnias locais, se compreendiam a importância das manifestações culturais que lá ocorrem e o saber ancestral e singular da identidade em relação a tudo que acontece na vida cultural da escola e do bairro. Ao final, foi aplicado um outro questionário, para verificar como agora, após todo o processo, como esses educandos(as) se reconheciam em sua identidade cultural afro-indígena, ou não se reconheciam.

O Processo: construído em quatro etapas

### Etapa 1- Formação do Grupo Focal:

O grupo inicial foi formado por 17 educandos(as) do 6º e 7º anos, por adesão espontânea e a partir desse grupo de educandos(as) pesquisadores foram lidos livros sobre Mamanguape ampliando junto a eles a diversidade de referências locais sobre o território da cidade e sua história.



FOTOS 18, 19, 20 e 21: Nossos dois grupos iniciais e Leituras Referenciadas de Encruzilhada sobre Mamanguape.

FOTO 18: Grupo A, educandos(as) de 7ºano.

FOTO 19: O Grupo B, educandos(as) de 6ºano.

FOTOS 20 e 21: As Leituras sobre Mamanguape referenciadas, sobre Casarões e os irmãos/irmãs africanos(as) escravos(as), o surgimento da usina açucareira bem como o território de Mamanguape que antes era Baía da Traição, e sobre o povo Potiguara.

FONTE: acervo da autora-2022.

Após desistências ocasionadas pela Pandemia da Covid e enchentes que ocorreram no município, o grupo focal definitivo ficou formado por sete educandos(as) do 6º ano.



Fotos 22 e 23 - Grupo Focal definitivo pós período crítico da Pandemia de Covid e enchentes ocorridas em maio de 2022.

Foto 22: A esquerda, faltou apenas Maria Beatriz que estava doente nesse dia de Roda de Diálogo.

Foto 23: A direita, completo com os(as) sete educandos(as) – Grupo Focal definitivo.

Fonte: Acervo da autora-outubro 2022.

## Etapa 2- Vivência do Saber Afro e Vivência do Saber Indígena (Saberes Ancestrais):

Foram desenvolvidos jogos teatrais e danças circulares (Coco de Roda e Ciranda) de modo a oportunizar experiências corporais com as temáticas afro-indígenas.



FOTOS 24 e 25: Ciranda e Coco de Roda e Partituras Afronígenas individuais/singulares Em cena a educanda Nicole criou na roda sua partitura: “ Ser escravo e ser afro-indígena da usina

açucareira”, um sujeito que não escolhe mais ser escravo, mas está lutando Capoeira fora desse serviço braçal e ao mesmo tempo sofre sugerindo muitas oralidades/oralidades experienciadas em cena por meio do jogo teatral.

FONTE: acervo da autora-2022.



FOTOS 26 e 27: Ciranda e Coco de Roda e Partituras Afrondígenas individuais/singulares Em cena a educanda Nicole criou na roda sua partitura: “ Ser escravo e ser afro-indígena da usina açucareira”, um sujeito que não escolhe mais ser escravo, mas está lutando Capoeira fora desse serviço braçal e ao mesmo tempo sofre sugerindo muitas oralidades/oralidades experienciadas em cena por meio do jogo teatral.

FONTE: acervo da autora-2022.

**Etapa 3 - Realização de Atividades Artesanais com educandos(as) (os que são Artesãos(as) e com Artesãos(as) convidados). Era uma atividade para mais uma prática de saberes ancestrais mas não foi possível realizar satisfatoriamente:** Introduzimos os materiais e objetos trabalhados por eles e elas na feira local visando discutir sobre a identidade cultural que esses objetos remetem às etnias.



FOTOS 28 e 29: Materias confeccionados – Chocalho afro-indígena e Cantigas de Roda/ Musicalidade Afroindigena de Encruzilhada Ancestral. Cantamos músicas embaixo das árvores da Escola, momentos únicos de cantigas que de início foi por conta de não fazer barulho na

escola, devido nos reunirmos em contra-turno mas em horário de aulas. Mas depois a própria oralidade de nossos ancestrais, permanecemos com esse local sagrado nosso.  
 FONTE: acervo da autora-2022.

#### Etapa 4 - Formação do Grupo de Danças da Escola:

Foi incentivada a formação, por adesão espontânea, de um Grupo de Danças: Coco de Roda e Ciranda. A ideia foi manter as atividades desenvolvidas durante a pesquisa em caráter mais duradouro, absorvendo os que participaram da mesma e novos educandos(as). Esse grupo permanece até hoje (abril de 2023).

Ao longo de todos os encontros, oficinas e etapas, as rodas de diálogos foram permeadas pelas seguintes questões: O QUE APRENDEU HOJE? O QUE GOSTOU? O QUE PODE MELHORAR?



FOTOS 30 e 31: Rodas de Diálogos ao final de cada dia de encontro. Questões como: O que aprendeu hoje? O que foi bom? Gostou? Entre outras conversas de saberes, era nossa rotina de encontros.

FONTE: acervo da autora-2022.

## **CAPÍTULO 4**

### **OS JOGOS TEATRAIS E AS DANÇAS CIRCULARES COMO ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO DIALÓGICA DE SABERES ANCESTRAIS AFRO-INDÍGENA**

#### A Culminância

A culminância da pesquisa se deu diante do resultado de tudo que foi experienciado. A encruzilhada ancestral afro-índigena numa sala de aula em Mamanguape. Saberes ancestrais numa roda de coco e ciranda. Foi encenada uma sequência de diálogos, saberes e identidade cultural Afro-índigena culminando o final da Pesquisa. Uma finalização com a presença de familiares e educadores da escola. Uma experiência ancestral em uma roda de coco, ciranda de saberes ancestrais.

A escola em sua totalidade não pôde assistir a culminância do trabalho pois os(as) educandos(as) participantes da pesquisa desejavam um público mais intimista e escolhido por eles. Respeitamos esse desejo pois sabemos que ainda hoje é gritante o preconceito e o negacionismo dessa identidade e entendemos que estavam receosos de como seria recebida a encenação. Portanto, apenas algumas pessoas, entre familiares e professores, culminaram conosco naquela ocasião, essa encruzilhada afro-índigena.

Acertada com eles e elas, tivemos a presença do nosso orientador Prof. Dr. Fernando Abath Cananéa acompanhado da arte educadora Profa. Dra. Ailza Freitas na escola, pois já haviam estado com eles em outra oportunidade, ambos autores de livros sobre os quais fizemos leituras para essa pesquisa sobre saberes ancestrais em Mamanguape, PB e identidade cultural. Foi emocionante vê-los culminar nessa roda de saberes ancestrais afro-índigena, de identidade e de afeto.

É perceptível o processo de identidade de saberes ancestrais afro-índigena que o grupo focal adquiriu pós culminância bem como o processo de participação dos(as) mesmos(as) pelo discurso e pela permanência na escola tendo em vista nossos diálogos para continuidade dessas rodas de saberes bem como ampliação das aulas de Arte ainda hoje em setembro de 2023. Vejo

neles/nelas o pertencimento a tudo que foi proposto desde o início da pesquisa em meados de maio de 2022.

A identidade cultural de saberes ancestrais afro-indígenas foi vivenciada em diversos aspectos: desde a oralidade bem como a ação final em si. Esse processo foi de suma importância social como foi reconhecido por colegas professores que estavam presentes na culminância ao final do ano de 2022. A oralidade de se dizer negro(a) ou até o que ainda se diz hoje: miscigenado(a) é vivo nas conversas deles/delas em sala de aula já após o término da referida pesquisa. O reconhecimento identitário a esses pais cortadores de cana-de-açúcar bem como à Mamanguape em seu apogeu e declínio como já é sabido por todos(as) pesquisadores permeiam as conversas e inquietações dessa comunidade rainha do Vale do Mamanguape, eis nossa cidade.

Pretendeu-se, também, identificar nos educandos (as) a compreensão sobre os conceitos de etnia afro-indígena e identidade cultural mamanguapense e isso também foi feito por meio das rodas de diálogos e aplicação de um questionário final a ser confrontado com o que foi aplicado no início da pesquisa.

Dentre as respostas às perguntas dos Questionários Exploratório / Inicial e Questionário Final destacamos:

## **QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO**

Esperavam aprender mais sobre cor de pele / etnia; o interesse era de conhecer presencialmente uma aldeia ou um quilombo e entenderem que cada pessoa independentemente de sua cor de pele merece o direito ao respeito. A ansiedade foi como seria nossa apresentação final / culminância; a incerteza de qual arte: se Dança ou Teatro, e a dúvida sobre onde seria e como seria a apresentação final; pois justamente nesse momento tivemos que aumentar os dias de encontro do grupo focal, tão quanto as ideias para esse trabalho final coletivo.

Ainda sobre as questões aplicadas no questionário exploratório, logo de início podemos citar que a expectativa era justamente de trabalharmos questões referentes ao antirracismo, bem como esperavam que a Pesquisa trouxesse esse saber amplo no que se refere ao olhar sem arestas sobre

questões abrangentes à cor e como já havia mencionado ainda havia incerteza se o foco na prática de Dança e Teatro culminaria numa apresentação como também como seriam nossos encontros sobre esses saberes ancestrais de nossa Mamanguape.

De início aplicamos esse Questionário Exploratório sem nenhuma influência direta e indireta no que se refere ao intuito da Pesquisa. Apenas foi feito o pedido que os/as mesmos/as o respondessem levando em consideração que falaríamos sobre Mamanguape e sua ancestralidade afro-indígena. Ainda sobre esse momento de aplicação é importante mencionar que tudo era novo ainda para todos/as nós. O que sabíamos é que a prioridade era deixar explícito que a Pesquisa era ação dialógica étnica sobre Mamanguape onde o interesse era trazer à luz o cortador de cana-de-açúcar como primícia a partir de um reconhecimento sobre nossa ancestralidade e saberes afro-indígena. E até que ponto nossos educandos pesquisadores iriam se reconhecer nesse local dito nos livros de nossa cidade.

Sobre isso foi-lhes perguntado:

**O que gostaria de aprender em nossa Pesquisa sobre nossa cor de pele?**

**A educanda 1, Rhândia Victória respondeu:**

Que não devemos ter preconceito com nenhuma cor.

**A educanda 2, Maria Beatriz Florêncio diz:**

Espero aprender sobre a cor de pele afro.

**A educanda 3, Alice Vitória, diz:**

Espera aprender muito.

**As educandas 4 e 5, Esthefanny Lauanny e Elaine Soares, responderam:**

Esperam aprender tudo.

**O educando 6, Guilherme Victor, diz:**

Que devemos ter respeito independente da cor e sobre a história de Mamanguape.

**A educanda 7, Nicolly Sophia, diz:**

Eu espero aprender muito sobre tons de pele.

Percebemos que existia um grande desejo sobre aprender mais sobre o assunto tanto quanto me chama especialmente atenção a fala do educando 6, Guilherme Victor que traz o “ respeito “ independentemente da cor bem como querer saber mais “sobre Mamanguape”. Essa pesquisadora se emocionou muito ao longo de toda a pesquisa em pesquisar com adolescentes tão interessados/as em aprender mais sobre os povos originários em Mamanguape e, principalmente, sobre suas identidades culturais.

Não há para mim, na diferença e na “distância” entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação (Freire, 1996, p. 31).

### **QUESTIONÁRIO FINAL** com os educandos(as) pesquisadores

Diante das perguntas que apresentamos, uma delas foi claramente unânime como “o que mais gostaram” foi o lanche coletivo e a apresentação final/ culminância. No que se refere às questões do conhecimento da Pesquisa, é válido citar que aprenderam sobre Mamanguape e sobre saberes afro-indígenas. Obviamente que as explicações desse resultado escrevo a partir de termos que entendo, pois as palavras usadas foram outras mas nesse mesmo sentido descrito aqui.

Termos como: “ lanchar “, “ saber da cor da pele dos outros “, “ ir nas aldeias “, “ fazer apresentação no tempo dos escravos “ entre outros termos entre eles / elas que irei mencionar nesse respectivo momento da Pesquisa.

Me chama atenção, justamente esse último termo empregado pelos educandos (as): “ no tempo dos escravos “ - ler o passado a partir de livros os fez, acredito, pensar num tempo já vencido. E isso me preocupa, pois a escravidão não acabou, ela apenas veste outros nomes e outras situações de opressão. Essa questão precisa voltar as rodas de diálogos para aprofundarmos essa reflexão junto aos educandos(as). E isso me motiva a continuar à estudar mais sobre essa luta ainda nos dias de hoje em Mamanguape, tanto quanto no território paraibano, brasileiro e na verdade, no mundo.



FOTOS 32 e 33 : Culminância: Novembro / 2022.

Foto 32: Uma conversa inicial sobre o processo de aprendizagem de saberes étnicos. Como se deu essa Jornada de grupo encruzilhado e como chegamos aqui.

Foto 33: Professor Orientador Fernando Abath conversa sobre a Orientação e o processo que o grupo chega nessa Culminância. Uma roda de diálogo com pais e educadores da Escola Ana Cavalcante.

FONTE: acervo da autora-2022.



Fotos 34 e 35- Somos Negros.

Uma negra revoltada. Uma negra à venda, eis o Saber Ancestral Negro em Mamanguape.

Cena: Uma colona branca de Mamanguape escolhe sua mucama.

Corpo Negro: Mãos no chão, eis a identidade do negro(a) em Mamanguape. Terra essa que não é dele/dela mas pertence a esse Corpo ancestral.

FONTE: acervo da autora-2022.



FOTOS 36 e 37: Ser Indígena: Do Coco a Ciranda e da roda à sua relação ancestral. A cena representa a interação da platéia e pesquisadores demonstrando a Identidade Afro-indígena e a relação com Mamanguape. Ora batucando o chão, ora com instrumento Chocalho e sua relação de afeto na terra da cana-de-açúcar que Adailton Coelho, um dos autores que referencio em minha Pesquisa traz na escrita sobre a nossa identidade local.  
 FONTE: acervo da autora-2022.



FOTOS 38 e 39: Vestimentas Afro-indígena e do Cortador de Cana-de-açúcar: Ambas as cenas aconteceram em roda e com partituras de saberes ancestrais Afro-indígena. A ideia era interagir, olhar, sentir, afetar-se e ser grupo em cena, ora fora ora de dentro da cena.  
 FONTE: acervo da autora-2022.



#### FOTOS FINAIS: 40 e 41:

Foto 40: É uma foto que considero muito significativa para esse lugar de saberes ancestrais trazendo em cena o cortador de cana-de-açúcar que assim culminou essa apresentação de saberes étnicos e ao fim conversamos sobre isso com a platéia presente.

Foto 41: A plateia representada por educadores e educandos(as) escolhidos(as) esses últimos por eles/elas os(as) educandos(as) pesquisadores. Na imagem da Foto 31 o Prof. Dr. João Batista, que leciona Geografia na escola, em destaque pois é um grande apoiador de nossa pesquisa.

FONTE: acervo da autora-2022.



#### FOTOS 42 e 43:

FOTO 42: Ao final uma partilha de gratidão de saberes vivenciados e apreendidos por todos os presentes nessa manhã na escola. O grupo focal enfim vivencia/experencia seus saberes ancestrais afro-indígena na presença de todos e do Professor Fernando Abath, Orientador da Pesquisa.

FOTO 43: O que senti na hora foi a emoção de dizer a eles/elas o quanto foi importante para mim a presença deles/delas nesse dia e o quanto aprendemos juntos(as).

Os jogos teatrais e a utilização das danças Coco de Roda e Ciranda, além das danças performáticas étnica/afro-indígenas tiveram o intuito de experienciar saberes sobre essas identidades culturais para melhor compreendê-las. Elas permearam todo o processo que utilizou os jogos teatrais na formação e discussão das cenas e diálogos sobre os saberes afro-indígenas.

Os pontos negativos com os quais abro essa conversa vem do período de chuvas quando houve não só dificuldades para nos reunirmos mas também dificuldades de diálogo, pois muitos/muitas dos/das adolescentes desistiram. Enquanto isso, permeava em mim a dúvida de como seria essa continuidade ou mesmo se conseguiríamos findar a pesquisa. Ao menos isso era certeza diante do caos do fenômeno da natureza, algo natural tendo em vista a própria nomenclatura da cidade: “água de beber...” o que me trouxe à luz, foi a resistência dos/das educandos/as que decidiram em comum acordo a criação de um grupo de Whatsaap para podermos manter contato.

Os pontos positivos que são válidos mencionar é o fato da acessibilidade ao Coco de Roda e a Ciranda nas rodas de diálogos. O fato de termos aprofundado a leitura dos livros sobre Mamanguape, tanto manuseando-os como debatendo aquelas narrativas nos fortaleceu e reafirmou os objetivos da pesquisa. Ressaltamos o apoio da Gestão Escolar, desde a documentação inicial quanto no decorrer de estar na escola em contraturno.

Acredito que foi até bom algumas desistências, ainda indagando aqui sobre pontos negativos e que se tornam positivos. O porquê disso, de afirmar tão a vontade que tudo tenha sido da forma que o foi vem do fato que os/as educandos(as) pesquisadores que permaneceram, tiveram muito mais afinco na realização da pesquisa do que os(as) pesquisadores iniciais que iniciaram esse processo, já aqui mencionando seu final.

Cada Jogo com os participantes nos permitiu uma constância de afeto e diálogos que analisamos como potentes, conforme demonstrado durante os jogos teatrais encenados e dialogados na culminância. Tudo foi vivido com muita intensidade, obstáculos e soluções encontradas para superarmos cada etapa e prazos para o desenvolvimento de todo o processo. Etapas como: onde ensaiar, mais um dia da semana para nos encontrarmos e o "barulho" que nossas atividades fazia, eram situações que tinham como obstáculo pois era o

único local para nos reunirmos que era a escola. Sabíamos que havia aos sábados outra ação cultural, essa mediada pela prefeitura e isso criava outro obstáculo que era ter sala vazia para as nossas atividades.

Nossas atividades poderiam ter sido desenvolvidas todos os sábados, mas esse é o dia da feira livre na cidade, e muitos educandos(as) eram chamados pelos pais e/ou responsáveis a ajudarem na feira o que atrapalhava a constância desses encontros, sempre a nos exigir irmos conversar com os mesmos e explicar o porque dos encontros com eles e elas. Tudo isso permeava nossos problemas para a realização da culminância, sabendo que teríamos pouco tempo também devido ao cronograma traçado e com previsão para novembro de 2022 já pensado em relatório. Havia prazo para esse percurso final, que foi atingido com sucesso.

No próximo capítulo apresentaremos nossas análises e considerações, não tão finais, pois essa ação irá continuar pois estaremos formando o grupo permanente de danças afro-indígenas da escola.

## **CAPÍTULO 5**

### **VAMOS JOGAR E RECONHECER NOSSO TERRITÓRIO E A NOSSA IDENTIDADE CULTURAL**

A Culminância foi significativa pois, ao analisarmos todo o percurso da pesquisa, identificamos avanços que nos surpreenderam, diante de tantas dificuldades que nos deparamos ao longo da trajetória, principalmente em razão da pandemia de Covid 19 e das enchentes ocorridas entre maio e junho de 2022 que se abateram sobre a cidade, isolando-a, em certos momentos. Foi tão válida que até pela análise das fotos e vídeos obtidos no dia me remete quanto importante foi referenciar a prática de um ensino antirracista e os saberes dos povos originários em Mamanguape serem colocados à cena - resistência. Acredito que devido a constância do Jogo Teatral como fio condutor tenha permitido chegar à essa resultante. Os jogos desenvolvidos foram consolidando o processo e fortalecendo todos os envolvidos na ação.

O jogo final desenvolvido trouxe a possibilidade de criar e de interagir com a ideia/tema que se coloca nele. Nossos educandos(as) trouxeram muito de si e de suas relações sociais e familiares para o Jogo. Tanto que saiu muito mais resultados do que nós esperávamos. Obviamente isso se deve a tranquilidade com que a pesquisa transcorreu no que se refere ao apoio da Gestão Escolar, permitindo meu fazer pesquisador. Houve desistências por parte de alguns educandos(as) mas houve algo de suma importância no grupo focal, algo que vemos nos povos originários, houve resistência em fazer, em fluir e em jogar. Quem ficou ficou de corpo e pensar. Criamos um trabalho final embebido em muito do que foi lido, dialogado e vivenciado.

Ainda sobre a Culminância irei dividir em Culminar Dançando e Culminar Teatralizando, percebendo-se uma imersão na cultura mamanguapense desde o que pensamos para esse dia tanto quanto a diversidade da plateia. Colegas de áreas distintas como Geografia, Ciências, História e Língua Portuguesa, foi a plateia docente da escola que lá estava presente. Tanto quanto a plateia onde dentre tantas pessoas estava meu queridíssimo orientador Prof. Fernando Abath e a Profa. Ailza Freitas, ela professora de arte da educação básica e doutora em educação, que vieram à Mamanguape e à Escola Ana Cavalcante nesse foco de estar presente nesse momento final tão significativo.

## **CULMINAR DANÇANDO**

Coco de Roda e Ciranda, danças populares de Mamanguape, eis nossas rodas de saberes no que se refere a compreender que essa manifestação popular é de origem ribeirinha de nosso Litoral Norte, dançada por colonos no início da colonização em Mamanguape e até os dias atuais, preservando essa identidade cênica. Portanto, trazer o Coco de Roda e a Ciranda foi de suma importância para esse conhecimento cultural local e de resistência para os/as adolescentes que infelizmente não conheciam esse dançar e brincar na roda da Ciranda, por exemplo. Algo que ainda está correndo o risco de extinguir aqui em nossa cidade mesmo que tenhamos em nossa história ancestral esse saber étnico. Pois, se a Escola ou seus docentes enquanto Educadores de Artes, não trouxermos esses saberes à luz dessa juventude de hoje, é provável que se perca muito mais do que já é notório na ausência dessas danças em nossa cidade.

A Escola ainda pode trazer esse lugar de resistência da identidade cultural de um povo, basta esse saber ser dito, ser vivenciado pela oralidade e pelas práticas, de trazer esse conhecimento que é de nossos povos originários tanto quanto, o dançar de ambos os ritmos. Ainda sobre o Culminar Dançando trouxemos a Musicalidade cantada, mas utilizamos de uma música sobre o cortador de cana-de-açúcar. Acreditamos que foi uma escolha acertada pois trouxe à cena o referenciamento que fizemos durante todo o percurso de nossos encontros do Grupo Focal e foram essas referências que debatemos, dialogamos e valorizamos em toda nossa pesquisa.

## **CULMINAR TEATRALIZANDO**

O repertório cênico foi bem refletido no que se refere à Teatro. Podemos afirmar que foi bem dialogado o que seria apresentado nesse nosso resultado final da pesquisa. O plano é continuarmos após a Defesa Final do trabalho e pensarmos em um doutoramento como já mencionamos anteriormente sobre esses aspectos após a conclusão desse trabalho.

Ainda sobre o Culminar Teatralizando o pensamento foi de nós demonstrarmos os pontos mais pertinentes das leituras realizadas sobre

Mamanguape e as partituras artísticas criadas durante todos os nossos encontros do Grupo Focal. Discutimos sobre o que eles/elas gostariam de fazer, sobre qual o público escolhido iria assistir e o que mais considerávamos importante encenar. Sendo assim, algumas questões foram pontuais: o que lemos, o que criamos em partituras e o qual o papel do colono cortador de cana-de-açúcar nesse contexto ancestral de saberes étnicos ancestrais de Mamanguape, tanto para eles(elas) educandos(as) pesquisadores quanto para a comunidade e nossa Escola Ana Cavalcante de Albuquerque.

A plateia foi escolhida por eles/elas. Uma plateia mais íntima e que cada um/uma sentisse isso nessa presença final de nossa pesquisa. Os(as) Educadores e a Gestão escolar que se fez presente foi a que já estaria na Escola, mas avisei antecipadamente desse dia de Culminância. Infelizmente o Diretor, não pôde estar presente mas estava representado por pessoas da Direção: coordenadores e secretários(as).

O desejo de muitos e muitas pós pesquisa e defesa do trabalho é a continuidade desses saberes étnicos na escola por meio da formação de um grupo permanente de teatro e dança. Penso que não só pela necessidade deles/delas de retornar para esse lugar de troca de saberes e partilhas a partir também da prática de danças afro-indígenas para criação de grupo cultural e apresentações desse novo processo de grupo focal é o que se almeja para uma escrita de doutorado que pretendo alcançar seja em Antropologia ou mesmo no ensino de Arte a partir das Artes Cênicas.

Existe um grupo de educandos que tem nos procurado constantemente para esse reinício, alguns já participantes mais antigos e outros que foram desistentes da pesquisa, porém, filhos pródigos desses saberes resultantes de todo esse rico processo de pesquisa a partir do ensino de arte na educação básica. Resumirei e tentarei expressar com a maior riqueza de detalhes possíveis sobre cada aspecto dessa construção coletiva artística e pedagógica que foi o percurso e a culminância do grupo focal, registrando aqui por escrito esse processo.

Compreendemos que a pesquisa poderia ter sido realizada com uma diversidade de outras pessoas que trouxessem palestras e saberes nos dias que nos reuníamos, mas sinto que seria uma demanda difícil, tendo em vista o dia que nos reuníamos até porque eu estava em sala de aula, não só na escola

devido a pesquisa, mas também em outro município em que só consegui afastamento em 2023. Por isso, vejo que mesmo com a vontade de fazer isso a expectativa não poderia ser longe da realidade e disponibilidade de tempo meu e dos(as) educandos(as). Até por que muitos(as) deles(delas) estavam em desistência e falta nos encontros. Essas desistências suscitaram em mim o desejo de termos um ou outro lanche coletivo e introduzi mais jogos de caráter recreativo e após isso vi um grupo mais ativo, afetivo e motivado.

Eu poderia citar aqui muitas questões que ainda hoje me inquietam após a Culminância da Pesquisa, porém, acredito que o que foi feito me deixa muito ciente que foi válido, independentemente das arestas que percebo enquanto hoje estar analisando o que foi experienciado nas reuniões que tivemos no percurso de pesquisadores. Desde as questões de estrutura e desistência dos/as educandos/as lá do início de tudo bem como as chuvas torrenciais que se abateram sobre a cidade. Percebo que ficou quem tinha que ficar e vejo que deu muito certo. Um grupo mais consciente do que queria debater, entender e criticar diante de uma realidade racista em Mamanguape.

Mas, mencionando essas memórias incluo que não visitamos nenhum lugar histórico como: casarões e ruas que os livros mencionam e muito menos assistimos nenhum vídeo documentário, não por falta de material visual até porque a escola já foi por duas vezes premiada sobre isso. Mas por ausência de alguns recursos tecnológicos da escola no que se refere a acesso digital, na época à internet e a televisão. Que sempre ora ou outra estava sendo utilizada pelos outros educadores(as) em sala de aula e muitos usavam *pendrive* não especificamente o *youtube*. Além disso, os vídeos de Mamanguape que nos referimos para um possível acesso constam no Facebook, mas que ainda assim necessitaria de *internet*, tendo entre mais questões sobre isso ainda o tempo de nos reunirmos que era de apenas 2h/aula até por ser contraturno.

Para muitos(as) deles/delas era cansativo não ter uma dinamicidade nos encontros e muitas vezes planejando percebi que não ia ser viável a demanda de agendar a TV e a internet, que poderia falhar entre outras questões. Os vídeos na verdade sobre Mamanguape estavam contados nos livros e não seria o foco principal de nossa Pesquisa que na verdade tomou um rumo mais voltado para a prática dos Jogos Teatrais. A partir disso nossa construção de uma Culminância com a musicalidade do Coco de Roda e da Ciranda vinha

numa crescente em vários aspectos: prático e dinâmico de nossas rodas de diálogos sobre os resultados. O que nesse momento surgiu foi: “O Dia do Refri”, ou mesmo “O Dia do Dindin”, lanche e partilha desse lanche foi que deu muito certo nessa trajetória do Grupo Focal nesses encontros de Leitura sobre Mamanguape e seus saberes ancestrais afro-indígenas. Muitos deles chegavam com fome à escola e era preciso ter esse momento antes de iniciarmos os diálogos.

Nesse foco ainda, vinha em mente o quanto questões étnicas já são resistentes em sala de aula tanto para o(a) educador(a) quanto para os educandos e tensas ao iniciar esses diálogos em sala de aula, mesmo com Leis que protegem o ensino desses conteúdos e várias questões que permeiam a luta por direitos, sendo necessidade constante essas conversas serem rotineiras e expostas em âmbitos diversos tanto quanto o foi em nosso Grupo Focal ao longo de 2022.

O Projeto da Secretaria de Educação por nome: “Mamanguape e suas Histórias” onde um, em 2017 e o outro realizado em 2018, ambos foram realizados e registrados para isso e chegaram ao olhar dos mamanguapenses. Sobre os pontos que sinto falta também seria ter incluído artesãos locais para debater sobre sua produção, mas, infelizmente, a demanda de lugar e novos horários para essa oficina não aconteceu, até pelo fato do cronograma que teria que realizar no que se refere à culminância e ensaios.

Ainda registrando as questões de obstáculos mencionamos as enchentes e a falta de espaços aos sábados para o desenvolvimento das oficinas, tanto quanto as desistências, é válido mencionar que são situações que fogem ao controle, pois é algo externo a nossa vontade enquanto Grupo Focal.

Foi um período da pesquisa tenso e incerto, principalmente o das enchentes pois os educandos(as) não podiam estar presentes e nesse momento ficamos muito preocupados com o desenrolar da pesquisa. Como seria caso as dificuldades e impedimentos piorassem? Também estávamos preocupados para além da pesquisa pois a nossa cidade vizinha, Rio Tinto, vivia um momento muito difícil e as manchetes jornalísticas com as enchentes nessa cidade eram diárias em redes sociais diversas, tanto quanto “no boca a boca” da cidade em si. Muitos dos nossos educandos têm familiares nessa

cidade, o que estendia as nossas preocupações. Esse espaço grande de tempo sem nos encontrarmos, desmotivava em diversos aspectos. Desde que essas enchentes começaram que o Grupo Focal ficou em um tempo tenso de incertezas repercutindo até no que realmente iríamos fazer. E o que fizemos, até esse tempo ainda era muito pouco realmente, o nos deixou preocupados até sobre que caminho adotaríamos no retorno, que até então estava sem data e prazo para retornarmos. Será que conseguiríamos retomar as oficinas e encontros?

No que se refere por exemplo à falta de espaço “felizmente ou infelizmente” é importante citar: infelizmente isso demandou mais tempo de ensaio, pois tínhamos que esperar uma sala ou outra estar disponível, ser ligada a energia dos ventiladores e da luz dela, além de mencionar à Direção que estaríamos ali e ter a autorização devida caso não tivesse outro Projeto sendo ensaiado, no que se refere à prefeitura aos sábados, como: O Ensino de Libras; Violão e Voz, Projeto de Vida entre outros, como aconteceu algumas vezes. “Felizmente” quando esses projetos não aconteciam nós “ganhávamos” o espaço para a nossa oficina.

Outro ponto positivo a destacar foram os convites que recebemos para a realização de palestras e diálogos sobre a história de Mamanguape que pesquisamos nos livros utilizamos na pesquisa. Ainda sobre isso, essas palestras se deram nesse ano de 2023 (junho) a convite da Professora de História, da outra escola onde leciono Artes. Esse convite foi para partilhar as experiências sobre a temática da pesquisa e a necessidade desse contexto temático ter novas possibilidades em sala de aula, onde atuo e onde a citada professora também atua - Escola Frederico Lundgren na cidade de Rio Tinto. Essa temática, por sua relevância, tem a necessidade de ser mais vezes mencionada e debatida, como propomos, de forma rotineira no Ensino de Artes e em outras disciplinas, a exemplo da disciplina de História, que registramos nesse relato.

No que se refere à continuidade desse trabalho, pensamos em aprofundá-lo após a pesquisa ser apresentada e defendida. Pretendemos abrir “vagas” à interessados/as em participar de um grupo permanente de danças e teatro que dialogue sobre essa ancestralidade étnica e diferentes identidades culturais. Não haverá exclusão em relação a ser negro, branco, ser indígena ou

não, porque para defender esses saberes não precisamos ter ou ser dessa ou daquela cor. Diariamente ao reencontrar os/as educandos/as pesquisadores os/as vejo motivando outros/as educandos/as para esse inserção de novos/as membros/as.

Ainda sobre a formação de um novo grupo de estudos, a ideia é uma retomada de encontros semanais em contraturnos dos(as) interessados/as por adesão livre. Ainda sobre isso, quero retomar a escrita de artigos sobre o tema pois sinto uma forte necessidade de continuar esses estudos sobre etnia e sobre Mamanguape na Universidade, mas dessa vez no Doutorado em Antropologia, Agremiação Conjunto Tradição), desde 2012.

Sobre as iniciativas que tomei diante da Culminância da Pesquisa posso mencionar questões como: organização de um grupo de Teatro e Dança afro-indígena e a realização de oficinas para facilitar os diálogos sobre esses saberes trazidos pela leitura dos livros sobre a história local pois ainda hoje é necessária uma maior investigação sobre essas questões.

Em minha vida profissional percebo que essas intervenções mudaram minha atuação e visão de mundo, motivando-me para outros estudos acadêmicos tendo em vista que é oferecido no Campus V da UEPB na cidade de Rio Tinto o curso de Doutorado em Antropologia, município esse onde também sou arte-educadora e atriz de rua do Urso Coca-cola. Me tornei mais atenta a minha poética sobre o assunto e milito muito mais potente sobre questões locais no que se refere a saberes sobre essa ancestralidade afro-indígena tão necessários, mas ainda hoje silenciados.

É perceptível a diferença sobre falar de questões referentes a etnia hoje em dia na escola Ana Cavalcante, pois não é algo novo, mas rotineiro desde sempre e agora fluindo de forma mais potente. Vi fluir esses saberes em diversos aspectos na minha sala de aula entre os/as educandos/as da pesquisa tão quanto com os/as que de alguma forma assistiram no dia da culminância e aqueles que assistem minhas aulas de Arte e que independentemente da pesquisa traz esse lugar de dialogar sobre essas questões da nossa identidade cultural. Essa forma de educação antirracista se faz necessária e independe da pesquisa realizada, mas que se tornou importante ver nos/as educandos/as da nossa escola essa fruição de saberes afro-indígenas.

Alguns fatos percebo que são importantes de se destacar, como a fala da educanda Rhândia que diz:

“Professora eu só não mantenho meu cabelo crespo pelo preconceito que ele revela.”

Ou mesmo a fala da educanda Nicolly:

“Ver reportagens de negros/as sendo injustiçados(as) me incomoda”.

São questões preocupantes que a pesquisa trouxe como realidade. Várias educandas saíram do Grupo Focal, por decisão de não falar de seu cabelo crespo ou mesmo não querer e não se reconhecer negra ou que tem cabelo crespo.

Acreditamos que de alguma forma isso é sim um resultado válido pois revelou de forma contundente que essas questões étnicas ainda são muito delicadas e complexas numa sociedade que ainda não se reconhece antirracista.

Tão quanto a sonoplastia, os figurinos definidos para cada cena, as vivências, as oficinas e as rodas de diálogos sobre Mamanguape, o relacionamento desenvolvido de afeto em um grupo pequeno de educandos pesquisadores, bem como o crescimento social e pessoal de cada participante diante de todo esse processo utilizado nas rodas de diálogos que foram aqui já mencionadas seja por imagem ou por relato da experiência vivida ao longo dessa pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Ana Isabel de Sousa Leitão; VASCONCELOS, Severina Maria de Oliveira de. **Mamanguape, 150 ANOS: uma cidade histórica**. Mamanguape – Paraíba: Prefeitura Municipal de Mamanguape, 2005.
- ARANTES, Antonio Augusto. **O que é Cultura Popular?** São Paulo: Brasiliense, 2004 – Coleção primeiros passos; 36.
- BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (org.). **A Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore?** São Paulo: Brasiliense, 2003 – Coleção Primeiros Passos; 60.
- \_\_\_\_\_. Vocações de criar: anotações sobre a cultura e as culturas populares, 32. **Artigo**. Disponível em: file:///C:/Users/Aline/Downloads/Carlos%20Rodrigues%20Brand%C3%A3o%20Anota%C3%A7%C3%B5es%20sobre%20a%20Cultura%20e%20Culturas%20Populares.pdf. Acesso em: 10 ago. 2023.
- BRASIL. MEC. BNCC. **Base Nacional Comum Curricular**. ARTE, 2017.
- CANANÉA, Fernando A. Abath L. C. **Educação popular e identidade cultural**. João Pessoa: Editora Imprell, 2016.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1987.
- COSTA, Adailton Coelho. **Mamanguape, a fênix paraibana**. Campina Grande: Grafset Ltda, 1986.
- Desgranges, Flávio. **A pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. 3. ed. – São Paulo: Editora Huciter, 2011.
- FELINTO, Renata. **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para alunos: religiosidade, identidade e artes visuais**. Renata Felinto (org.). Formação docente. Belo Horizonte, MG: Fino Traço Editora Ltda, 2012.
- FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HAYDÉE, Sandra. **Pretagogia: pertencimento, corpo, dança – afro ancestral e tradição oral africana na formação de professores e professoras –**

Contribuições do legado africano para implementação da Lei nº10.639/2003. Fortaleza: Eduece, 2015.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Curso de estética**: o sistema das artes. Tradução de Álvaro Ribeiro – São Paulo: Martins Fontes, 1997, (Paidéia).

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos teatrais**. Debates-Dirigida por J. Guinsburg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.

LARRAIA, Roque de Barros (1932). **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

MENDONÇA, Aldo. **Luta e suor em Mamanguape**: o caso do Engenho de Itapecerica. São Paulo: Editora Dialética, 2021.

Ortiz, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

NICOLAU, Marcos. **Educação criativa**: ensinando a arte de aprender e aprendendo a arte de ensinar. João Pessoa: Ideia Editora, 1997.

PIMENTEL, Altamar de Alencar. **Coco de roda; Ciranda**. FIC/Governo do Estado da Paraíba, 2004-2005.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola**. São Paulo: Scipione, 1997.

RODRIGUES, Adiel Alves. **Panorama de Mamanguape**: uma exposição histórica do município. Recife: COMUNIGRAF, 2008.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam**: leitura da arte na Escola. 9 ed. (rev. e atual) Porto Alegre: Mediação, 2009 (Coleção- Educação e Arte; v. 2).

SLADE, Peter. **O Jogo dramático infantil**. São Paulo: Ed. Summus, 1978.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais (org.). Stuart Hall; Karthryn Woodward. 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOARES, Marcela. **Escravidão e dependência**: opressões e superexploração da força de trabalho brasileira, 22. [2022]. Disponível em: <https://revistalaborare.org/index.php/laborare/article/view/149/154>. Acesso em: 22 ago.2023.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A: TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA



SECRETARIA  
DE EDUCAÇÃO



PREFEITURA DE  
MAMANGUAPE



E.M.E.F. ANA CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE  
RUA CORONEL JOÃO RAFAEL, S/N - SERTÃOZINHO - MAMANGUAPE - PB

CNPJ: 03.168.859/0001-001

CÓDIGO DO INEP: 25086979

TELEFONE: 83993682457

E.M.E.F. ANA CAVALCANTE  
DE ALBUQUERQUE

EMAIL: [escolaanacavalcante@gmail.com](mailto:escolaanacavalcante@gmail.com)

R. Cel. João Rafael, S/N - Sertãozinho  
CEP: 58.280-000 - MAMANGUAPE - PB

#### CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos (o) a pesquisador (a) **Aline Lima dos Santos**, a desenvolver o seu projeto de pesquisa **PERTENCIMENTO AFROINDÍGENA NAS AULAS DE ARTES: em busca de nossa ancestralidade de encruzilhada em Mamanguape/PB**, que está sob a coordenação/orientação do(a) Prof. (a) **Fernando Antônio Abath Luna Cardoso Cananéia** cujo objetivo é **Promover uma Cosmovisão de Ancestralidade de Pertencimento aos povos originários a partir de referências sobre Mamanguape com Vivência de Performance e Dança**, nesta Escola Municipal de Ensino Fundamental Ana Cavalcante de Albuquerque. Conforme o período que compreende de: Março / 2022 à Março / 2024.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do (a) pesquisador (a) aos requisitos da Resolução 466/12 CNS e suas complementares, comprometendo-se o/a mesmo/a a utilizar os dados pessoais dos sujeitos da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Local, em 30/03/2022

Robson Nascimento da Silva

Robson Nascimento da Silva  
Gestor Escolar  
Mat 67537

## APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Prezado (a) Senhor (a) -

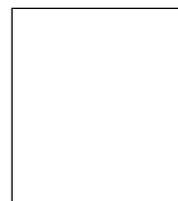
---

Esta pesquisa é sobre **JOGO TEATRAL E IDENTIDADE AFRO-INDÍGENA: valorizando a ancestralidade no município de Mamanguape, PB** e está sendo desenvolvida por Aline Lima dos Santos alunado Curso de Mestrado no Ensino de Artes da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Antonio Abath Luna Cardoso Cananéa. Os objetivos do estudo são: Geral: Fortalecer a identidade cultural dos educandos(as) que vivenciam essa rotina de saberes dos povos originários, visando o referenciamento na perspectiva dos povos indígenas e afrodescendentes, buscando vivências orais e de performances de encruzilhada das duas etnias originárias não só do Brasil, mas do território mamanguapense. Específicos: Identificar o território antes e depois das vivências sobre a história local de pertencimento; Acessar os conhecimentos dos autores que escrevem sobre a história da cidade de Mamanguape; Vivenciar o reconhecimento desse corpo encruzilhado. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é “Sabendo da luta de descolonização brasileira de estereotipar o corpo como pardo não afirmando esse pertencimento nacional afro e indígena e, diante dessa realidade que vivencio com muita intensidade no território do município de Mamanguape, é que decidi realizar esses estudos. Pretendemos com essa pesquisa falar, dialogar e fortalecer uma identidade cultural desses saberes ancestrais de pertencimento da cidade que resido e onde atuo como arte-educadora, minha querida cidade litorânea Mamanguape. A finalidade deste trabalho é contribuir para com o fortalecimento da identidade cultural mamanguapense e o reconhecimento por parte dos educandos sobre a sua etnia e pertencimento local. Solicitamos a sua colaboração para entrevistas , como também sua autorização para apresentar os resultados deste

estudo em eventos da área de arte educação e publicar em revista científica (*se for o caso*). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será divulgado. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados e de minha imagem. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

---

Assinatura do Participante da Pesquisa  
ou Responsável Legal



OBERVAÇÃO: (em caso de analfabeto - acrescentar)

Espaço para impressão  
dactiloscópica

Contato com a Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Aline Lima dos Santos Telefone: (83) 994012570, e-mail [alinelima\\_pb@hotmail.com](mailto:alinelima_pb@hotmail.com) ou para o Comitê de Ética do CCS-UFPB - Campus I – Cidade Universitária. Bairro: Castelo Branco – João Pessoa - PB. CEP: 58059-900 CNPJ: 24098477/007-05 Fone: 32167964 - e-mail: [comitedeetica@ccs..ufpb.br](mailto:comitedeetica@ccs..ufpb.br)

Atenciosamente,

---

Assinatura do Pesquisador Responsável

---

Assinatura do Orientador

## APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO APLICADO COM OS EDUCANDOS (AS) PARTICIPANTES DA PESQUISA



**Prof-Artes**  
Mestrado Profissional em Artes

**ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ANA CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE**

Nome do(a) Educando(a): \_\_\_\_\_

Mestranda: Profa. Aline Lima dos Santos

Orientador: Prof. Dr. Fernando Antonio Abath Luna Cananéa

**PERTENCIMENTO AFROINDÍGENA NAS AULAS DE ARTES: em busca de uma ancestralidade de encruzilhada em Mamanguape/PB**

### QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO

1. O que você espera aprender neste projeto de pesquisa sobre nossa cor da pele?
2. O que você mais gostou de nosso primeiro encontro de pesquisa?
3. O que você gostaria de vivenciar nas oficinas do projeto de pesquisa?
4. Gostaria de vivenciar qual das duas vivências de Corpo? Corpo Afro ou Corpo Indígena?
5. Gostaria de fazer alguma sugestão para nossas vivências com Dança e Teatro?

## APÊNDICE D: QUESTIONÁRIO FINAL APLICADO COM OS EDUCANDOS (AS) PARTICIPANTES DA PESQUISA



**Prof-Artes**  
Mestrado Profissional em Artes

**ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ANA CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE**

Nome do(a) Educando(a): \_\_\_\_\_

Mestranda: Profa. Aline Lima dos Santos

Orientador: Prof. Dr. Fernando Antonio Abath Luna Cananéa

**PERTENCIMENTO AFROINDÍGENA NAS AULAS DE ARTES: em busca de uma ancestralidade de encruzilhada em Mamanguape/PB**

### QUESTIONÁRIO DE VERIFICAÇÃO FINAL

1. O que você aprendeu nessa pesquisa sobre nossa cor da pele?
2. O que você mais gostou de todas as nossas oficinas desenvolvidas pesquisa que gostaria de citar?
3. O que foi novo para você de todas as nossas oficinas?
4. Qual das duas vivências de Corpo: Corpo Afro ou Corpo Indígena que você mais se identificou?
5. Gostaria de sugerir algo para nossas vivências com Dança e Teatro?